

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

BRUNA FASOLI REBOUÇAS

DE CORE À PERSÉFONE:
a iniciação da vida sexual feminina na
contemporaneidade: uma análise junguiana

SÃO PAULO
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

BRUNA FASOLI REBOUÇAS

DE CORE À PERSÉFONE:
a iniciação da vida sexual feminina na
contemporaneidade: uma análise junguiana

Trabalho de Conclusão de Curso como
exigência parcial para graduação no curso
de Psicologia, sob orientação da Profa.
Luisa de Oliveira.

SÃO PAULO
2014

Área do conhecimento: 7.07.07.02-2. Desenvolvimento social e da personalidade

Título: De Core à Perséfone: a iniciação da vida sexual feminina na contemporaneidade: uma análise junguiana

Orientanda: Bruna Fasoli Rebouças

Orientadora: Luisa de Oliveira

Palavras chaves: sexualidade, iniciação, psicologia analítica

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é compreender como tem sido vivenciada a iniciação da vida sexual feminina. Para tal a pesquisa buscou averiguar quais as principais associações em torno da sexualidade e quais aspectos são vividos como iniciáticos. A parte teórica contempla da questão a adolescência como fase do desenvolvimento, o arquétipo da iniciação e suas principais características quando ativado na juventude e a sexualidade na adolescência, bem como as associações em torno da virgindade feminina. A pesquisa de campo foi realizada segundo o método proposto por Penna (2009), o Processamento Simbólico Arquetípico e segue o enfoque metodológico qualitativo. Nela foram entrevistadas quatro jovens do sexo feminino, com idades de 18 a 22 anos, que iniciaram a vida sexual no máximo 1 ano e 6 meses atrás. O método de amostragem escolhido foi o de Snowball, ou pesquisa em cadeia. O instrumento de pesquisa foi uma entrevista semi-dirigida, que contempla temas amplos referentes à sexualidade. A análise dos dados obtidos, bem como a parte teórica foram realizadas dentro do paradigma da Psicologia Analítica. Após a análise de cada relato, foram discutidos os principais elementos evidenciados: a desconexão com o corpo e instintos, medo de entrega e o papel dos adultos no processo de transição das adolescentes para a maturidade.

Field of knowledge: 7.07.07.02-2. Social and personality development.

Title: From Core to Persephone: the initiation of female sexual life in contemporaneity: a jungian analysis.

Student: Bruna Fasoli Rebouças

Teacher: Luisa de Oliveira

Key words: sexuality, initiation, analytical psychology.

ABSTRACT

The goal of the present essay is to comprehend how female sexual initiation is being experienced. In doing so, this research analyzed the main associations with sexuality and which of its aspects are being experienced as initiatory. The theory revolves around adolescence as a development stage, the initiation archetype and its main characteristics when activated during youth and sexuality throughout adolescence, as well as associations concerning female virginity. The field research was conducted according to the method proposed by Penna (2009), the Symbolic Archetypal Process and has a qualitative methodological focus. In it four young girls, between ages of 18 and 22, who have been sexually initiated 1 year and 6 months ago maximum, were interviewed. The sampling chosen was Snowball or chain research. The instrument was a semi-directed interview contemplating a wide range of themes regarding sexuality. Data analysis, as well as theory were considered in an Analytical Psychology perspective. After the analysis of each individual story, the main highlighted elements were discussed: the disconnection with body and instincts, the fear of surrender, and the role of adults in the transition of adolescents into maturity.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às quatro mulheres: Ana, Gabriela, Vanessa e Isadora que dividiram suas histórias comigo, me permitindo acesso a seus pensamentos íntimos, possibilitando a construção deste trabalho.

À minha orientadora, professora Luisa de Oliveira, que esteve comigo no início da minha formação, contribuindo para que o encantamento pela psicologia analítica nascesse dentro de mim, e que agora me acompanha neste momento tão importante de fechamento de um ciclo. Obrigada pelo acolhimento, carinho e inspiração e é claro, pelos “empurrões” necessários, em momentos pertinentes.

À minha parecerista, Flavia Hime, por disponibilizar seu tempo e atenção e compartilhar seus pensamentos a respeito de um trabalho tão importante para mim.

Aos professores e mestres que participaram da construção da minha identidade, tanto profissional quanto pessoal. Irei carregar comigo suas palavras e conselhos tentando sempre fazer bom uso deles.

Aos meus colegas de curso e de orientação, que dividem comigo a vivência universitária, trazendo alegrias e fazendo com que me sinta normal em meus momentos de estresse. Aos meus amigos da vida, pela ampliação de horizontes.

Às minhas queridas Skywalkers, por me mostrarem que mesmo em meio às responsabilidades e preocupações, momentos de besteiras e risadas são sempre bem vindos.

Às minhas Carolinas, tanto Ana, quanto Maria, meus anjos da guarda que sempre me proporcionam reflexões profundas e palavras sábias e amorosas.

Ao meu irmão, Caio, por me indicar muitas vezes o caminho das pedras, e oferecer compreensão quando desvios se fazem necessários. À Cássia pela escuta e orientação.

Ao Fabio, meu companheiro e porto seguro, por todo o amor, incentivo e suporte. Obrigada por juntar sua vida com a minha.

Aos meus pais, Luiza e Roberto por tudo; pela vida, amor, dedicação, oportunidades e estrutura. Por tornarem sonhos realidade, e ajudarem a fazer de mim quem eu sou.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 ADOLESCÊNCIA	10
3 O ARQUÉTIPO DA INICIAÇÃO	16
3.1 ESTRUTURA E DINÂMICA DO ARQUÉTIPO DA INICIAÇÃO.....	16
3.2 O ARQUÉTIPO DA INICIAÇÃO NA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA.....	19
3.3 PARTICULARIDADES DA INICIAÇÃO FEMININA	23
4 SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E VIRGINDADE	27
4 PESQUISAS RELEVANTES NOS ÚLTIMOS 10 ANOS	33
5 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	41
6 MÉTODO.....	42
6.1 PARTICIPANTES.....	43
6.2 INSTRUMENTO.....	44
6.2.1 ENTREVISTA.....	44
6.3 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	45
6.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	46
7.5 METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	47
8 APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE	49
8.1 GABRIELA	49
8.2 VANESSA.....	52
8.3 ANA	57
8.4 ISADORA.....	61
9 DISCUSSÃO	67
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	76
ANEXOS	80

1 INTRODUÇÃO

No processo de busca pelo tema a ser investigado, me deparei com o mito grego de Deméter e Perséfone, que serviu de grande fonte de inspiração, colaborando para o nascimento do tema deste trabalho.

Divindade da terra cultivada, a filha de Crono e Reia é essencialmente a deusa do trigo, tendo ensinado aos homens a arte de semeá-lo, colhê-lo e fabricar o pão.[...] Tanto no mito quanto no culto, Deméter está indissoluvelmente ligada à sua filha Core, depois Perséfone, formando a dupla quase sempre denominada simplesmente *As Deusas*.[...] Core crescia tranqüila e feliz entre as ninfas e em companhia de Ártemis e Atená, quando um dia, seu tio Hades, que a desejava, a raptou com o auxílio de Zeus [seu pai].[...] Core colhia flores e Zeus, para atraí-la, colocou um narciso ou um lírio às bordas de um abismo. Ao aproximar-se da flor, a Terra se abriu, Hades ou Plutão apareceu e a conduziu para o mundo ctônio. Desde então, começou para a deusa [Deméter] a dolorosa tarefa de procurar a filha, levando-a a percorrer o mundo inteiro, com um archote aceso em cada uma das mãos. No momento em que estava sendo arrastada para o abismo, Core deu um grito agudo e Deméter correu, mas não conseguiu vê-la, e nem tampouco perceber o que havia acontecido. Simplesmente a filha desaparecera. Durante nove dias e nove noites, sem comer, sem beber, sem se banhar, a deusa errou pelo mundo. No décimo dia encontrou Hécate, que também ouvira o grito e viu que a jovem estava sendo arrastada para algum lugar, mas não lhe foi possível reconhecer o raptor, cuja cabeça estava cingida com sombras da noite. Somente Hélio, que tudo vê, e que já, certa feita, denunciara os amores secretos de Ares e Afrodite, cientificou-a da verdade. Irritada com Hades e Zeus, decidiu não mais retornar ao Olimpo, mas permanecer na Terra, abdicando de suas funções divinas, até que lhe devolvessem a filha. [...] Provocada por ela [a saudade], uma seca terrível se abateu sobre a terra. Em vão Zeus lhe mandou mensageiros, pedindo que regressasse ao Olimpo. A deusa respondeu com firmeza que não voltaria ao convívio dos imortais, e nem tampouco permitiria que a vegetação crescesse, enquanto não lhe entregassem a filha. Como a ordem do mundo estivesse em perigo, Zeus pediu a Plutão que devolvesse Perséfone. O rei dos Infernos curvou-se à vontade soberana do irmão, mas habilmente fez que a esposa colocasse na boca uma semente de romã [...] o que a impedia de deixar a *outra vida*. Finalmente chegou-se a um consenso: Perséfone passaria quatro meses com o esposo e oito com a mãe. Reencontrada a filha, Deméter retornou ao Olimpo e a terra cobriu-se instantaneamente, de verde. [...] O pouco que se conhece das cerimônias secretas deixa claro que o mistério central envolvia a presença das duas deusas e que sua fundamentação era a morte simbólica, a descida de Perséfone e seu retorno triunfante, como a semente que morre no seio de terra e se transmuta em novos rebentos. (BRANDÃO, 2012, p. 306-310)

Voltando a atenção para o mito, é possível observar que Deméter e Core viviam uma relação bem estreita, até que Core se encanta pelo narciso que Zeus põe em seu caminho, e cai no reino de Hades para tornar-se sua esposa. Nessa passagem podemos perceber que o interesse de Core pela flor que a levará mais tarde a se relacionar com Hades já seria uma primeira representação do movimento de desejar coisas por si própria, tornar-se independente e passar do papel de menina ao papel de mulher.

Segundo Brandão (2012) “Perséfone seria o símbolo supremo da repressão e o sentido secreto dos Mistérios de Elêusis consistiria na descida ao inconsciente, com o

propósito de libertar o desejo reprimido, e procurar a verdade com vistas a si mesmo, o que pode ser a mais bela das conquistas.” (p.321). Ela busca conhecer sua própria verdade, desce ao inferno e retorna transformada.

Devemos nos atentar também ao simbolismo da romã, que faz com que Perséfone não possa deixar a *outra vida*, de esposa de Hades. Brandão (2012) assinala que o simbolismo da romã, assim como dos outros frutos com muitas sementes está relacionado com a fecundidade e que na Ásia sua imagem simboliza o desejo, sendo por vezes a representação da própria genitália feminina. Perséfone sucumbe à sedução e permanece ligada ao marido por parte do ano, ao invés de permanecer nos braços da mãe para sempre. Este momento marca o início da vivência do papel de esposa, de mulher capaz de desejar e ser desejada. Em algumas versões até seu nome passa por uma transformação: Core, passa a se chamar Perséfone, a esposa de Hades. (RIBEIRO, 2009)

Brandão (2012) discute ainda a relação evidenciada no mito, entre a alimentação e a sexualidade; assinala que muitas vezes o desejo sexual é visto como uma manifestação de uma faceta da necessidade de alimentação. O autor observa que o comportamento normal do ser humano aponta tal relação, principalmente por parte da mulher no ato do coito, que seria inconscientemente um ato de devorar simbolicamente o macho.

Nesse mito se desenha o processo de amadurecimento de Core, a transição do papel de menina/filha para o de mulher. Também é evidenciado como este processo de independência se dá partir da experimentação de novas possibilidades e potencialidades. O sexo e o relacionamento com Hades aparecem como meios de auto-conhecimento, libertação e conquista.

Assim como o mito de Perséfone, que aponta o importante papel da sexualidade no desenvolvimento da mulher existem diversos outros mitos, advindos de diferentes culturas que retratam múltiplas facetas do feminino e maneiras de relacionar-se com a própria sexualidade e feminilidade. Entre tais personagens míticas estão Lilith, a primeira mulher de Adão, expulsa do paraíso pela sua falta de submissão, Eva, uma mulher feita da costela de Adão, submissa, mas, no entanto responsável pelo pecado e a expulsão do paraíso, Afrodite, a deusa grega do amor, entre outras. Segundo Penna (2009) “os mitos são resultantes da compilação do conhecimento acumulado sobre a constituição do mundo e dos seres vivos, seu funcionamento e integração. A mitologia é uma produção coletiva anônima e espontânea de conhecimento que brota do inconsciente coletivo e constrói consciência coletiva”. (p.31)

A partir das idéias e reflexões suscitadas pela leitura do mito de Perséfone e destas outras emblemáticas mulheres, das vivências como mulher na sociedade atual e das muitas

conversas e confidências entre amigas ao longo da vida, surgiu a questão que este trabalho procura investigar: como tem sido vivenciado o início da vida sexual feminina na contemporaneidade, e se possui caráter iniciático, como para Perséfone. Para garantir a compreensão aprofundada do tema e a investigação das associações relevantes em torno da sexualidade feminina, o presente trabalho foi organizado em dez capítulos:

O capítulo 2 - “Adolescência” - aborda a adolescência como fase do desenvolvimento e de transformação, apontando suas principais características.

O capítulo 3 - “O arquétipo da iniciação” - apresenta a iniciação como necessidade arquetípica mesmo em nossa cultura que possui uma lacuna de ritos coletivos. Também aborda a estrutura e a dinâmica do arquétipo, suas características quando ativado na juventude contemporânea e as particularidades da iniciação feminina.

O capítulo 4 - “Sexualidade, adolescência e virgindade” - aborda a sexualidade na adolescência e as principais idéias e associações em torno da virgindade feminina.

O capítulo 5 - “Pesquisas relevantes nos últimos 10 anos” - apresenta algumas pesquisas produzidas no meio acadêmico na última década, que tivessem como tema central adolescência, sexualidade ou feminino.

O capítulo 6 - “Problema de pesquisa e objetivos” - expõe o tema a ser investigado pela pesquisa (e sua relevância), e seus principais objetivos.

O capítulo 7 - “Método” - contém a apresentação do método de coleta e análise de dados, critérios de inclusão e exclusão de participantes, método de amostragem, instrumento de pesquisa, procedimentos de coleta e considerações éticas em relação à pesquisa com seres humanos.

O capítulo 8 - “Apresentação de dados e análise” - apresenta os dados mais relevantes dos relatos das participantes, juntamente com a análise do material, uma a uma.

Os capítulos 9 e 10 contemplam a discussão e considerações finais.

2 ADOLESCÊNCIA

Para entender a vivência da iniciação sexual feminina, suas particularidades e as transformações que a acompanham, é fundamental o estudo da adolescência. Isso em função de ser nesta etapa que a sexualidade “adulta se insinua, de tal forma que é possível dizer que o adolescente vive a transição de uma existência não sexual para uma existência sexual” (PENNA e ARAÚJO, 2010, p.29). Knobel (1981) define a adolescência como uma fase evolutiva ao longo da qual o jovem estabelece sua identidade adulta. A adolescência não é uma “entidade” isolada ou superespecial, mas sim uma fase que se dá dentro, que faz parte de um processo evolutivo.

Durante a infância, a criança depende totalmente das figuras de afeto e autoridade (mais comumente dos pais) para ter suas necessidades fisiológicas e emocionais satisfeitas. Neste sentido, existe um senso de pertencimento a estas figuras, e a criança acaba muitas vezes agindo como que numa continuidade delas. Segundo Faria (2003) durante a infância o ego, que está em desenvolvimento, e não se encontra plenamente íntegro e fortalecido, precisa formar uma *persona* adaptativa, que esteja de acordo com a moral familiar e coletiva, auxiliando na construção de um ego ideal, que faça com que a criança se sinta parte do grupo e tenha uma percepção positiva de si mesmo. Durante a infância, as predisposições arquetípicas, combinadas com as vivências relacionais com os pais pessoais, formam os complexos parentais, dotando-os de forte carga emocional. Estes arquétipos regem o processo de individuação até a puberdade, o que consolida o funcionamento da consciência em termos patriarcais e matriarcais.

Segundo Penna e Araújo (2010) na adolescência se inicia a transição para o dinamismo de alteridade, e isso exige a reestruturação de demandas patriarcais e o resgate de elementos matriarcais que fazem parte da sombra. Neste período emergem novas possibilidades de vida, que demandam a integração que levaria a uma individualidade mais plena. “Sob a dinâmica da alteridade é possível compartilhar, cooperar, fazer parcerias e acordos, forjando um relacionamento de simetria que não estava disponível na infância” (PENNA e ARAÚJO, 2010, p.28)

Com a chegada da adolescência a configuração infantil de relacionamento não é mais suficiente, ou mesmo adequada. O jovem passa a ver a si mesmo fora da relação, não mais se definindo apenas como filho(a), mas como alguém além deste rótulo. (PIGOZZI, 2002). No processo de conquista de liberdade muitos vínculos emocionais serão construídos e/ou ressignificados, ocorrendo uma reavaliação de contratos afetivos já estabelecidos. O jovem está mudando de papel, e esta mudança reverbera em diversos aspectos de sua vida.

Assim como as demais, a relação com os pais também sofre mudanças substanciais. O filho(a) está em processo de adquirir autonomia, passando a administrar certas necessidades, mas ainda depende (mesmo que não totalmente) dos pais em alguns aspectos, incluindo o emocional. Para Aberastury (1981) a adolescência representa “o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento” (p.13). Interessante observar que tal processo de desprendimento, ocorre dentro de um contexto social; Molineiro (2007) assinala que o período de transição e inserção na vida adulta, que na concepção da sociologia se caracteriza por etapas como sair da casa dos pais e dar início a vida profissional, tem se prolongado. Sendo assim, a vida adulta estaria se iniciando mais tarde, o que possibilita falarmos de uma adolescência tardia, ou uma extensão do período da adolescência.

Aberastury (1981) aponta ainda para o fato de que no período da adolescência o jovem pode oscilar entre a dependência ou a independência extrema, movendo-se entre o impulso de se desprender e a defesa, o medo de perder aquilo que lhe é conhecido. Para a autora só a maturidade irá permitir a aceitação da independência, ainda que dentro de um limite de necessária dependência. Pigozzi (2002) assinala que a relação do adolescente com os pais não pode mais ser classificada como independência ou dependência, mas sim com interdependência, visto que os pais também dependem afetivamente dos filhos.

Storch (2012) afirma que nas formulações iniciais da psicologia analítica é postulado que a primeira metade da vida estaria voltada para o desenvolvimento do Ego e a separação deste e do *Self*¹ e a segunda para a reunificação. Atualmente acredita-se que os processos de separação e reunificação acontecem diversas vezes na vida, inclusive durante a adolescência. Da mesma forma ocorreu uma mudança no que diz respeito à maneira de entender o processo de individuação; Jung originalmente o descreve como processo próprio da segunda metade da vida, mas pós-junguianos ampliaram o conceito, passando a considerar que a individuação é inerente a todas as fases da vida. Sendo assim o papel do *Self* passa a ser considerado também na primeira metade da vida.

Para Pigozzi (2002), o adolescente tende a buscar modelos próprios, rompendo com modelos preexistentes, especialmente no que diz respeito a padrões de relacionamento familiar e social. Segundo Pigozzi (2002) “o despertar para novos interesses fora do circuito doméstico contribui para o estabelecimento de uma individualidade própria” (p.27). Segundo Penna e Araújo (2010) para o jovem o universo infantil vai perdendo seu valor, enquanto que a sua curiosidade é aguçada em relação ao universo adulto; o novo começa a se tornar

¹ Segundo Penna (2013) “Para Jung a totalidade humana é designada pelo termo si - mesmo (*Selbst*; *Self*) Ele usa esse termo para se referir à individualidade e à generalidade do ser humano. [...]. O si - mesmo (*Self*) como totalidade, representa o ser humano primordial, original e eterno, isto é, o humano arquetípico. No âmbito da individualidade, abarca a personalidade individual na acepção mais essencial e abrangente possível.” (p.142)

atraente, e seu interesse começa a voltar-se para coisas que não lhe chamavam atenção antes, e o que lhe parecia fundamental não é visto mais com tanta importância. Existe, no entanto, segundo as autoras, uma força regressiva que busca refúgio e proteção que o jovem tinha quando criança, atraindo-o a um apego ao nível de consciência infantil. Por outro lado existe o desejo de conquista autonomia e individualidade, que o empurra para o novo. Essa tensão entre os opostos impulsiona o processo de individuação.

Penna e Araújo (2010) apontam que esse movimento pode ser explicado pelo modelo de Jung de regressão e progressão da libido. Nesse movimento de energia psíquica, é ativado o arquétipo² *Puer-Senex*, como suas polaridades de apego e desapego. O *puer* exige o desapego daquilo que é infantil, impulsionando para o novo, enquanto o *Senex* busca a estabilidade e tende a manter o ego na condição infantil, como forma de manter-se ligado ao passado seguro e conhecido. Segundo Faria (2003), pode ocorrer de o jovem, preenchido pela energia do arquétipo do *Puer*, constelar uma situação unilateral, na qual toda a rigidez do *Senex* é projetada nos pais. Nestas situações, estabelece-se uma oposição intensa entre pais e filhos, como representantes do novo e do velho.

Além dos arquétipos *Puer* e *Senex*, diversos outros potenciais arquetípicos são ativados: existe uma modificação na relação com o arquétipo parental, a articulação criativa da energia arquetípica vinda da *anima* e *animus* com o arquétipo do herói que auxilia na busca pelo novo. Em função dessa dinâmica, muitos valores são revistos e questionados, podendo provocar revolução no sistema *persona*³-*ego-sombra*⁴.

As modificações vivenciadas são marcadas pela experimentação de todas as novidades que surgem neste período, sejam elas físicas, sociais, emocionais, familiares, hormonais etc. O jovem está vivenciando novas possibilidades, mas ao mesmo tempo ainda convive com resquícios de sua infância. Segundo Pigozzi (2002), não existe divisão estanque entre as fases de desenvolvimento, sendo que as passagens de uma etapa para

² Pieri (2002) assinala que existe na psicologia analítica a “[...] noção dos arquétipos enquanto modelos imaginários originários que estabelecem as vicissitudes psicológicas de cada um de nós.” “Valha aqui, no entanto a consideração de que Jung utiliza tal termo para conceitualizar os assim chamados “conteúdos” da parte mais profunda do inconsciente, isto é, do inconsciente coletivo.[...]Resta dizer que é especificamente compreendido que o arquétipo é cada vez alcançável apenas mediante aproximações parciais ou mediante imagens de totalidade não hierárquica, que se verificam internamente ao próprio processo simbólico.”

³ Segundo Pieri (2002) “[...] a Persona é a verdadeira interface entre o homem e o mundo. Ela exprime a possibilidade do indivíduo de adaptar-se ao ambiente social, cultural e humano em geral, enquanto vêm a coincidir a sua singularidade e o mundo (e a específica conveniência do ambiente em que ele se encontra). Dessa forma ela é aprisionamento do individual e expressão do mesmo individual: tecido de elementos psíquicos que aprisionam a personalidade autêntica e ao mesmo tempo, lhe permitem exprimir-se na comunidade social e cultural.” (p.380)

⁴ Segundo Araújo (2010) “a sombra é a estrutura da psique que comporta todos aqueles traços de personalidade que poderiam pertencer ao ego se tivessem integrados, mas que foram suprimidos por alguma desarmonia emocional [...] De modo geral, os conteúdos sombrios possuem um caráter pouco recomendável ou imoral e representam posições contrárias às convenções sociais” (p.64).

outra contém grandes períodos de intersecção de atributos das duas etapas. Para Aberastury (1981) e Knobel (1981), essas mudanças são vivenciadas primeiramente como uma invasão; é um período confuso, ambivalente e doloroso. Sendo assim, para se proteger o jovem tende a reter suas conquistas infantis, mesmo sentindo ao mesmo tempo o intenso desejo de adquirir o novo status. Ele irá se refugiar em seu mundo interno, buscando condições para enfrentar o futuro a partir da relação com seu passado.

Segundo Pigozzi (2002) em meio às diversas novidades vividas, o jovem também deverá elaborar o luto pela perda da infância e suas características; o corpo e a identidade conhecidas que estão mudando, as fantasias que se perdem, a antiga configuração de relacionamento com pais e amigos. Ele deve lidar com a iminência da vida adulta; ao mesmo tempo em que deseja viver suas novas possibilidades, sente falta da segurança daquilo que lhe é familiar, mas que está ficando no passado.

Knobel (1981) aponta que frente às mudanças biológicas incontrolláveis próprias da puberdade, o adolescente sente-se impotente, o que leva a um deslocamento de sua revolta que não pode ser expressa contra o corpo, para a esfera do pensamento. Ele irá formar fantasias substitutivas e refugiar-se na intelectualização, mediante a qual pode manejar os símbolos e idéias de forma onipotente. Uchoa (1981) assinala que o luto vivido pelo jovem está a serviço do desenvolvimento e da integração do Self.

Aberastury (1981) destaca que o luto pelo fim da infância não é vivenciado apenas pelo adolescente, mas também pelos pais. Isso porque “têm dificuldade para aceitar o crescimento como consequência do sentimento de rejeição que experimentam frente à genitalidade e à livre manifestação da personalidade que surge dela.” (ABERASTURY, 1981, p. 14). O processo de crescimento do filho implica em muitas renúncias por parte dos pais; não só devem elaborar a perda do corpo de criança do filho e a da relação de dependência infantil, devem também se desprender da imagem idealizada de si mesmo criada pelo filho, pois, não podem mais funcionar como ídolos. A nova relação que vai se constituindo é cheia de enfrentamentos, rebeldia, ambivalências e críticas. Além disso, ao perder o corpo infantil do filho defrontam-se com seu irremediável futuro: o envelhecimento e a morte. (ABERASTURY, 1981)

Knobel (1981) aponta para o fato do adolescente sentir a necessidade de um modelo que trará estimulação necessária para a construção de sua nova identidade. Sendo assim, boas introduções de imagens parentais e imagens proporcionadas por um mundo externo satisfatório irão auxiliar o jovem a enfrentar suas crises internas e situações penosas.

Pigozzi (2002) usa a metáfora da “bolha da infância” que estourou, que ilustra a sensação vivida pelo adolescente; o invólucro protetor que o continha rompeu, deixando-o com uma sensação ambígua de liberdade e insegurança, mostrando que agora terá que fazer escolhas e trilhar seus próprios caminhos. Apesar de estar numa posição em que deve

fazer tais escolhas, segundo Aberastury (1981) o adolescente ainda não atingiu a maturidade afetiva e intelectual de um adulto, não estando munido ainda de um sistema de valores estável. Sendo assim “o adolescente se apresenta como vários personagens: é uma combinação instável de vários corpos e identidades” (ABERASTURY, 1981, p. 15).

Aberastury indica que o estudo da adolescência hoje em dia é focado na figura do adolescente e que este enfoque será sempre incompleto, visto que o processo de resistência e aceitação dos pais possui grande importância nesta fase. Quando se vêem frente às conquistas do filho, são obrigados a reavaliar suas conquistas e fracassos e somente quando se tornar possível a identificação com as capacidades criativas do filho, poderão “recuperar dentro de si a sua própria adolescência” (ABERASTURY, 1981, p. 16).

Segundo Aberastury (1981) “é neste momento do desenvolvimento onde o modo pelo qual se conceda a liberdade é definitivo para a conquista de independência e de maturidade do filho” (p.16). A fim de mascarar a incompreensão em relação à manifestação da personalidade associada à genitalidade manifesta, muitas vezes os pais concedem excessiva liberdade, que pode ser vivida como abandono. Quando existe esta atitude de incompreensão, o trabalho de luto do jovem é dificultado.

Pode-se perceber que os pais possuem papéis fundamentais na vida dos filhos, não só ao longo da adolescência, mas desde o começo da vida. Essa afirmação é verdadeira inclusive quando falamos da constituição da sexualidade. Para Freud, tanto o filho quanto a filha, representam para a mãe um substituto fálico, ocorrendo equivalência pênis-bebê no psiquismo feminino. Nesta necessidade materna de encontrar um substituto para sua falta imaginária, a criança encontra a primeira forma de ser: ser aquilo que satisfaz a mãe. Por esse motivo a sexualidade da menina em primeiro momento se dá de forma masculina, na busca ativa pela mãe. Para assumir sua posição feminina, posteriormente a menina deve reorganizar sua libido, renunciando a sexualidade ativa, se tornando passiva diante do pai/homem. No entanto, ela necessita conservar certo tônus masculino, pois, precisa dirigir-se ativamente ao pai. Um segundo objetivo da renúncia à satisfação ativa dirigida à mãe, é separar-se dela; tarefa fundamental no processo de tornar-se mulher. Freud aponta ainda que muitas vezes a mulher sentirá dificuldade de separar-se da mãe para poder envolver-se numa relação com um homem. (FREUD *apud* ZALCBERG, 2003)

Jung (1986) aponta os riscos da incapacidade de distanciar-se do materno. Segundo ele, quanto mais a criança cresce, mais isso pode levar ao impedimento do desenvolvimento natural, pois “ao invés de adaptar-se a novas condições do meio ambiente, a libido da criança regride para a proteção e as facilidades dos braços maternos e perde assim o contato com o tempo.” (p.298) Caso o jovem preserve a ligação infantil com a mãe, a vida que deveria ter vivido vem na forma de fantasias, tanto conscientes como inconscientes.

Não se vive por um período excessivamente longo no ambiente infantil, no seio da família, sem certo perigo para a saúde mental. A vida chama o indivíduo para a independência, e quem não atender a este chamado, por comodidade e temor infantis, está ameaçado de neurose. (JUNG, 1986, § 461, p.296)

Zalcborg (2003) enfatiza a importância da mãe, como mulher no processo de constituição da identificação feminina da filha. Segundo ela, a relação estreita entre mãe e filha se dá muito em função da metáfora paterna não ser capaz de separá-las totalmente, havendo algo ao nível edípico que permanece, um “resto que não pode ser simbolizado” (p. 191). Ao voltar-se para a mãe, a menina espera receber dela um significante do sexo feminino. Ao descobrir que a mãe também é destituída deste significante, que não existe e se reconciliando com essa ideia ela irá buscar na mãe uma forma de criar uma identificação feminina em estrutura de ficção. “É isto que a filha espera da mãe: uma crença na constituição de um feminino possível” (ZALCBORG, 2003, p. 191).

A fim de poder consolidar uma identificação feminina como sua, em certo momento a filha terá que distinguir-se da mãe, fazendo a separação de corpos e gozos. O desejo de tornar-se mulher da menina adolescente irá impulsionar movimentos no sentido da individualização e separação da mãe. Será tarefa da mãe e da filha neste processo, fazer o luto do que uma representou para a outra no campo da feminilidade.

3 O ARQUÉTIPO DA INICIAÇÃO

Segundo Henderson (2005), os ritos de iniciação da puberdade ou juventude são expressos pela necessidade de superar padrões infantis antigos e de se adaptar ao grupo social, ou seja, a necessidade de transformação da condição existencial que é acompanhada por uma mudança de status.

Frankel (2003) aponta haver muitos relatos na literatura antropológica a respeito de rituais e cerimônias na época da puberdade. No entanto, o autor atenta para o fato de que, exceto em certas práticas religiosas e rituais seculares (como por exemplo: formatura e direito de votar), não existem, na cultura contemporânea ritos formalizados que possam ser vivenciados pelos jovens. Segundo Penna e Araújo (2010) em contraste com as sociedades tradicionais, que instituíam certos critérios para que o jovem adentrasse o mundo adulto, na cultura pós-moderna, devido à ambivalência e ambigüidade típicas da diversidade e flexibilidade, foi produzida uma lacuna de ritos coletivos institucionais.

Para Frankel (2003) apesar de os ritos de iniciação terem praticamente desaparecido, é plausível pensar se elas ainda estariam exercendo alguma influência na psicologia da adolescência. O autor questiona se a necessidade de iniciação, de marcadores formais da passagem para a fase adulta é arquetípica.

A fim de responder tal questão, Frankel (2003) dá exemplos relatados por outros autores (Sullwold e Bettelheim) nos quais, durante uma fase de transformação (como a menarca, por exemplo), jovens buscaram espontaneamente construir e viver ritos de passagem e iniciação. Frente a tais evidências ele conclui que existe durante a puberdade e adolescência o surgimento espontâneo de rituais.

Quando a sociedade não providencia meios adequados para a transição do status de adolescente para o de adulto, surge entre os jovens padrões de comportamento que possuam a mesma função psicológica que os ritos. Inconscientemente os adolescentes criam suas próprias estruturas ritualísticas; nesta fase a psique busca experiências que alterem radicalmente a percepção do mundo, permitindo que ela alcance outro nível de existência.

3.1 ESTRUTURA E DINÂMICA DO ARQUÉTIPO DA INICIAÇÃO

Todo ser humano é dotado originalmente de um sentimento de totalidade, um sentido completo do *Self*. Henderson (2002) afirma que é justamente do *Self*, ou seja, da totalidade da psique que emerge a consciência individualizada do ego, durante o

crescimento do indivíduo. O ego deve buscar relativa autonomia em relação à sua condição original de totalidade, pois, desprovido de tal independência o indivíduo não será capaz de relacionar-se com o ambiente adulto. Sendo assim, a fim de se separar dos arquétipos evocados pelas imagens dos pais na primeira infância, o ego utiliza como meio simbólico a imagem do herói. Segundo Penna e Araújo (2010) o arquétipo do herói “fornece força para que o ego siga seu processo de desenvolvimento capaz de tolerar frustrações, sobreviver diante dos desafios e continuar na luta” (p.30), auxiliando no preparo do jovem para viver novas formas de relacionamento. O mito do herói segundo as observações de Henderson (2002) seria a primeira etapa na diferenciação da psique; ele demonstra como é possível que a libertação aconteça, fazendo com que o ego adquira consciência, mas não é suficiente para garantir tal libertação.

Na história antiga das sociedades primitivas existem muitos exemplos de ritos iniciáticos que afastam rapazes e moças de seus pais, obrigando-os a se integrar em seu clã. Essa separação ou rompimento com o mundo infantil pode lesar o arquétipo parental original, sendo necessária a assimilação “curativa” à vida do grupo, que se torna uma espécie de segunda mãe ou pai “aos quais o jovem é simbolicamente sacrificado, renascendo numa nova vida”. (HENDERSON, 2002, p.129)

Henderson (2002) assinala que “toda nova fase de desenvolvimento de uma vida humana é acompanhada por uma repetição do conflito original entre as exigências do *Self* e do ego.” (p.131), e que nas sociedades tribais o que resolve tal conflito de forma mais eficaz são os ritos de iniciação, através de uma vivência simbólica de morte e renascimento.

O ritual faz o noviço retornar às camadas mais profundas da identidade original existente entre a mãe e a criança ou entre o ego e o *Self* forçando-o, assim, a conhecer a experiência da uma morte simbólica. Em outras palavras, a sua identidade é temporariamente destruída ou dissolvida no inconsciente coletivo. É então salvo solenemente deste estado pelo rito de um novo nascimento. Este é o primeiro ato de verdadeira assimilação do ego em um grupo maior. (HENDERSON, 2002, p.130)

Segundo Chevalier (2009) “a iniciação opera uma metamorfose” (p.506), na qual a morte pode ser considerada como uma porta ou passagem para um novo lugar, sendo assim a saída corresponde a uma entrada; o iniciado transpõe um limiar sofrendo uma transformação, tornando-se diferente do que era.

O propósito do ritual de passagem, de acordo com Woodman (1999) é, por meio de intensa concentração, levar o indivíduo a um ponto de intensidade psicológica que possibilite a manifestação do arquétipo em toda sua magnitude, invadindo a consciência liberando poderosa energia. Segunda autora, a jornada propiciada pelo ritual é tanto interna quanto externa, envolvendo psique e corpo numa tentativa de transcender a posição vigente do ego. Os rituais primitivos propiciavam à aqueles que o vivenciavam, a oportunidade de se

relacionar com aspectos arquetípicos e imutáveis da própria existência, afirmando-os e renovando-os.

Com o propósito de demonstrar a forma e a dinâmica interna do arquétipo da iniciação, Henderson (2005) separou seus vários elementos. Em um esquema o autor representa seis imagens arquetípicas centrais das quais ritos de passagem significativos se originam. A primeira imagem, e base da coluna é a Imagem Divina Primal (feminina e masculina), acima está a imagem da Deusa Mãe, seguida pela imagem do Deus Pai, Espírito Tribal, Espírito Guardião e finalmente a Imagem Divina Suprema (feminina e masculina). O movimento de ascensão da primeira imagem para a última está associado com a progressão do herói, que a cada nível se torna mais inteiramente um iniciado do que um herói. Os ritos de ascensão estão regularmente associados com o protótipo de iniciação da juventude ou puberdade, enquanto que o movimento contrário, de retorno às formas arquetípicas anteriores está associado com a iniciação esotérica, como ocorre em fraternidades mágicas e religiosas.

No shamanismo, a iniciação é vista como uma experiência circular, marcada pela “descida” à imagem Divina Primal, seguida da ascensão à imagem Divina Suprema. Apesar de nesse modelo os estágios intermediários possuírem pouca importância, ele também considera que a experiência da iniciação contemple diferentes níveis ou etapas. Henderson (2005) afirma que a estrutura do arquétipo da iniciação combina diferentes níveis, estágios ou graus, sendo que tal estrutura pode ser encontrada na alquimia e em tradições místicas como, por exemplo, em tumbas do Egito e Mesopotâmia, onde é representada pela figura da escada. É comum em histórias que tratam do tema a descrição de estágios de iniciação, onde o iniciado deve ir da mais baixa a mais alta esfera de iluminação, transcendendo sua natureza animal.

Henderson (2005) afirma que o material coletado por ele demonstra, em contraste com o modelo da escada, um caráter cíclico da iniciação, onde

o retorno a padrões antigos não é menos significativo que o senso de progressão para novos padrões. Cada limiar proporciona um novo objetivo a ser alcançado, envolvendo um desenvolvido senso de totalidade, assim chegando a um novo centro por meio da sequência ritual de separação, transição e incorporação. (p. 178, tradução nossa)

Na experiência cíclica da iniciação, os pólos opostos de liberação (separação) e contenção (incorporação) estão ligados de maneira complementar, como discutido anteriormente nos rituais de morte e renascimento, na separação do núcleo familiar infantil e na integração ao clã; o indivíduo sofre a separação, para se transformar e retornar modificado.

Henderson (2005) destaca que, em qualquer experiência iniciática, o iniciado não poderá atravessar o próximo limiar até que tenha absorvido tudo que for possível da ciclo

anterior. Sendo assim, o autor conclui que tanto a padrão cíclico, quanto o padrão de níveis ou estágios estão presentes na experiência da iniciação. Tais padrões coexistem e estão interligados; ao mesmo em tempo que existem etapas de desenvolvimento progressivas a serem atingidas, elas se dão dentro de um padrão cíclico onde experiências são re-elaboradas. Para deixar mais claro, o autor usa o exemplo de uma escada espiral, na qual a ascensão ocorre juntamente com os ciclos.

3.2 O ARQUÉTIPO DA INICIAÇÃO NA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Após a compressão da estrutura e dinâmica interna do arquétipo da iniciação, é possível o estudo das características da iniciação que devem ser vividas para que o desenvolvimento da consciência do ego se torne possível; desenvolvimento esse, correspondente à fase da puberdade e juventude.

Segundo Henderson (2005)

Os elementos da iniciação de maneira geral demonstram um desenho coerente, no qual impulsos psicosociais e psicosexuais se unem formando algo que não é somente um estrutura-egóica, mas um ego que seja capaz de dar respostas individuais e tenha o poder de fazer escolhas individuais. (p. 185, tradução nossa)

No entanto, de forma geral o adolescente só atinge tal estado em momentos em que a conexão de *insights*, com o poder para agir de acordo com eles fica acessível temporariamente à consciência. São muito freqüentes casos em que o ego do adolescente é moldado, pressionado ou dissolvido pelo grupo social ou familiar. Na tentativa de se libertar de tais pressões, o adolescente se vê frente a experiências que demandam dele em diversos aspectos simultaneamente; entre os destacados por Henderson (2005) estão o compromisso com intimidade física (não necessariamente sexual), decisão a respeito da ocupação profissional, energia competitiva e auto-definição psicosocial.

Para Henderson (2005) essas diversas demandas podem ocasionar um “momento de colapso”, que levaria o jovem a regredir a padrões infantis, ou impulsionado por um forte desejo de intimidade, procurar um mestre iniciático. Segundo Erikson os jovens freqüentemente sentem que apenas a fusão com um líder, um adulto que possa se oferecer como um objeto seguro de experimentação pode salvá-los. Essa fusão pode ocorrer em diversos tipos de relacionamento; aprendiz, seguidor, discípulo, paciente ou parceiro sexual. Tal tentativa é por vezes falha, pelo fato da pessoa escolhida para tal intimidade não estar apta a tarefa, ou pelas expectativas irreais do jovem. Quando este encontro com o mestre iniciático fracassa, freqüentemente o adolescente recua a uma posição de introspecção, o

que pode levar a um doloroso e aguçado senso de isolamento. (ERIKSON *apud* HENDERSON, 2005)

Henderson (2005) assinala que para o adolescente em crise é muito fácil escolher uma “identidade negativa” (retorno à identidade difusa e insociável), o que pode ser em certos momentos auto-destrutivo. No entanto, se tal regressão for guiada adequadamente, pode ser vivida como uma experiência iniciática de retorno ao arquétipo Materno em busca de um renascimento. Nesse retorno ao materno, existe a necessidade de descobrir ou redescobrir tanto o amor da mãe pelo jovem, quanto a capacidade do jovem de retribuir este amor, numa forma adulta de relacionamento.

Além da busca do mestre mencionada anteriormente, outra forma do adolescente buscar a vivência de iniciação e transformação na sociedade moderna (que conforme demonstrado anteriormente, não providencia ritos de iniciação formalizados) são as tentativas de auto-iniciação, que assim como a regressão não adequadamente guiada, pode representar riscos para os jovens.

Segundo Frankel (2003) o desejo da auto-iniciação pode em muitos casos motivar o uso de drogas e álcool, visto que tais substâncias têm o poder de alterar a percepção de mundo do indivíduo. Além de poder gerar tal alteração, usar drogas pode colocar o adolescente em contato com elementos essenciais do ritual de iniciação; “uma experiência arriscada e desconhecida que coloca o indivíduo em contato com um poder de potencial transformador, fornecendo uma nova visão de mundo e uma suposta nova identidade” (FRANKEL, 2003, p.60, tradução nossa) As drogas oferecem uma mobilizadora possibilidade de transformação psicológica, e talvez por isso o uso de tais substâncias seja prevalente entre os adolescentes.

Entretanto, é preciso atentar aos riscos de tal tentativa de iniciação. Frankel (2003) assinala que a diferença essencial entre as tentativas de auto-iniciação da juventude atual e os ritos de iniciação formalizados em sociedade tradicionais é que no segundo caso existe a presença de um ancião, um adulto já iniciado com mais experiência monitorando as experiências iniciatórias. A presença deste adulto garantiria a contenção da poderosa energia liberada nos rituais e possibilitaria ao jovem passar por tal processo em relativa segurança. Quando desprovidos de orientação, a busca dos jovens por iniciação pode assumir um caráter extremo.

Se o centro da iniciação é a descoberta de um novo status e a da identidade adulta do sujeito, a auto-iniciação que ocorre no vazio pode ter potencial desastroso; os adolescentes adotam comportamentos auto-destrutivos, que vão além do uso de drogas (violência gratuita, criminalidade, atividade sexual perigosa).

Tais comportamentos extremos podem levar o adolescente até o limiar da iniciação. No entanto, sem a estrutura necessária ele não poderá atravessar tal limiar. Surge então uma necessidade de constantemente repetir a experiência

porque existe um desejo inconsciente ser transformado por ela. (FRANKEL, 2003, p.61, tradução nossa)

Em outras culturas (como as tribais) é comum o uso de drogas em ritos da puberdade como um evento isolado, com o intuito de gerar uma visão que deve ser elaborada pelo iniciado por anos a fio. Já quando o jovem continua a depender da substância para criar e recriar a visão é porque ele não conseguiu captar a mensagem. Para Frankel (2003) articular desta forma o uso de drogas e apontar para o fato da adição surgir quando o indivíduo não consegue cruzar o limiar da iniciação, são maneiras de reconhecer e validar o desejo do adolescente por uma experiência de transcendência, assim como de desconstruir a idéia de que é a substância que irá provocar a transformação desejada; o jovem pode aprender assim que o que está buscando é na realidade uma potencialidade do *Self*.

Outra maneira de responder aos impulsos iniciatórios segundo Frankel (2003) seria a busca pela ferida iniciatória. Em cerimônias tradicionais de iniciação geralmente existe uma ferida iniciatória, algo que marque o corpo encerrando o estado de inocência infantil (por exemplo, a circuncisão, o arrancar de um dente ou marcar a pele). Atualmente a ferida necessária pra a iniciação ainda ocorre, mas se manifesta de forma diferente: as doenças psicossomáticas, acidentes, lesões na prática de esportes podem ser entendidas para Frankel (2003) como a suscetibilidade da psique adolescente para sofrer feridas físicas que o levem de um estado psicológico de ignorância a um de saber; a partir da experiência da dor surge a necessidade de se proteger.

Além da ferida física, fortes abalos emocionais também podem exercer tal função. Frankel (2003) dá o exemplo dos conflitos e confrontos que começam a surgir entre pais e adolescentes: isso causaria a perda da inocência para ambos os lados, já que os pais não podem continuar a ver seus filhos como crianças inocentes e angelicais e os filhos não podem continuar na posição de dependentes que contam sempre com a proteção dos pais.

O sentir-se ferido na adolescência pode acarretar respostas que impeçam o desenvolvimento; como a tornar-se isolado e deslocado numa tentativa de proteger o local ferido, impedindo o envolvimento na vida e relações, ou repetitivamente tentar se envolver em relações e situações que repitam o trauma e reabram a ferida, numa busca por senti-la mais intensamente. Segundo Frankel (2003) é necessário que o adolescente aprenda a lidar com as perdas (da infância, da inocência, da dinâmica familiar infantil), sendo essa uma das importantes tarefas desse período. A psique deseja sentir intensamente as nuances da experiência para que possa se libertar e integrar o local ferido no caráter do indivíduo. Os adultos muitas vezes desejam magicamente restaurar a percepção inocente de mundo do jovem, para poupar-lhe o sofrimento, mas na verdade seria mais benéfico se eles

auxiliassem o adolescente a aceitar a mudança de visão de mundo e a perda da inocência, afim se torná-lo capaz de agüentar as frustrações da vida e seguir em frente.

Além da perda da inocência, outro fator importante e presente no processo de desenvolvimento do adolescente é a conscientização acerca da mortalidade. Imagens da dualidade vida/morte se fazem presentes neste momento de transformação e transição da puberdade para a vida adulta e o adolescente se esforça para compreender tais imagens dentro de um nível imaginário, através da simbolização do que ocorreu no passado e o que virá no futuro. Lifton (1996) afirma que as imagens de morte são formadas ao longo da vida e que muitas delas consistem em “equivalentes da morte”. Ele destaca três especialmente relevantes para o entendimento da psique adolescente: separação, desintegração e estase.

Tais “equivalentes da morte” são importantes em ritos de iniciação em sociedade tradicionais. Em suas análises Lifton (1996) resume a seqüência característica dos rituais de iniciação da seguinte forma: “separação da comunidade, transformação (normalmente psicológica e física) e o retorno à comunidade em um novo papel”. Ele ainda ressalta que tais imagens não são criadas pelos ritos; os ritos apenas expressam e ajudam a conter a energia gerada pelo esforço psicobiológico específico da puberdade em torno das imagens de morte e vida.

Frankel (2003) afirma que as batalhas travadas pelo adolescente com as imagens de vida e morte funcionam como pano de fundo para a profunda mudança de identidade pessoal que marca a saída da infância e entrada no mundo adulto. O adolescente testa tais imagens numa tentativa não só de estar vivo mas de sentir-se vivo.

Para compreender a atuação dessas três imagens relevantes à adolescência deve-se enfatizar que cada uma das imagens está ligada com sua contraparte: separação e conexão, desintegração e integração e estase e movimento. Sendo assim a adolescência está preenchida de vivências que abarcam os dois lados de cada imagem (o lado ligado à afirmação de vida e o ligado a perdas e morte). Frankel (2003) afirma ser comum que sentimentos de distanciamento e separação sejam seguidos de intensas conexões. Poderosos sentimentos de vitalidade emergem quando um jovem se envolve com outros (seja de forma romântica e apaixonada, ou numa amizade), assim como fortes sentimentos de isolamento, perda e tristeza surgem quando a relação acaba. Para Frankel (2003) não devemos patologizar tais estados, mas sim compreender que eles são parte importante do ciclo de transição vivido na adolescência. O autor assinala ainda que em nossa cultura a sociedade “empurra” os jovens para a extroversão, dificultando o surgimento de oportunidade de introversão, onde o jovem possa entrar em contato com ele mesmo e confrontar quem ele é como indivíduo.

A respeito da desintegração/integração, Frankel (2003) destaca a vivência da transformação corporal vivida na adolescência; segundo ele tais mudanças podem provocar

sentimentos de desintegração e fragmentação. Ele retoma a questão da ferida iniciatória, dizendo que ela pode funcionar como uma perfuração da camada protetora que o indivíduo possuiu quando criança, possibilitando uma nova relação com seu novo corpo. O autor relata ter presenciado a flutuação dos jovens entre experiências de serem reduzidos ao nada e experiências de se sentirem conectados e energizados. Segundo Frankel (2003) a desintegração envolve um senso de deslocamento que é seguido pela descoberta da habilidade de se reintegrar, incorporando aquilo que é novo.

Dos três “equivalentes da morte” a estase é a que provê a expressão mais literal da ausência de vida. No que diz respeito a juventude contemporânea a estase por ser descrita como um sentimento de estar morto por dentro, de estar paralisado, alternado com a sensação de energia e vitalidade (movimento) (LIFTON, 1996). Na fase de estase o jovem pode sentir-se fútil, anestesiado e até inferiorizado. Frankel (2003) diz ser possível relacionar o espectro estase/movimento com o modelo de regressão e progressão da libido. A regressão da libido ocorre quando uma mudança gera a necessidade de se desenvolver um novo meio de interagir com o mundo, já que frente às demandas de adaptação, o modo antigo de interação já não é suficiente (tal como ocorre na transição da infância para a maturidade). A regressão da libido ativa conteúdos inconscientes e pode apontar novas direções para movimento.

3.3 PARTICULARIDADES DA INICIAÇÃO FEMININA

Anteriormente foram descritas as características principais da iniciação, no entanto é necessário atentar para possíveis diferenças entre a iniciação masculina e feminina. Lifton (1996) relata que em rituais tradicionais de certas culturas a vivência de “equivalentes de morte” para os garotos tinha ênfase na separação do mundo feminino e infantil, enquanto para as garotas o tema principal era o de extremo isolamento após a menarca. Tal isolamento incluía diversos tabus acerca de alimentação, exposição ao sol, e visibilidade, por vezes sendo restritas fisicamente podendo viver em pequenas salas ou jaulas por períodos que variavam entre semanas e anos.

Frankel (2003) destaca o papel do espectro separação/conexão como fundamental e central no desenvolvimento adolescente feminino. Segundo ele, existem críticas a respeito da adoção da psicologia masculina como normativa na teoria desenvolvimental. De acordo com Gilligan, a necessidade absoluta de separação da mãe como parte do desenvolvimento não se aplica às mulheres; segundo ela a formação da identidade feminina se dá dentro do contexto de relacionamentos (GILLIGAN *apud* FRANKEL, 2003). Para Frankel (2003), a experiência de conexão e apego está ligada com a formação da identidade; “a mulher vem a

se conhecer através de sua relação com os outros. Devido a diferenças entre a psicologia feminina e masculina, o desenvolvimento feminino deve ser levado por um caminho diferente” (p.70, tradução nossa)

Segundo Frankel (2003), as críticas feitas por Gilligan apontam para o fato de a psicologia desenvolvimental ter negligenciado a importância da conexão para o desenvolvimento da identidade.

Tal problemática expressa o estado atual de agitação, frente a desconstrução de papéis de gênero e a questão das diferenças essenciais na psicologia de homens e mulheres colidirem, deixando em aberto a controvérsia em relação à se a psicologia da separação, como necessidade psicológica na adolescência é culturalmente relativa, e se é, para quem? (FRANKEL, 2003, p.71, tradução nossa)

Frankel (2003) afirma que a perspectiva integrativa de Lifton, que enfatiza que todos os “equivalentes da morte” estão intimamente ligados com suas contrapartes oferece uma solução para tais questionamentos. “Sendo assim separação e conexão são dois lados da mesma moeda e a adolescência está preenchida com imagens que abarcam ambos” (p.71, tradução nossa).

Lincoln assinala que as três fases da iniciação (separação, transição e incorporação) seriam mais bem descritas na iniciação feminina como: clausura, metamorfose e emergência. (LINCOLN *apud* WOODMAN, 1999). Segundo Woodman (1999), a iniciada se encontra em um estado “sagrado”; sua consciência está alterada, seu ego enfraquecido e o contato direto com o inconsciente pessoal e arquetípico é estabelecido. Tendo isso em mente, a autora considera que a cabana de isolamento (dos rituais tribais) pode ser vista como um espaço que fornece a privacidade e proteção necessárias para tal condição, funcionando como um véu ou um casulo protetor, dentro do qual, a pessoa em estado de vulnerabilidade por viver a cura, a transformação.

Henderson (2002) destaca que a importância do tema da submissão como indispensável para a vivência iniciática pode ser especialmente evidenciado quando observamos a iniciação feminina. Assim como Woodman (1999), ele também discute o tema da imposição de limitações psicológicas à autonomia da mulher, mas não através da clausura e sim em função do ciclo menstrual. Segundo o autor, o ciclo menstrual “tem o poder de despertar um sentido profundo de obediência ao poder criador da vida” (p.132), já tendo sido considerado como a parte mais importante da iniciação feminina.

Frankel (2003) trata, além da menstruação, de outras mudanças corporais próprias da adolescência. Segundo ele, este período da vida é repleto de alterações corporais que trazem a tona sentimentos de desintegração (equivalente de morte), para ambos os sexos. Garotos e garotas têm a experiência de ter sua pele transformada pela acne, e podem viver poderosos desejos sexuais, que por vezes são sentidos como se “uma força alienígena tivesse adentrado seu corpo” (FRANKEL, 2003, p.77, tradução nossa). No entanto, as

transformações do corpo feminino são muito evidentes; o surgimento de seios, quadris e curvas altera a auto-imagem e definição corporal, podendo ser uma vivência confusa e assustadora. Todas essas vivências combinadas alteram de forma radical a relação da jovem mulher com seu próprio corpo.

Henderson (2002) aponta, no entanto que a iniciação feminina não se limita às imposições corporais; a mulher, assim como o homem, também passa por provas de força e sacrifício em benefício do renascimento. “Esse sacrifício permite que ela se liberte dos laços de suas relações pessoais e a torna capaz de desempenhar, mais conscientemente, as funções de um indivíduo com diretos próprios” (p.132)

Henderson (2002) descreve a maneira com que se dá a iniciação feminina na atualidade:

Na nossa sociedade as jovens participam dos mitos masculinos do herói porque, como os rapazes, também precisam educar-se e desenvolver uma personalidade própria sólida. Mas há uma região, ou uma camada mais antiga das suas mentes, que parece vir à superfície dos seus sentimentos com o objetivo de torná-las mulher, e não imitações de homem. Quando este antigo conteúdo da psique começa a aparecer, a jovem moderna tem a tendência de reprimi-lo já que representa uma ameaça às suas mais recentes prerrogativas: a emancipação e a igualdade de relacionamento de competição com os homens. (p.137)

Henderson (2002) ressalta que, através de tal repressão, é possível que a mulher se mantenha por certo período de tempo, identificada com objetivos masculinos que se tornaram familiares, no entanto, pode ocorrer futuramente para essas mulheres algum conflito que as force, de maneira dolorosa, a redescobrir sua feminilidade reprimida. Em um estudo de caso, o autor conclui que seria benéfico harmonizar as duas polaridades, o feminino e o masculino, e diz ainda que, tais elementos contrários podem se conciliar, mas que isso seria possível em um nível mais sofisticado de percepção, não em um nível infantil.

Woodman (1999) trata da questão das mulheres nascidas e criadas em uma cultura patriarcal. Segundo ela, existem mulheres que aceitam seu destino em um relacionamento tradicional, patriarcal, pois encontram neste modelo, apesar de suas limitações, pontos positivos que são para elas importantes. Existem, no entanto, mulheres que rejeitam os valores coletivos impostos pelo patriarcado, e mobilizam-se na busca de sua própria história. Nessa tentativa de buscar uma identidade pessoal, e se libertar das restrições da cultura patriarcal, tendem a tornarem-se vítimas dessa própria cultura.

O pai interno, que buscam agradar em seu processo de constituir a própria alma, volta-se contra elas – ou assim parece - no mesmo instante em que a imagem paterna é projetada em um homem, ou quando buscam reconhecimento e recompensa naqueles setores criativos ainda em grande medida dominados pelos homens. (WOODMAN, 1999, p.52)

Segundo a autora, a mulher que foi abandonada pelo pai, no sentido de não ter sido “convocada” a seguir o destino por ele ditado, pode viver o processo de criar a própria alma.

Penna (2013) assinala que a definição de alma na obra de Jung varia, mas se refere preferencialmente à dimensão inconsciente da psique, ou personalidade interna. Para Woodman (1999) tal rito de passagem (de criar a própria alma), pode ter significado duplo de abandono; por sentir o abandono pela “não convocação” paterna, a mulher corre o risco de um segundo abandono: o abandono de sua alma, através da negação de sua própria criatividade. Ela afirma que são muitas as variáveis envolvidas na definição de uma mulher criativa; algumas constroem criativamente um lar, um ambiente amoroso para a família, outras criam em situações profissionais extrovertidas, e algumas alcançam o sucesso nos dois âmbitos.

4 SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E VIRGINDADE

A iniciação na vida adulta se dá por meio de diversas vivências nas mais variadas esferas da vida. Como evidenciado no capítulo anterior, os ritos de iniciação são importantes nessa passagem, e segundo Storch (2012) tem, ao longo da história da humanidade, expressado a transição da infância para a maturidade e o tema arquetípico ativado por este processo.

Os rituais são cerimônias que fazem a passagem de um ciclo evolutivo para o outro, marcando aquele momento não só no tempo, mas principalmente na mente de quem o vive. (PIGOZZI, 2002, p. 91)

Os rituais podem auxiliar na travessia de uma etapa para outra canalizando o estresse comum a estas situações, além de promover treinamento e experimentação do novo papel social. Pigozzi (2002) relata os três principais ritos de passagem da vida sexual feminina e sua relação com o sangue. O primeiro é a menarca indicando a chegada da fertilidade, o segundo é o sangramento menor e mais simbólico do defloramento e o terceiro é o sangramento do parto que transforma a mulher em mãe. Para falar desse segundo rito de passagem na vida feminina, o defloramento, é necessário abordar como a sexualidade e sua iniciação é vivenciada na adolescência. Segundo Frankel (2003), a compreensão de que existe uma forte conexão entre o tornar-se um ser sexual, e a aquisição de poder vital, nos ajuda a entender que existem muitas camadas de significado ligadas à experiência da sexualidade adolescente.

Garcia (2004) assinala que a partir de amplas mudanças no código de valores ligados a sexualidade nas sociedades ocidentais modernas, os adolescentes tem lidado com o sexo de maneira diferente. A partir dos anos 60, com o surgimento da dita “Revolução Sexual”, houve para as mulheres a conquista de maior liberdade na vida sexual e mudanças de costume, possibilitando a elas exercer papéis além do heterossexual monogâmico. Aponta também que não estamos falando na presença ou ausência de repressão, mas na mudança de códigos sociais. O controle dos corpos e comportamentos ainda existe, mas na forma de normas que venham a garantir bom desempenho sexual e a obtenção do maior prazer sexual possível (orgasmo).

Storch (2012) assinala que a ambivalência e a flexibilidade presentes na cultura pós-moderna concedem ao adolescente liberdade para viver a iniciação sexual da forma que lhe convir, ao mesmo tempo em que produzem lacunas de ritos coletivos institucionais.

Winnicott (2001) aborda o tema do desenvolvimento de métodos contraceptivos e como isso reverbera na sexualidade do jovem. Segundo ele, este advento corrobora para que ocorra a exploração do território da vida sexual sem que a ela venha atrelada a agonia e

o medo de uma concepção indesejada, concedendo ao jovem uma nova liberdade: a de explorar a sexualidade mesmo quando não existe o desejo de ter filhos.

Freud (1996) observa que a primeira relação sexual, desencadeia boa parte das vezes uma reação hostil frente ao parceiro, envolvendo uma ferida narcísica; a perda da virgindade é entendida como a perda do hímen e, além disso, a perda do caráter narcísico. Essa vivência põe em jogo o complexo de castração feminino: a filha tem ódio inconsciente pela mãe, por tê-la feito mulher, e por consequência, castrada, e este ódio pode se voltar contra o parceiro.

Em relação ao início da vida sexual e a imagem da virgindade, Garcia (2004) apresenta dados de uma pesquisa feita pela *Folha de S. Paulo* em todo o Brasil em 1998. Segundo dados desta pesquisa a iniciação se dava para a mulher brasileira por volta dos 18 anos, e para o homem dos 15. A virgindade da mulher foi condenada por 38% dos entrevistados e defendida pela maioria (43%), já a situação para o homem se inverte: 66% condenam e apenas 18% defendem a virgindade masculina. Sendo que praticamente não houve diferenças de opinião entre homens e mulheres entrevistados, estes dados demonstram que a mulher também acredita que para o homem, o sexo pré-conjugal é mais aceitável.

Segundo Lins (2010), a própria expressão “perda da virgindade” para os homens é uma expressão imprópria, pois, a experiência sexual simbolizaria sua capacidade masculina, representando um ganho. Para as mulheres, a preocupação com as circunstâncias “corretas”, acaba postergando a iniciação, que estaria fortemente relacionada a narrativas românticas. A autora ressalta que o hímen, que indica que a vida sexual não começou, contribui para as restrições da vida sexual feminina. Muitas já foram as tentativas de explicação para a existência do hímen, sua função e o que pode ter gerado socialmente. Lins (2010) relata que enquanto alguns acreditam que ele não possui função alguma, outros o vêem como uma maneira da natureza de proteger as mulheres contra o sexo promíscuo até que encontrem o parceiro certo. Fato é que independente de existir uma função ou não, todas as sociedades encaram o rompimento do hímen como importante, variando o grau. Lifton (1996) aponta que em diversos rituais de iniciação ocorre alguma forma de mutilação, expressando o tema da desintegração. Ele relata que as mutilações femininas incluem deformação dos lábios da vagina, retirada de partes do clitóris ou perfuração do hímen.

Segundo Lins (2010) a partir do momento em que se obtêm a noção de paternidade (que não esteve sempre presente, visto que a ligação do homem com a procriação não é tão evidente quanto a da mulher, que carrega e dá a luz à criança), e o se inicia o acúmulo de poses, passa a ser importante, dentro de um sistema agora patriarcal, exigir a virgindade das noivas, afim de se ter certeza de que o filho é efetivamente de ambos, para que não se corra o risco de deixar propriedades à bastardos. Chauí (1984) aponta que além da

exigência da virgindade pré-conjugal, existe a repressão do adultério, que é aplicado de forma muito mais rígida para as mulheres, sendo o adultério masculino, muitas vezes visto com o exercício de uma sexualidade mais exigente que a feminina (com o atenuante de que homens não ficam grávidos). Lins (2010) relata que as prescrições bíblicas para proteger a virtude feminina, na verdade visavam zelar pelos direitos de propriedade dos homens. A virgindade e a mulher passam a ser tratadas como mercadoria; se um homem fizesse sexo com uma moça virgem deveria ressarcir o pai financeiramente, ou casar-se com ela, para retirar de suas mãos uma mulher que não tinha mais valor. Da mesma forma, se não fosse possível comprovar a virgindade da noiva o marido podia livra-se dela, levando-a de volta para a casa dos pais, onde ela deveria ser apedrejada pelos homens da cidade.

A autora exemplifica como diversas sociedades lidam com a virgindade de maneiras diferentes, mas aponta para o fato de que, em todas elas, a virgindade feminina é mais digna de nota e mais importante que a masculina. Desta forma, o prazer feminino é mais policiado e facilmente controlado. Chauí (1984) relata que durante um longo período de tempo, no passado da nossa sociedade, a palavra sexo se referia exclusivamente às mulheres, sendo assim, elas eram o sexo; representavam figuras do mal, do desejo desenfreado que tinham o poder de amolecer homens guerreiros. Sendo o mal, elas deveriam ser controladas, vigiadas e punidas, pois representavam uma ameaça. Chauí (1984) assinala que não é surpreendente que as representações de mulheres do século XIX sejam de uma feminilidade frígida, assexuada e voltada exclusivamente à maternidade; a repressão foi tão bem sucedida que foi possível no ponto final, negar o inicial. Na Idade Média, o elogio a um casamento assexuado após o cumprimento da procriação ajuda a criar essa imagem de mulher ideal como uma pessoa frígida e exclusivamente materna.

Segundo Lins (2010), na puberdade, os desejos sexuais são tão intensos para homens quanto para mulheres, mas atualmente os homens são mais incentivados a terem sua primeira experiência, já as mulheres recebem mensagens duplas, pois, devem ao mesmo tempo ser sensuais e atraentes para os homens, e manter uma atitude recatada em relação ao sexo. Ela assinala que existem transformações ocorrendo, e que com o passar das décadas menos mulheres casam-se virgens. Ressalta ainda que, apesar do aparente liberalismo trazido pela revolução sexual, a vivência do prazer no sexo ainda é mais complicada para a mulher. Muitos pais mandam mensagens confusas para suas filhas, pois junto com um discurso liberal, estão diversas advertências, recomendações, proibições e alertas acerca dos perigos envolvidos, que ao invés de orientar a jovem, amedrontam e estimulam a culpa associada aos desejos sexuais.

Garcia (2004) faz a análise de inúmeras cartas de adolescentes que tratam do tema iniciação sexual, dirigidas a revistas com esse público alvo (por exemplo, Revista Capricho). Nessa análise ele separa os conteúdos das cartas em diferentes categorias, como: status da

virgindade, necessidade de estar preparada, de amar o parceiro, medo do abandono, prazer e orgasmo etc.

Sobre o status da virgindade, a maioria das cartas demonstra a diminuição da importância atribuída ao casar-se virgem, ocorrendo em alguns casos atribuição de valor negativo à virgindade. No entanto, é evidenciada a presença de valores antagônicos, visto que em algumas cartas está presente a valorização da virgindade como algo lindo, puro, demonstrativo de que a moça é “séria”. Stengel (2003) enfatiza que, socialmente, a perda da virgindade para a jovem a leva do lugar de “moça” (que ocupa desde a menarca) ao lugar de mulher.

Nas cartas analisadas por Garcia (2004) existem também, muitas referências à necessidade de ter maturidade, estar preparada, esperar o momento e a idade “certas”, e controlar o desejo sexual, aspecto que também surge nas entrevistas analisadas por Stengel (2003). Além do preparo, a maior parte das cartas traz a necessidade de amar, confiar ou gostar do “homem certo”. A imagem deste homem estaria associada ao fato dele permanecer em um relacionamento duradouro com a moça e não abandoná-la depois de ocorrer a primeira relação sexual. Estes dados evidenciam que, apesar de as adolescentes experienciarem maior liberdade na vida sexual e defendê-la, a ênfase na virgindade que ocorria na maioria dos casos antigamente, é substituída por um conjunto de normas que ditam a prática sexual do jovem. Stengel (2003) observa que muitas vezes os adolescentes tentam, devido a conflitos internos provocados pela descoberta do sexo, mascarar ou ocultar seus desejos através de um discurso de não-intencionalidade.

Desser (1993) realizou uma pesquisa em 1988 com garotas de 13 a 19 anos acerca de sexualidade, que mais tarde deu origem a seu livro *Adolescência: sexualidade e culpa*. Ela observa que a virgindade não perdeu seu valor, mas que este valor persistiu, ainda que alterado. Ocorreu o surgimento de um sistema de “normalização” (no sentido de criar normas e também de tornar normal) da atividade sexual antes do casamento. A virgindade anatômica, segundo Desser (1993) teria sido substituída, na construção da “pureza”, pela “inocência”, “honestidade” que devem presidir o sexo. A construção da pureza se daria através de um discurso de não premeditação do sexo, além da utilização do amor, paixão ou ilusão como causas da atividade sexual. Ela ressalta que anteriormente, o amor era utilizado como forma de romantizar e dessexualizar, e que hoje em dia é utilizado para “normalizar” a sexualidade feminina não conjugal. Observa que mesmo após deixar de serem virgens, muitas moças não conseguem afastar a necessidade da não intencionalidade, isso porque, “assumir a sexualidade e exercê-la racionalmente gera culpa, gera sexualidade culpada” (p.153). A culpa seria associada ao ver-se como sujeito de sua sexualidade.

Garcia (2003) aborda relatos que demonstram embaraço e vergonha do próprio corpo durante a atividade sexual. O corpo também é visto por algumas como um presente

ao homem; conceder-lhe seu corpo e sua virgindade seria uma dádiva, uma forma de entrega. Frankel (2003) assinala que a emergência da sexualidade na puberdade traz consigo uma luta por integridade corporal, frente a fortes e inflexíveis impulsos e sensações sexuais. Segundo ele, os adolescentes podem viver terríveis sentimentos de insegurança e medo a respeito do funcionamento do próprio corpo; eles desejam saber se ele funcionará de forma correto e satisfatória o suficiente para que se sintam seguros para explorar a sexualidade com outra pessoa.

Em relação ao prazer e orgasmo, existem menos comentários na pesquisa de Garcia (2004). No que diz respeito à masturbação, existe uma mistura de prazer e sentimento de culpa. Já em relação ao prazer a dois, são relatadas trocas de carícias pré-genitais num crescente de intimidade que finalmente levaria ao coito. Sobre o orgasmo, a maior parte dos comentários está relacionada ao medo de não conseguir atingi-lo; não senti-lo na primeira relação não parece ser um problema, já que aparentemente isso não é esperado, mas no caso de não obtenção do mesmo depois de um tempo de atividade sexual, surge o sentimento de anormalidade.

Storch (2012) aponta que, na experiência da paixão, ocorre a fusão de diversas emoções e sentimentos e sensações que trazem elementos até então desconhecidos para o adolescente. Segundo Penna e Araújo (2010), a psique adolescente está particularmente disponível para o símbolo da paixão, sendo assim os jovens estariam propensos a viverem paixões arrebatadoras, o que indica o importante papel dessa vivência no processo de individuação nessa etapa da vida. Para as autoras, é possível dizer que “a primeira lembrança de uma paixão, fora do círculo familiar, situa-se na adolescência” (p.26). A paixão tem caráter rejuvenescedor e renovador em qualquer fase da vida, mas para o jovem ela é vivida como algo inédito e inovador. Penna e Araújo (2010) assinalam que a paixão é uma experiência de grande intensidade emocional, que tem o poder de abalar o ego e alterar a consciência; o ego é arrebatado e possuído pelo novo, a paixão coloca o ego a serviço do *Self*, sendo assim, um evento potencialmente transformador.

Na fase da adolescência ocorre, como visto anteriormente, a importante transição da infância para a maturidade. A paixão conecta o jovem a novos elementos, o que favorece o desapego da condição infantil, e simultaneamente propicia transformações nos relacionamentos consigo mesmo e com o mundo, o apego ao novo, podendo cumprir a função de rito iniciático. Neste processo o objeto da paixão representa o forasteiro; aquele que está fora do círculo familiar e convida o jovem a encontra-se com o outro, com o novo. Segundo Penna e Araújo (2010), na vivência da mudança de uma existência não sexual para uma sexual, que ganha espaço na adolescência, a paixão e a sexualidade costumam coincidir.

A emergência da sexualidade é sentida como a aquisição de um novo poder, uma potência própria do mundo adulto. A sexualidade emerge no corpo, e a paixão, como símbolo integrador das esferas instintiva e afetiva, conecta o jovem a significados profundos do Self. O potencial transformador da paixão abrange as dimensões físicas e emocionais. O despertar da sexualidade também provoca medo e insegurança. O jovem observa com desconfiança as mudanças que eclodem no corpo. [...] Seu corpo lhe parece estranho. Desejo e medo terríveis se entrecrocaram diante da possibilidade de explorar a sexualidade com alguém. A expressão do amor físico toca as raízes na proximidade e na intimidade com o outro. (PENNA e ARAÚJO, 2010, p.29)

Ainda a respeito da vivência da paixão, as autoras afirmam que, em função dela, ocorrem conexões intensas, tanto internas (ego e arquétipos), quanto externas (eu e outro), o que favorece a projeção de conteúdos inconscientes. Sendo assim, na paixão, são projetados aspectos de *anima* ou *animus*, transformando o parceiro em um ser idealizado. O recolhimento das projeções realizaria o potencial transformador da paixão, apesar de muitas vezes esta reintegração de conteúdos projetados ser vivida como decepção.

Chevalier (2009) assinala que, do ponto de vista simbólico, a sexualidade possui ao mesmo tempo o masculino e o feminino, sendo a união sexual a busca simbólica por unidade, realização plena do ser. A ativação da sexualidade indicaria um trabalho a ser feito no sentido da integração de aspectos anímicos, sendo, *anima* e *animus* de maneira simplificada, os aspectos femininos na psique masculina e vice-versa. Aspectos complementares que fariam a ligação com o inconsciente mais profundo. A integração de aspectos até então inconscientes provocaria mudanças, no sentido da constituição da personalidade. Frankel (2003) destaca que a expressão física do amor “toca as raízes da identidade, na medida em que a fusão da intimidade, proximidade e confiança transformam a personalidade em desenvolvimento” (p.94, tradução nossa), e em níveis extremos a sexualidade pode trazer a promessa de transcendência.

Do ponto de vista social, Stengel (2003) afirma que, para as meninas entrevistadas, a mudança de status de menina para mulher, vinda a partir da iniciação sexual, exigiria a partir daí um novo posicionamento mais maduro e responsável frente à vida e ao relacionamento amoroso. A iniciação estaria associada à idéia de crescer.

Para Castro (2004) o sexo envolve dinâmicas de relacionamento consigo mesmo e com os outros, que colaboram para a demarcação de fases, definição de trajetórias e maneiras de ser individuais. Além disso, a sexualidade possui caráter que propicia a busca de autonomia de projetos e práticas, sendo vivida de maneira única para cada geração. Tanto Lins (2010), quanto Desser (1993), apontam que a mulher moderna possuiu como objetivo e vê importância em construir uma carreira, a fim de tornar-se independente e autônoma. Para Desser (1993), a identidade da mulher moderna “incluía a aspiração ao controle da própria sexualidade” (p.152) ainda que esta esteja limitada pela necessidade de vivê-la de forma “normal”.

4 PESQUISAS RELEVANTES NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

A fim de averiguar o que vem sendo produzido no meio científico a respeito do tema foi feito um levantamento de artigos de periódicos, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso tanto no acervo da biblioteca Nadir G. Kfoury da PUC-SP e quanto no acervo do Instituto Sedes Sapientiae. Foram levantadas pesquisas que abordassem diretamente o tema do trabalho, ou que tratassem de adolescência, sexualidade ou feminino nos últimos 10 anos (desde 2003), com exceção de uma pesquisa de 1995 que foi incluída por ser considerada relevante para o levantamento.

Foi dada prioridade para trabalhos no referencial teórico da psicologia analítica, não sendo excluídos trabalhos em outras abordagens que tivessem relevância. Estão apresentados a seguir, de maneira sintetizada dois trabalhos de conclusão de curso, duas dissertações de mestrado e seis artigos de periódicos, sendo cinco da revista *Jung & Corpo* e um da *Junguiana*. Dentre as dez fontes selecionadas, quatro abordam como tema central a sexualidade na adolescência, quatro o feminino e dois a adolescência. As pesquisas encontradas com o foco na adolescência foram *Adolescência: de que crise estamos falando?* de Campos (2006) e *Imagem corporal na adolescência* de Ramalho (2007).

A dissertação de Campos (2006) é um estudo teórico que busca refletir a respeito da chamada crise de identidade na adolescência. Para tal é feita uma análise de teorias de orientação psicanalítica, que consideram os aspectos biológicos como fatores de desencadeamento desta crise, e teorias de orientação sociológica, que explicam a crise de um ponto de vista social e histórico. A adolescência é vista pelo autor como ilustrativa da dialética interno/externo.

O autor discute a idéia de que as construções teóricas a respeito da adolescência, naturalizam e normatizam-na, fazendo com que ocorra uma repetição de enunciado. O sujeito é interpelado por significantes como “crise”, “adolescente”, “cultura”, “biologia”, presentes na ideologia, dificultando a produção de uma verdade subjetiva que se dê a partir da singularidade do sujeito. Campos (2006) assinala que ao reconhecermos a existência de tal processo, estaremos possibilitando o desprendimento do sujeito das amarras alienantes do discurso do outro e apostando na produção da verdade subjetiva, sem negar simultaneamente que existe o assujeitamento.

A pesquisa de Ramalho (2007) foi realizada pelo Núcleo BACO (Bulimia Nervosa, Anorexia Nervosa, Compulsão Alimentar e Obesidade) da SBPA-SP com o objetivo de compreender o pensamento coletivo a respeito da imagem corporal na adolescência. Para tal utilizaram metodologia tanto quantitativa (por meio de 4 questionários auto-aplicáveis) quanto qualitativa (através do desenho da figura humana, associação de palavras e discurso

do sujeito coletivo). Os participantes foram 238 jovens do primeiro ano do ensino médio de uma escola de São Paulo. Foram avaliadas a frequência de comportamentos de risco para transtornos alimentares, grau de satisfação com imagem corporal e pensamentos e sentimentos a respeito da auto-imagem. Os resultados da pesquisa demonstram que 26% do grupo feminino apresenta preocupação de moderada à grave no que diz respeito à imagem corporal, e 79% da amostra total (rapazes e moças) demonstra construção frágil da imagem corporal.

No teste de associação de palavras foram obtidas respostas que demonstram equilíbrio saudável entre necessidades de acolhimento e cuidado (vivências da dinâmica matriarcal) e forças que impulsionam o crescimento. Também foram obtidas respostas relacionadas ao prazer da sexualidade e do feminino espontâneo e criativo (associado à imagem da criança). Isso demonstra, segundo os autores, que os adolescentes já apresentam sensibilidade no âmbito da sexualidade criativa e ainda mantêm a espontaneidade infantil. Importante ressaltar que já se constela neste grupo o arquétipo da relação homem-mulher.

Podemos observar na pesquisa de Ramalho (2007) que mesmo não sendo seu objetivo tratar da sexualidade, quando o tema diz respeito a adolescência, esta faceta não demora a se manifestar, evidenciando a relevância do tema. Dois dos trabalhos encontrados, que abordam tal temática são: *A consciência dos adolescentes a respeito da sexualidade: uma visão junguiana*, de Storch (2012), *Adolescência e orientação sexual na perspectiva da psicologia analítica* de Amato (2003).

O objetivo da pesquisa de Storch é a compreensão da consciência de adolescentes a respeito da sexualidade (comportamentos e atitudes sexuais). A pesquisa é quantitativa e foi embasada pelo referencial teórico da Psicologia Analítica. Os participantes foram 350 adolescentes com idades entre 14 e 18 anos, estudantes de um colégio particular da cidade de São Paulo. Foram utilizadas duas escalas: Escala de Atitudes Sexuais e Escala de Motivos Para Fazer e Não Fazer Sexo.

Nos resultados da pesquisa, Storch (2012) observa que existem diferenças significativas entre atitudes sexuais dos participantes do sexo feminino e masculino. As jovens possuem visão mais emocional frente ao sexo do que os rapazes (elas são mais permissivas ao sexo com amor do que ao sexo por prazer), eles são mais levados a fazer sexo por razões físicas, apesar de considerarem o compromisso também como um fator importante e motivador, demonstrando mudanças na atitude masculina quando comparada às gerações passadas. São observadas também diferenças entre faixas etárias: os adolescentes mais velhos (16 a 18 anos) fazem mais sexo ocasional ou sem compromisso do que os mais novos (14 e 15 anos), que buscam mais o sexo com compromisso e amor.

A autora relata que a partir da análise dos dados foi possível concluir que a adolescência ativa o tema arquetípico da passagem, que ao longo da história tem sido expresso por ritos iniciáticos. Segunda ela, a vivência da paixão traz elementos até então desconhecidos para o adolescente (amor e sexualidade, corpo e alma etc), provocando interesse em coisas externas ao universo infantil. Assinala que muitas vezes a paixão coincide com o sexo na adolescência.

Já o artigo de Amato (2003) trata de seu trabalho de Orientação sexual desenvolvido com adolescentes da rede pública e privada, em 16 a 20 encontros grupais semanais, com duração de 1 hora, durante os quais eram apresentados vídeos, realizadas dinâmicas e discussões. Os objetivos foram tratar a sexualidade de forma ampla, favorecendo a reflexão e questionamento e a tomada de decisões a respeito de sua vida sexual e pessoal, bem como situá-los em seu processo de crescimento. Diversos tópicos foram abordados ao longo dos encontros: o desenvolvimento (brincar, figuras parentais, ritos de passagem, puberdade), a auto-estima, o desejo, prazer e masturbação, o ficar e namorar, as relações de gênero, o significado da virgindade e a primeira vez, gravidez, DSTs e drogas.

Fica bem claro no trabalho de Amato, o papel fundamental dos arquétipos da Grande Mãe e do Pai, que exercem função estruturante da consciência até a chegada da adolescência. Ela enfatiza também a relevância do Arquétipo do Herói, que impulsiona a separação do universo infantil e parental, em prol da inserção no mundo adulto.

Durante o trabalho, ela observa a importância da Orientação Sexual como espaço e oportunidade para que os adolescentes possam refletir sobre a finalidade de seus comportamentos e emoções. Fica evidente o papel dos adultos, que devem, segundo a autora, dar ouvidos às questões e desejos dos adolescentes, para que eles possam dar contorno adequado à sua identidade em construção. Devem também dar suporte e acolhimento às polaridades vividas pelos adolescentes (por exemplo, a progressão e regressão da libido), visto que esta vivência é uma grande marca desta etapa do desenvolvimento.

Ainda dentro da temática da sexualidade na adolescência, as pesquisas que mais se aproximaram do tema central do presente trabalho foram: *Contextualizando a Primeira Vez: Questões sobre a sexualidade feminina adolescente* de Bolognani (1995) e *A “primeira vez” na contemporaneidade: intersecções entre subjetividade e cultura* de Bicudo (2008).

A pesquisa de Bolognani (1995) teve como objetivo discutir o significado das relações sexuais e afetivas de adolescentes do sexo feminino. A pesquisa de campo realizada teve como participantes quatro adolescentes, com idades de 17 a 19 anos, que já tivessem iniciado a vida sexual e com nível sócio-econômico médio. A pesquisadora justifica a escolha de participantes pertencentes a este nível social em função da influência direta da ideologia predominante que recebem, e da faixa etária em função de dados estatísticos que

indicavam os 17 anos como idade média para início da vida sexual entre meninas brasileiras. Não está justificada no trabalho a escolha do número de participantes.

O método utilizado foi realização de entrevistas não-diretivas. A entrevista foi baseada num roteiro amplo, que contempla questões referentes à como se dava o relacionamento com os jovens do sexo oposto antes da primeira relação sexual, como os pais se posicionavam, quais eram as expectativas e medos. Também aborda o como, quando e com quem aconteceu a iniciação e as vivências posteriores a ela, como as mudanças em relação ao sexo, os novos relacionamentos.

Na discussão dos resultados a autora aborda os diferentes modos de relacionar-se para as entrevistadas. O “ficar” está associado possibilidade de exploração de contato físico e experimentação da sexualidade sem estar ligada ao amor ou envolvimento emocional (como o sexo). Ao mesmo tempo, segundo as entrevistadas isso põe em jogo a imagem da jovem que “fica” que pode passar a não ser respeitada. O “ficar” demonstra valores antigos, na medida em que as meninas não contam para os pais, e modernos, devido à maior liberdade de exploração da sexualidade.

Já o namoro aparece como relação que implica a existência do amor e compromisso sério. As entrevistadas admitem que existência do sexo entre “ficantes”, mas não aderem a essa prática, sentem a necessidade do amor. Mesmo existindo a excitação sexual no “ficar”, o sexo é uma coisa mais séria que precisa ter afeto. Amor é mais importante para elas do que o prazer. Atividade sexual aparece principalmente voltada ao relacionamento, por dar mais segurança, mas mesmo assim nos relatos aparece o medo de ser abandonada pelo parceiro depois da primeira relação.

A forma com que as moças lidam com sua própria sexualidade aparece vinculada à como os pais a encaram. Para as entrevistadas a postura dos pais aparece às vezes como orientação, acolhimento e também como tentativa de controle/invasão da privacidade. O contar para os pais sobre a atividade sexual está relacionado para umas ao medo da reação e para outras ao acolhimento.

Bolognani (1995) observa também que entre as entrevistadas o desejável na primeira relação é a espontaneidade, o “deixar rolar”, nada pré-estabelecido. Outro dado importante é que elas sentem que cabe à elas estabelecer os limites para o contato físico.

Já a pesquisa de Bicudo (2008) teve como objetivo a compreensão do modo com as adolescentes brasileiras vivenciam iniciação sexual na contemporaneidade, e como os aspectos subjetivos e culturais se relacionam. A contextualização teórica é feita pelo viés Psicanalítico (questão da subjetividade) e histórico (história do amor e sexo no ocidente). O instrumento de investigação foi entrevista semi-dirigida, com adolescentes do sexo feminino de 19 a 22 anos (que estejam em fase de construção de suas vivências sexuais), que já

tivessem dado início à vida sexual, pertencentes à classe média de São Paulo, por ser vista como formadora de opinião.

Em seus resultados, Bicudo (2008) observa que o se sentir adolescente está relacionado com a sensação de autonomia e independência. As entrevistadas atribuem à primeira relação sexual o significado de transformação de “menina” em “mulher”, crescer, ficar adulta. Semelhante aos resultados de Bolognani (1995), as entrevistadas também preferem o sexo num contexto que lhes dê um maior senso de segurança, sendo os pré-requisitos para o ato sexual a intimidade, confiança, companheirismo, diálogo, compreensão e vínculo prévio com o parceiro.

Nos relatos foram evidenciados os fatores de tomada de decisão para fazer sexo a curiosidade e desejo. Existe uma ambigüidade de valores: ao mesmo tempo em que é aceitável e até bem visto o sexo pelo sexo (“trepas”), já que muitas vezes a virgindade é vista como um fardo, um rótulo indesejável, as entrevistadas demonstram dificuldade de se desvencilhar do amor romântico ligado ao sexo. É o amor que valida o sexo.

Vemos esta forte relação nos dois estudos, mas podemos dizer que ocorreu uma mudança: no estudo realizado em 2008 o amor é importante e dá validade ao sexo, mas os fatores como desejo e curiosidade também são levados em conta, ao passo que no estudo de 1995 o amor é colocado acima do prazer.

Ambos os estudos utilizam como referência o estudo de Desser(1993) que evidencia a substituição da virgindade anatômica por inocência e discurso de não intencionalidade (observado no estudo de Bolognani (1995) no relatos a respeito do “deixar rolar”) . Já no estudo de Bicudo (2008) isso não ocorre, pois, todas as jovens de alguma forma se prepararam para sua iniciação. Observou-se também que a possibilidade de se preparar para a primeira relação não vem acompanhada necessariamente de liberação sexual, existindo nos relatos culpa em relação ao ato. O discurso das entrevistadas está permeado pelas relações de gênero, colocando o homem no papel ativo e a mulher no passivo.

Ambos os estudos de Bicudo e Bolognani em suas introduções teóricas tratam da questão da tradição patriarcal, tema que foi bastante abordado em diversos estudos levantados, principalmente nos quatro estudos relatados a seguir, que tratam do tema do feminino.

O artigo *Refletindo sobre a ferida do feminino*, de Ferreira (2006) é um trabalho teórico, que procura abordar e relacionar o feminino, o trauma e a história do patriarcado, a fim de entender os desafios do desenvolvimento feminino. A autora aborda a submissão feminina como uma imposição do patriarcado, que teria deixado profundas marcas na personalidade feminina. Segunda ela, o homem seria primeiramente responsável pelo “massacre” do feminino, mas a partir de tal massacre, a mulher teria internalizado um masculino opressor e se encarregado ela mesma de se auto-desvalorizar.

Ferreira (2006) explica que diante de uma situação ameaçadora, as reações naturais seriam a luta, a fuga, ou em uma situação na qual não se vê possibilidade de escape, o congelamento. Tal situação de ameaça geraria um stress que deve ser descarregado, caso contrário pode gerar um trauma. No caso da mulher, quando as esferas sociais (família, igreja, sociedade) passaram a enxergar o feminino como inferior, não havia mais possibilidade de escape, o que ameaçou seu psiquismo e teria provocado imobilização ou congelamento, mingando sua capacidade de agir (este seria o trauma gerado pelo patriarcado).

Apesar das evidentes conquistas após o feminismo, para Ferreira (2006) a mulher teria perdido o contato com sua alma feminina, seu mundo instintivo, sentindo como naturais os sentimentos de impotência ou incapacidade. Aponta como um novo caminho para a integração de tais aspectos femininos renegados a sensopercepção; prestar atenção ao corpo de maneira consciente. Ferreira (2006) acredita que a mulher precisa voltar a reconhecer seu valor apesar da mídia e da sociedade que freqüentemente adotam visões polarizadas do feminino.

O artigo *Lilith e o feminino proibido*, de Stamm (2005) é um trabalho teórico que também aborda a integração de aspectos femininos reprimidos pela história patriarcal, utilizando a figura de Lilith como personificação de tais aspectos. Existem algumas versões da história de Lilith e em uma delas ela é a primeira mulher de Adão, criada da mesma terra que ele. Ela assusta Adão reivindicando igualdade sexual (também deseja ficar por cima) e é expulsa do paraíso. Ela prefere a separação à submissão e coerção. Lilith representa as qualidades femininas negligenciadas; instinto, movimento, liberdade, rebeldia, sexualidade, sedução.

Segundo a autora, as qualidades de Lilith representam para o homem a sedutora, a bruxa, e a mãe má que devora, e para a mulher a sombra escura, especialmente na área da sexualidade. Para ela, o desenvolvimento e crescimento da mulher são favorecidos pela integração das qualidades de Lilith, sendo que renegá-las (como faz a tradição patriarcal) impediria a mulher de se tornar ela mesma. Ela ressalta que durante a adolescência a rebeldia de Lilith se faz muito presente, e que é importante estabelecer um diálogo com Lilith, se permitindo errar, experimentar, desafiar. Assinala que para as mulheres jovens é difícil vivenciar de maneira consciente o poder de sua sexualidade Lilith, por serem elas objeto de desejo masculino e receptores de suas projeções. Afirmar que o encontro com Lilith, a vivência de uma sexualidade ativa (no sentido da busca por prazer) e sedutora pode ser transformadora.

Também demonstrando as vantagens da integração do feminino está o trabalho de Guerra (2004), *A Deusa Durgâ: uma imagem arquetípica do desenvolvimento pleno da*

mulher. Ela se propõe abordar e interpretar este símbolo vindo da Índia, com o intuito de ilustrar como a mulher pode contribuir para o homem e a cultura se realizando como pessoa.

Durgâ é uma Deusa que nasceu da energia emitida pelos Deuses ao verem-se incapazes de vencer o demônio Mahisha, que não poderia ser vencido por nenhum homem. Sua função principal é combater os demônios para restabelecer a ordem no Cosmos. Ela carrega aspectos agressivos da luta, bem como sedução e encantamento. Enquanto Deuses e demônios tentam estabelecer sua superioridade pela força (crença comum no funcionamento patriarcal, no qual se acredita ser possível aniquilar o inimigo pela força), Durgâ transcende, unindo em uma só figura os aspectos femininos de sedução e cuidado, e os masculinos de guerreira.

Seu lado agressivo, que luta contra o sistema, demonstra que a repressão da parte, inviabiliza o Todo, ou seja, a repressão dos aspectos femininos, empurrados para a sombra pelo patriarcado, impede tanto o homem quanto a mulher de atingirem a individuação.

Ainda trazendo a tona o tema da repressão do feminino pelo patriarcado está o artigo *Menstruação: expressão da feminilidade* de Rapaport (2010). A autora trata a respeito da vivência da menstruação e os diversos aspectos relacionados. Trata-se de uma pesquisa teórica baseada em pressupostos da Psicologia Analítica. A autora entende a experiência da menstruação como algo arquetípico, permeada de símbolos e aspectos inconscientes. Ela fala do sangue como símbolo primário de vida, e diz que o símbolo do sangue menstrual é controverso, devido ao fato de simultaneamente vir atrelado a uma idéia de saúde, fertilidade, feminilidade e a da sujeira, motivo de vergonha e fonte de restrições.

Ela encontra em sua pesquisa diversas culturas (tribais, judaica e cristã) que vêem a menstruação como algo impuro, poluente. Em tais culturas existem proibições sexuais e isolamento impostos pelos homens à mulher menstruada. Rapaport (2010) aborda o tema do feminino sagrado. Segundo ela, antes do estabelecimento do patriarcado, a maternidade, menstruação e sexualidade femininas eram consideradas sagradas, sendo que a menarca marcava o momento em que a mulher estava pronta para utilizar seus poderes.

Ela demonstra que com o advento do patriarcado o homem passa a ter papel centralizador na cultura, e os aspectos femininos sofrem uma desvalorização, fazendo com que a mulher passasse a vivenciar a vergonha de seu corpo e feminilidade. Olhando para a mulher contemporânea, a autora diz existir uma identificação com os valores patriarcais. Além disso, ressalta que a menarca, antigamente, em diversas culturas era vista com um rito de passagem que transformava o status da jovem dentro da comunidade, dando a adolescente vinculação ao grupo e facilitando a construção da auto-imagem. Em contrapartida, atualmente existe, segundo ela, a falta de um rito coletivo, fazendo com que a menstruação tenha seu significado enfraquecido e seja vista como um incômodo, uma vergonha. Na conclusão de sua pesquisa, ela observa que a maior aceitação do ciclo

menstrual está ligada à maior consciência a respeito do próprio corpo e feminilidade, e aponta que o trabalho no sentido da integração psicofísica da mulher possibilita a transformação da vivência do feminino.

5 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

A partir da revisão da literatura e das pesquisas realizadas na última década, pode-se perceber que o tema da sexualidade feminina é um tema bem atual. Segundo Frankel (2003) existe forte conexão entre torna-se um ser sexual e adquirir poder vital, sendo a sexualidade adolescente uma experiência com diversas camadas de significado e que carrega a promessa de transformação.

Chevalier (2009) assinala que, do ponto de vista simbólico, a sexualidade possui ao mesmo tempo o masculino e o feminino, sendo a união sexual a busca simbólica por unidade, realização plena do ser. A ativação da sexualidade indicaria um trabalho a ser feito no sentido da integração de aspectos anímicos, integração esta que provocaria mudanças, no sentido da constituição da personalidade.

Também fica evidente a necessidade arquetípica de iniciação, e como a psique adolescente busca experiências que possam alterar a consciência e personalidade (FRANKEL, 2003). Em uma sociedade com uma lacuna de ritos de iniciação formalizados, é importante compreender como os jovens estão vivendo essa passagem para a vida adulta, e a sexualidade é um fator importante a ser analisado.

O objetivo deste trabalho é a compreensão de como as mulheres jovens vem vivenciando a iniciação sexual na contemporaneidade. Para ampliar a consciência a respeito de tal vivência, esta pesquisa se propõe a investigar as principais associações em torno da sexualidade em seu início e a relação das mulheres com sua própria feminilidade. Além disso, é necessário buscar compreender se as primeiras experimentações e primeira relação sexual possuem caráter iniciático. Em caso positivo, o que estaria auxiliando nessa passagem, e em caso negativo, o que estaria sendo sentido como obstáculo para que a transformação ocorra.

Um conhecimento ampliado acerca de tais aspectos viabiliza a discriminação de quais questões devem ser trabalhadas a fim favorecer a integração dos aspectos anímicos e a passagem para a dinâmica da alteridade. Vejo nesta pesquisa o potencial de apontar para questões relevantes no trabalho com jovens, tanto no consultório, quanto em instituições como escolas, unidades de saúde etc. A compreensão aprofundada das questões que permeiam a vivência da sexualidade em seu início, pode apontar caminhos, facilitando a elaboração de projetos de intervenção junto aos jovens (como os de Orientação Sexual), que possam ajudá-los a passar por estas experiências de maneira mais consciente e saudável.

6 MÉTODO

Segundo Penna (2009), é importante que o pesquisador adote um paradigma científico, em função do qual serão selecionados os recursos metodológicos. O paradigma que orienta o presente trabalho é o paradigma junguiano, e o método escolhido para a realização do mesmo é o processamento simbólico arquetípico. Tal método de investigação dos fenômenos proposto por Penna (2009) resulta da articulação das perspectivas ontológica e epistemológica do paradigma.

As bases ontológicas do paradigma junguiano compreendem a concepção de mundo, realidade psíquica, ser humano e psique. A noção de totalidade – unidade e diversidade – constitui o pilar básico da perspectiva ontológica do paradigma junguiano, permeando sua visão de mundo e ser. Trata-se de uma totalidade dinâmica que contém diversos elementos. O mundo para Jung é concebido em seus aspectos subjacente e manifesto – o inconsciente e o consciente respectivamente. (PENNA, 2009, p. 78)

A perspectiva epistemológica de um paradigma se inicia na definição do que é considerado conhecimento, sendo necessário analisar os limites e possibilidades da produção de tal conhecimento. Na psicologia analítica, produzir conhecimento é equivalente a ampliar a consciência, sendo esta ampliação um processo que se estende ao longo da história e existência humana. Ela se dá através da constante e gradual integração de aspectos inconscientes na consciência. (PENNA, 2009)

A possibilidade de acessar o inconsciente se baseia na hipótese de que este se expressa na realidade manifesta, ou seja, não é possível conhecer o inconsciente diretamente, apenas sua expressão, sua manifestação na consciência. A manifestação do inconsciente, dos arquétipos, se dá através dos símbolos, das redes simbólicas ligadas à experiência humana. Sendo assim, o símbolo, como fenômeno psíquico observável, constitui a chave para a produção de conhecimento na psicologia analítica. Através de sua função transcendente, o símbolo sintetiza aspectos conhecidos e desconhecidos da psique, apresentando para a consciência aquilo que lhe é relevante e significativo dentro de determinado contexto. (PENNA, 2009)

Os aspectos desconhecidos, ou incógnitas a serem decifradas, que estão delimitadas no objetivo da pesquisa orientam a primeira fase do processamento simbólico arquetípico; a coleta de dados e apreensão dos fenômenos. Esta etapa tem como base a observação direta, que acessa aspectos conscientes e manifestos, e a indireta, que pretende captar os aspectos inconscientes do fenômeno.

A fim de alcançar a meta do processo de pesquisa, que é a construção de um conhecimento novo e significativo (ampliação de consciência acerca do tema estudado), a

fase de análise e compreensão dos dados obtidos, tem por objetivo decifrar aquilo que o símbolo traz em si de desconhecido, tornando esta faceta até certo ponto, conhecida.

O enfoque metodológico da pesquisa é o qualitativo. A pesquisa qualitativa busca ir além da descrição e mediação dos fenômenos, tendo como propósito a compreensão e interpretação da realidade. Este tipo de pesquisa se orienta por uma concepção de verdade relativa e temporária, assim como a presente pesquisa, que considera que o estudo da vivência da sexualidade na contemporaneidade é relevante, visto que esta pode sofrer transformações ao longo do tempo. (PENNA, 2009)

O método qualitativo é flexível e considera tanto a objetividade e a subjetividade, ou seja, os significados subjetivos dos fenômenos e seu contexto (PENNA, 2009). A escolha metodológica está alinhada assim, tanto com o objetivo do trabalho quanto com o paradigma junguiano, que segundo Penna (2009) “faz parte dos, assim chamados “paradigmas qualitativos” por sua ênfase no aspecto compreensivo e interpretativo dos fenômenos”. (p.55)

Por se tratar de um trabalho que visa compreender a experiência humana, em sua complexidade, sua gama de significados e valores, uma metodologia compreensiva e interpretativa, resultou numa eficiente exploração do símbolo e sendo assim, numa produção de conhecimento mais profundo e rico.

6.1 PARTICIPANTES

As participantes da pesquisa foram quatro jovens mulheres moradoras da cidade de São Paulo, pertencentes à classe média, com orientação heterossexual, com idades entre 18 e 22 anos, que iniciaram a vida sexual há no máximo 1 ano e 6 meses, e que se interessaram em participar voluntariamente da pesquisa, sem que fosse oferecido nenhum estímulo financeiro.

Anteriormente à seleção de participantes, foi estabelecida uma faixa etária que contemplasse a final da adolescência e início da juventude (17 a 23 anos). Essa definição de faixa etária se sustenta na afirmação de Molineiro (2007) acerca da extensão do período da adolescência. Além disso, consideramos que o roteiro de entrevista garantiria a obtenção de dados a respeito do início das experiências sexuais e da fase da adolescência mesmo que a entrevistada já se considerasse adulta. Estabelecemos também que só seriam entrevistadas mulheres que tivessem tido a primeira relação sexual no máximo 2 anos antes da entrevista, em função de considerarmos que a proximidade temporal da experiência propiciaria um relato mais vivido da experiência emocional. Sendo assim, os fatores de

exclusão foram: estar fora da faixa etária selecionada, não ter iniciado a vida sexual ou tê-la iniciado a mais de 2 anos, e não ter desejo de participar da pesquisa.

O método de amostragem utilizado para seleção das participantes foi o *Snowball*, ou Pesquisa em Cadeia. Esse método depende de uma rede de contatos sociais. Duas das participantes (Vanessa e Isadora) foram indicadas por conhecidos da pesquisadora, que conheciam indivíduos que se encaixassem nos critérios de seleção, e as outras duas tiveram conhecimento do projeto através de um anúncio em grupo privado do facebook e se voluntariaram (Ana e Gabriela). A coleta de dados foi realizada até que o objetivo fosse atingido, sendo assim, não coube a pesquisadora pré determinar o número de participantes, já que isso dependeria da obtenção suficiente de dados. O pesquisador deve deliberadamente dar início e controlar todas as etapas da amostragem no método da pesquisa em cadeia.

Este tipo de amostragem é amplamente utilizado em pesquisas qualitativas e especialmente adequado às pesquisas cujo foco diz respeito a uma questão íntima e particular, como é o caso da sexualidade, já que este tipo de pesquisa requer indicação de pessoas conhecidas, que tenham acesso a tais informações privadas. (BIERNACK, 1981)

6.2 INSTRUMENTO

A fim de favorecer a captação e apreensão dos símbolos produzidos pela psique, que como visto anteriormente, são a chave para a produção de conhecimento no paradigma junguiano, o pesquisador deve selecionar recursos metodológicos eficientes. Para a seleção de tais recursos foi levado em conta a articulação entre aspectos como: tema e objetivos da pesquisa, delimitação do contexto e tipo de manifestação simbólica a ser investigada (objeto de estudo). (PENNA, 2009)

6.2.1 ENTREVISTA

O instrumento de pesquisa selecionado foi entrevista semi-dirigida. Segundo Penna (2009), a entrevista é um dos instrumentos mais utilizados em pesquisas com seres humanos e procedimento preferencial em psicologia analítica.

Quando é utilizado este tipo de instrumento, estabelece-se necessariamente um vínculo transferencial entre pesquisador e participante, que deve ser levado em consideração. Sendo assim, o pesquisador participa do processo de obtenção de material, não sendo um mero observador. A elaboração e aplicação da entrevista devem privilegiar a relação dinâmica que se estabelece entre pesquisador e pesquisado, com todas suas

particularidades. Tal dinâmica relacional exige do pesquisador não apenas a habilidade de escuta, mas também a de observação do comportamento, a fim de captar da melhor forma possível a personalidade do entrevistado. (PENNA, 2009)

Este tipo de entrevista (semi-dirigida) foi considerada adequada aos objetivos da pesquisa visto que permite certa liberdade tanto ao participante quanto ao pesquisador, favorecendo a espontaneidade do primeiro e a criatividade do segundo, o que possibilita ampla exploração dos temas apresentados. (PENNA, 2009)

A entrevista foi orientada por um roteiro previamente elaborado (Anexo I), que contempla questões referentes a adolescência, relação com garotos, virgindade, sexualidade, relações de gênero e mudanças ocorridas após a primeira relação. Antes de começar a abordar os temas relevantes houve uma fase de conversa casual, com questões leves que funcionaram como aquecimento. A sequência dos temas abordados levou em consideração a intensidade dos mesmos e o grau de envolvimento e exposição necessários por parte das participantes, sendo apresentados dos menos intensos para mais intensos, com o propósito de gradualmente introduzir os temas de natureza mais íntima.

6.3 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Após a identificação de possíveis sujeitos através dos contatos sociais da pesquisadora e do anúncio em rede social, o primeiro contato com as participantes foi feito pela rede social facebook. Através de mensagens particulares a pesquisadora averiguou o interesse das participantes em fazer parte do estudo e pediu o telefone delas para que mais detalhes fossem discutidos. Em um segundo contato, através do telefone a pesquisadora explicou o objetivo da pesquisa, esclareceu algumas dúvidas das participantes e marcou o encontro. Foi realizado apenas um encontro com cada participante, que variaram entre 1 hora e 1 hora e 40 minutos de duração. O local selecionado para a aplicação da entrevista foi uma sala fechada e privativa, que garantia o conforto e privacidade necessários para a realização de uma entrevista, promovendo um ambiente favorável para a coleta de dados.

Uma vez no local foram retomados o objetivo e condições de realização da pesquisa, apresentado o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido a ser assinado, e elucidadas quaisquer dúvidas das participantes. Após a assinatura do Termo foi dado início à aplicação da entrevista com base em roteiro pré-elaborado (Anexo I). A entrevista foi gravada, com o objetivo de garantir a maior fidelidade possível no momento de reconstituição do relato obtido.

6.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Segundo Penna (2009), no cenário atual, em que a concepção de ciência se amplia, é colocado diante do pesquisador um amplo leque de possibilidades e uma grande flexibilidade metodológica, ficando a cargo do mesmo fazer escolhas responsáveis e coerentes. O compromisso do pesquisador não se dá apenas com a verdade, mas também consigo mesmo, com a comunidade científica e em última instância com a coletividade.

Em relação a pesquisas orientadas pelo paradigma junguiano, Penna (2009) sugere alguns cuidados a serem tomados. O primeiro deles é “a atitude ética diante do inconsciente, respeitando as possibilidades e os limites com que o material de pesquisa se oferece para o conhecimento e se responsabilizando pelo conhecimento produzido perante a situação atual da consciência individual e coletiva.” (p. 194)

Em segundo lugar, Penna (2009) assinala que não é possível encontrar a verdade eternamente válida sobre a psique. Isto porque a verdade se revela como “a maior aproximação possível que a consciência humana pode atingir do desconhecido” (p. 194), dentro de um contexto atual. O que podemos realmente atingir são, no máximo “expressões verdadeiras”, que se apresentam nas observações e experiências subjetivas que dizem respeito à realidade psíquica tanto objetiva quanto subjetiva.

Em terceiro, e último lugar, ela aponta que dentro da pesquisa junguiana, é exigido do sujeito uma atitude íntegra consigo mesmo e perante o mundo, na busca pela compreensão do sentido e significado dos símbolos, que seria o objetivo tanto do processo de pesquisa quanto do de individuação. “Sua integridade é definida pela atitude responsável e comprometida perante o mundo externo e seu autoconhecimento” (p.195)

A fim de atender as exigências éticas e garantir que todos os cuidados necessários fossem tomados foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II).

Uma vez no local de coleta foi apresentado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Tal documento retoma o objetivo da pesquisa, sua vinculação à instituição de ensino PUC-SP, e explicita as condições nas quais o estudo será realizado. No que diz respeito à participação das mulheres envolvidas, esclarece que a participação é voluntária (sem que haja qualquer estímulo financeiro) e é realizada de forma anônima, sendo que o relato por elas fornecido está submetido às normas éticas destinadas a pesquisas envolvendo seres humanos.

Também esclarece que a qualquer momento que a participantes sentissem lesadas ou desejassem se retirar do estudo poderiam fazê-lo sem quaisquer prejuízos. Importante ressaltar que a presente pesquisa não prevê nenhum prejuízo ou dano as participantes, mas

que caso, a qualquer momento fosse evidenciada alguma demanda que apenas a aplicação da entrevista não pudesse conter, a pesquisadora se prontificaria a dar continência a tal demanda e se necessário realizar encaminhamento adequado.

Nenhuma participante teve desejo de se retirar da pesquisa nem solicitou novo contato.

7.5 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Conforme relatado anteriormente, esta pesquisa é orientada pelo paradigma junguiano e o método escolhido é o processamento simbólico arquetípico proposto por Penna (2009). Após a etapa de coleta de dados e apreensão dos fenômenos, ocorre a fase da análise e compreensão dos dados. A análise tem como objetivo decifrar a faceta desconhecida do símbolo, tornando-a até certo ponto conhecida, o que implicaria em ampliação de consciência e produção de conhecimento.

Importante ressaltar que o processamento simbólico arquetípico dos dados coletados exige do pesquisador participação integral de sua personalidade, certificando-se de que seus recursos internos estejam atuantes, possibilitando introspecção e reflexão ao longo do processo de revelação dos aspectos desconhecidos do símbolo. O processamento possui caráter dinâmico, envolvendo etapas de tradução, interpretação e elaboração do material que exigem tal atitude do pesquisador. (PENNA, 2009)

Os símbolos, que possuem natureza híbrida (consciente e inconsciente) são percebidos como mensagens cifradas que devem ser traduzidas pela consciência. O pensamento simbólico é a função que compreende os símbolos, e é formada pela associação entre o pensamento dirigido e o pensamento não dirigido ou “pensamento-fantasia”. Esse último é analógico, associativo e imagético. Sendo assim, através de diversas leituras dos relatos, foi permitido o fluir de imagens, comparações e associações, que foram selecionadas e organizadas para a formulação da análise de dados. Dessa forma buscou-se, como sugere Penna (2009), rodear o símbolo a partir da descrição dos relatos, da detecção de seus componentes mais relevantes.

Segundo a autora, “a compreensão do material da pesquisa considera os fenômenos tanto na sua perspectiva causal como teleológica” (PENNA, 2009, p.98). Na análise dos relatos, foi necessário atentar-se às causas e finalidades (os porquês, e para quês), a fim de compreender suficientemente bem os conteúdos apresentados pelas participantes.

A análise de cada relato em particular, levou em consideração a percepções da pesquisadora, bem como os dados brutos e associações com a teoria. Posteriormente, para a construção da discussão, foi realizada nova etapa de associações através da união do

pensamento dirigido e não dirigido, a fim de captar e organizar os dados comuns que se destacavam entre as entrevistadas.

8 APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE

A preparação para a coleta de dados se iniciou em setembro de 2013, quando a pesquisadora realizou uma entrevista sem roteiro previamente elaborado com uma mulher que se encaixava nos critérios de seleção. A partir desta experiência e do levantamento teórico foi elaborado o roteiro da entrevista que foi testado em fevereiro de 2014 com esta mesma mulher. A partir deste teste foram discutidas em orientação formas de aperfeiçoar a aplicação da entrevista, a fim de garantir coleta eficiente de dados. A coleta se deu no período entre 17 de março e 14 de abril de 2014, consistindo em quatro entrevistas, uma com cada participante.

A fim de garantir o anonimato, todos os nomes foram alterados e dados que pudessem identificar as entrevistadas foram ocultados (como por exemplo: nomes de colégios, faculdades, lugares). Importante ressaltar que durante a aplicação das entrevistas semi-dirigidas, surgiram diversos temas e conteúdos importantes nas histórias de vida das participantes, mas que a análise e discussão desta pesquisa têm seu foco naqueles que possuem maior relevância para o tema investigado; a iniciação sexual.

Foi considerado importante em alguns casos trabalhar com conteúdo verbal exato, e por este motivo foram incluídos na análise alguns termos e frases utilizadas pelas participantes durante as entrevistas, que estão apresentados na íntegra no capítulo: Anexos. Tais citações literais encontram-se entre aspas.

8.1 GABRIELA

Gabriela tem 18 anos, é estudante universitária e teve sua primeira relação sexual com penetração aproximadamente 8 meses antes de ser entrevistada. Teve sua primeira menstruação com 11-12 anos e começou a se interessar por garotos com 12-13 anos. Envolveu-se com cinco garotos em sua vida, sendo que com dois deles não aconteceu nenhum envolvimento físico. Com os outros três houve envolvimento físico; um em um relacionamento casual e sem compromisso e dois como namorados. Namora há dois anos e meio e teve a primeira relação sexual com penetração com o atual namorado.

A respeito da vivência da menarca, Gabriela demonstra ter sentimentos contraditórios e aparentemente não possui consciência de tal contradição. Ao mesmo tempo em que dá a entender que a primeira menstruação não teve significado algum e simplesmente não era assunto digno de nota entre as amigas, demonstra ter sentido que o ocorrido foi acompanhado por uma mudança de status (não sabia como contar ao pai que já

podia “ter bebê”) e ter importância suficiente para lhe causar “desespero” ao pensar que as amigas descobririam.

Em seu relato é possível perceber que a vivência da primeira da menstruação, tal como observado por Rapaport (2010) está permeada de símbolos à fertilidade e à vergonha e restrições. Além da vergonha, é possível perceber que a menstruação foi vivida como símbolo de mudança na relação com o pai; com o novo status de “mocinha” ela deixaria de ser vista como criança por ele. Podemos dizer que a dificuldade em lidar com esta experiência possa estar ligada à elaboração do luto pela perda do corpo infantil e da relação infantil com os pais assinalada por Pigozzi (2002).

Podemos evidenciar que, para Gabriela, a sensação de deixar de ser criança e tornar-se adolescente está ligada à vivências de transgressão (mentir para os pais), liberdade e a busca de um universo fora do núcleo familiar. Sendo assim, o crescer estaria associado à necessidade de separação do núcleo familiar, conforme evidenciado por Jung (1986), Frankel (2003) e Aberastury (1981), para que a jovem possa se inserir no mundo adulto. A libido se volta para a adaptação ao grupo, respondendo ao que Jung (1986) chama de o chamado da vida por independência.

As experiências de primeira paixão e primeiro beijo de Gabriela estão repletas de sentimentos de inadequação; não saber o que responder quando o assunto diz respeito a sexualidade e medo de que seu corpo não funcionasse adequadamente para que pudesse sentir-se livre para explorar a vivência do primeiro beijo com um outro que lhe fosse significativo, tal como observado por Frankel (2003). Ela escolhe não beijar o garoto por quem estava apaixonada por medo de “beijar mal” e opta por fazê-lo com alguém por quem não alimentasse fantasias românticas. Podemos pensar que, dessa forma, o outro perde parte de seu valor, pois funciona como instrumento para que ela pudesse “perder a vergonha” não havendo envolvimento emocional.

Podemos observar que ao longo de sua exploração no campo da sexualidade, o grau de envolvimento emocional com os parceiros foi aumentando, ao mesmo tempo em que aumentava também sua sensação de adequação, no sentido de sentir-se livre para experimentar com outro. Ela considera que sua vida sexual começou com o primeiro namorado, por quem não estava apaixonada, mas tinha grande afeto. Ela passa a se auto-estimular após o término com esse namorado, e declara ter sido uma “libertação feminina”, uma afirmação de que seu corpo “não era nojento”. Além de iniciar a masturbação apenas após a experimentação com o primeiro namorado, ela para de se auto-estimular quando inicia o relacionamento atual. Podemos pensar desse forma em uma sexualidade muito mais voltada à relação com o outro do que à auto-exploração.

Apesar de considerar que as preliminares que fazia com ele (masturbação) marcaram o início da vida sexual, considera que fez “sexo de verdade” apenas quando

aconteceu a penetração. Isso denota a importância atribuída à virgindade e ao rompimento do hímen. Podemos pensar que este discurso demonstre a necessidade da ferida iniciática, evidenciada por Frankel (2003) para que a inocência infantil seja rompida e a iniciação siga seu curso.

A respeito das vivências sexuais (sexo oral e masturbação) com o atual namorado, por quem está apaixonada, existe um discurso que abarca tanto o âmbito do prazer físico quanto do laço emocional. Podemos dizer que, nesse caso, assim como observado por Penna e Araújo (2010), a paixão tem o caráter de símbolo integrador das esferas afetiva e instintiva, podendo ter função na experiência da iniciação da vida adulta.

Existem evidências no relato de Gabriela que permitem o levantamento da hipótese de que ela considere, mesmo que não conscientemente que a sexualidade masculina é mais exigente do que a feminina, como observado por Chauí (1984), pois sentia-se muito culpada por fazer o namorado esperar (durante 1 ano e meio), tendo a sensação que o estava “atrasando”, mas não sentia que ela estava “atrasada”. Podemos perceber que existe internamente para Gabriela uma pressão para satisfazer seu parceiro sexualmente, ser uma mulher atraente, mas existe também a repressão deste lado, manifesta na forma de medo.

Ela relata ter uma desconfiança geral em relação aos homens (inclusive seus amigos mais íntimos), e ter muito medo de estupro e agressão ao feminino. Parece-me que ela projeta conteúdos sombrios no masculino em geral, sendo o homem a personificação da sexualidade opressora, assustadora, devoradora e má. Para ela, sua primeira relação sexual “abriu seus olhos” para um mundo sexuado e “malicioso”, perverso. Acredito que talvez o possível contato com essa sombra como parte dela mesma (ela como um ser possuidor de uma sexualidade exigente e poderosa) seja muito assustador no momento, sendo possível apenas através da projeção.

Ela demonstra sentir desconforto em desempenhar o papel ativo (não sabe explicar o porquê, mas não se sentiria bem ficando por cima do namorado durante o primeiro coito), mas também não ficava confortável no papel passivo (em baixo do namorado). Ela tinha a fantasia de que se ficasse por baixo a pressão do corpo do seu namorado aumentaria a dor no ato; podemos entender essa fala de forma simbólica, representando o medo da opressão, ou dominação. Não a dominação pelo masculino, mas medo de, ao entrar em contato com a sua própria potência sexual, seu feminino inconsciente, ser dominada por ele.

É interessante pensarmos no mito de Lilith e nas idéias trazidas por Stamm (2005); Lilith demanda igualdade sexual e o direito de ficar por cima, o que é um ideal de Gabriela, mas na prática lhe parece inadequado. Ao mesmo tempo representa a sombra feminina no que diz respeito à sexualidade, sombra essa que Gabriela parece projetar nos homens.

O sexo parece ser um assunto delicado e importante na vida de Gabriela; ele possui um potencial transformador caso seu aspecto sombrio possa ser integrado, mas é um lugar

que representa, para ela, sua maior “fragilidade”. Ela demonstra a importância da primeira vez quando destaca que é a coisa mais íntima que ela possui, e que é “se abrir pela primeira vez”. Em seu discurso o sexo representa um ato capaz de trazer à tona a sensação de desintegração, fragmentação corporal (tem a sensação de estar dividindo seu corpo, e perdendo em função disso o domínio sobre ele). Sendo assim, o sexo também está associado à perda de parte do controle, o que poderia estar ligado ao medo de se entregar; de “se abrir” tanto na posição passiva quanto ativa; a primeira penetração de Gabriela ocorre em pé.

As motivações para fazer sexo aparecem no discurso de Gabriela, muito mais voltadas a satisfazer o parceiro e realizar a manutenção do relacionamento do que para seu próprio desejo de exploração da sexualidade; assinala que não “morria de vontade”, e que quando aconteceu ficou aliviada por não ter mais que pensar que o namorado estava “de saco cheio de esperar”. Também podemos perceber um discurso de não intencionalidade, que seria, segundo Desser (1993), uma forma de manter a noção de pureza ou inocência mesmo na ausência da virgindade anatômica.

No que diz respeito a mudanças em função da iniciação sexual, Gabriela demonstra que a exploração deste campo com um outro em quem confie, possibilitou uma maior aceitação de seu próprio corpo (mesmo que parcialmente: consegue sentir-se confortável com seu corpo com o parceiro, mas não em outras situações sociais), o que podemos relacionar com o que Rapaport (2010) observa acerca da maior senso percepção do corpo poder ter como consequência a transformação (aparentemente ainda não plenamente realizada, no caso de Gabriela) na vivência do feminino.

Existem indicações de que, no que diz respeito a relações de gênero, o nível racional e emocional não estão de acordo; ao mesmo tempo em que acredita no direito das mulheres de buscarem ativamente parceiros, essa idéia nunca foi aplicada em sua vida. Segundo ela nunca teve chance de fazê-lo, pois os intervalos entre relacionamentos eram pequenos, mas em todos os seus envolvimento, o homem sempre foi o responsável pela tomada de iniciativa. Ela parece desejar se identificar com uma *persona* “batalhadora, que luta pelos direitos femininos”, mas tem dificuldade de se libertar de um molde social de mulher, no que diz respeito a padrões estéticos e de comportamento.

8.2 VANESSA

Vanessa tem 22 anos, está fazendo mestrado e teve sua primeira relação sexual com penetração aproximadamente 1 ano e 6 meses antes de ser entrevistada. Sua primeira menstruação ocorreu quando tinha 9 anos e se interessava por garotos desde os 7 anos,

mas começou a ter interesse em envolver-se fisicamente com eles com 12-13 anos. Apaixonou-se muitas vezes, mas nem sempre estas paixões implicavam em envolvimento físico, sendo ocasionalmente paixões platônicas. Namora atualmente com o primeiro namorado. A relação se iniciou a aproximadamente 1 ano e 9 meses e ela teve a primeira penetração com ele.

Vanessa viveu a primeira menstruação de maneira bastante negativa; ficou assustada e envergonhada, descrevendo a experiência como “devastadora”. Ela relaciona os sentimentos negativos com o fato de sempre ter sido muito “ingênua” no que diz respeito a seu corpo e sexualidade. A menarca marcou o início das transformações corporais próprias da puberdade, que foram vividas como uma imposição (por exemplo: tinha que usar sutiã e não queria), e trouxe também à tona um sentimento de inadequação frente às colegas que ainda não tinham menstruado (quando a menstruação vazava e manchava a carteira do colégio, ela dizia que o que tinha vazado era urina).

Considera que o desenvolvimento de seu corpo (curvas femininas e pelos pubianos) aconteceu cedo (12 anos), e apesar de demonstrar claramente um desconforto em relação a isso, ela mantém um discurso de inocência e demonstra ter evitado a conscientização em relação a temas ligados ao desenvolvimento sexual; diz que apesar de notar que era diferente das amigas “nunca tinha parado pra raciocinar aquilo”.

Frente a mudanças hormonais surgiram desejos sexuais. Ela ficava excitada ao ver cenas românticas em novelas e não sabia identificar o que estava sentindo, mas mesmo assim “se condenava”, o que indica que em algum nível ela tinha consciência de que essas sensações estavam ligadas a um prazer que poderia ser visto como reprovável. Sua vivência com a masturbação é semelhante; também existe o discurso do “não saber” e um forte julgamento interno. Em suas auto-estimulações ela sempre se utilizou de um travesseiro, nunca tendo estabelecido contato direto com seu próprio corpo, e só tomou consciência de que tais práticas eram masturbação quando começou a namorar (aos 21 anos). Podemos observar nestes fatos uma desconexão com o próprio corpo possivelmente em função da constituição de uma sexualidade culpada.

A experiência do primeiro beijo (que ocorreu quando tinha 12 anos) está permeada por um sentimento de inadequação do corpo; não se sentia segura o suficiente de um bom funcionamento de seu corpo e por isso a exploração com o outro foi uma vivência desagradável e constrangedora (“beijava mal”), como observado por Frankel (2003). Além disso, podemos dizer que depois de um claro movimento da libido em direção ao mundo adulto, sexual, a uma próxima etapa de desenvolvimento, ocorreu um movimento de regressão, de apego a um passado seguro e conhecido; Vanessa ficou 2 anos sem beijar ninguém após o primeiro beijo. Henderson (2005) e Frankel (2003) destacam que quando bem guiada a regressão pode ativar conteúdos inconscientes e apontar para uma nova

direção, gerando um renascimento e descoberta de uma nova maneira de relacionar-se. No entanto não acredito que isso tenha ocorrido com Vanessa; ela regride, mas não existe a tentativa de reorganização. Ela enfrenta essa experiência mobilizadora sozinha, sem buscar auxílio e quando retoma a tentativa de se relacionar, parece utilizar ainda o modelo antigo e infantil.

Vanessa demonstra idealizar os homens por quem se apaixona, achando que eles serão seu “príncipe encantado”, o que segundo Penna e Araújo (2010) poderia ser o caso de projeção de conteúdos inconscientes (aspectos do *animus*). Essa hipótese se sustenta ainda no fato de que Vanessa, ao mesmo tempo em que deixa transparecer (em histórias) seu lado tímido, se atrai por garotos tímidos que seriam, segundo ela, seu oposto. Apesar de ter consciência de seu lado sensível e “menininha” ela se apresenta como uma “personalidade forte”, “mandona” e “bruta”, utilizando-se desta “capa” na interação social.

Apesar de seus ideais românticos, ela demonstra a necessidade própria da mulher moderna, observada por Desser (1993) e Lins (2010) de construir uma carreira e garantir autonomia; não quer ficar em casa cuidando dos filhos como fez sua mãe, esperando igualdade na divisão de tarefas com o parceiro.

Podemos perceber em sua fala a importância atribuída à virgindade, sendo vista como algo positivo (ainda que se sentisse pressionada pelas amigas), como um presente para o outro, a exposição e entrega de si mesma, de acordo com as observações de Garcia (2004). Suas expectativas em relação à primeira vez estão ligadas ao parceiro, a ideais românticos e a uma situação segura; amor, compromisso, confiança e diálogo. Até mesmo práticas como sexo oral e estimulações manuais das genitálias do parceiro só foram vivenciadas dentro do namoro; um relacionamento que, para ela, possui as características favoráveis.

Sua primeira relação sexual não foi antecedida de preliminares (sexo oral e estimulação manual), já que ela não se sentia confortável, pois, julgava que essas práticas eram “indecentes”. Podemos pensar que tal julgamento possa estar relacionado com a moral religiosa (presente na vida de Vanessa). A preferência pela penetração, que seria uma atividade sexual ligada a procriação (mesmo que ocorra a utilização de métodos contraceptivos), e a concepção de que as atividades que buscam exclusivamente o prazer, seriam pecaminosas, pode estar ligada ao elogio feito pela igreja ao casamento assexuado após a procriação, que segundo Chauí (1984) contribuiu para formar a imagem de mulher assexuada. Vanessa, no início de sua vida sexual não aderiu a práticas sexuais voltadas apenas para o prazer, provavelmente para escapar da sensação de culpa e do julgamento interno que acompanham a conscientização do desejo. Hoje em dia, após elaboração de tais idéias inclui as preliminares em sua vida sexual.

Vanessa demonstra grande falta de conhecimento acerca de seu corpo; ela imaginava que o pênis fosse inserido na uretra durante o ato sexual, não tendo consciência até o momento da primeira vez (que ocorreu aos 21 anos) de onde ficava sua vagina. Podemos dizer que essa pode ser uma forma de negar que é um ser sexuado, sendo que os únicos órgãos que possuía em sua mente eram os responsáveis pela excreção (uretra e ânus). Isso pode representar de um ponto de vista simbólico uma dificuldade em receber. Em função dessa relação defasada com o próprio corpo, a primeira vez de Vanessa ocorre de maneira tensa: no início do ato ela achou que seu namorado estava introduzindo seu pênis em seu ânus, e sem sentir que podia confiar na palavra dele pede para os dois pararem e para que ele mostre um vídeo pornográfico para que ela veja onde se localiza a vagina.

Neste ponto podemos pensar que lugar ocupa a pornografia na vida sexual dela. Num momento importante e para obter uma informação relevante Vanessa não se volta aos meios que aprova (a palavra do namorado em quem diz confiar), mas sim ao meio que condena: o sexo “indecente” e desprovido de emoção ou sentimento.

Apesar de ter sido claramente uma experiência tensa e de ter sentido muita dor, ela diz que sua primeira vez correspondeu às expectativas, em função de seu namorado ser “o homem de sua vida”, indicando que os ideais românticos estão acima do prazer no momento da iniciação. Atualmente ainda sente dor no sexo, pois, fica muito “tensa” (sente prazer durante as preliminares, ocorrendo a lubrificação do canal vaginal, no entanto, quando a penetração se anuncia ela fica com as pernas rígidas e tensas e perde toda a lubrificação), o que indica que ainda não se sente confortável com sua sexualidade. A atividade sexual é mantida, provavelmente porque sexo é importante na manutenção do relacionamento.

Além de estar presente o discurso de não intencionalidade da primeira vez (simplesmente aconteceu sem ser planejado), se destaca na história de Vanessa uma tentativa (mesmo que inconsciente) exacerbada de construção de ingenuidade e inocência. Em todas as vivências que envolvem a esfera sexual (inclusive menstruação e desenvolvimento do corpo) ela mantém o discurso do “não saber”. Este não saber não está relacionado a falta de oportunidade de obtenção de informação; pelo contrário, Vanessa possui acesso a muitos meios, mas evita a todo custo contato com tais informações.

Parece-me que ela deseja, em função da repressão de sua sexualidade e feminilidade, se identificar com a imagem de mulher assexuada e frígida, a fim de evitar a culpa, mas os desejos estão presentes, o que lhe causa conflitos e paralisação. Demonstra sentir-se inadequada (quando, por exemplo, acha que está fazendo algo de errado por não ter certeza de que já atingiu o orgasmo, ou quando não consegue aproveitar a penetração),

mas talvez o sentimento de inadequação seja mais aceitável para ela do que a constituição de uma sexualidade culpada no momento atual.

Além disso, fica evidente que ela vive forte distorção da imagem, talvez em função de uma discrepância entre o desenvolvimento físico e psicológico; seu corpo cresceu, mas ela parece estar presa a um nível de consciência infantil, no que diz respeito a sexualidade. A iniciação, como observado por Henderson (2002) está relacionada com a separação e rompimento com o universo infantil, para que o indivíduo possa se integrar ao grupo em outro nível de consciência, sendo a morte de um padrão antigo necessária para o renascimento que é acompanhado por novos padrões. Parece-me que ela tem muita dificuldade em aceitar a morte (simbólica) de seu corpo e mundo infantis, tendo muita dificuldade de viver uma sexualidade adulta. Acredito que ela tenha dado início a sua vida sexual em função de exigências sociais e afetivas, sem que tivesse atingido um nível de estrutura suficiente para vivê-la de maneira livre e criativa.

Apesar de tais dificuldades o início da vida sexual, na experiência de Vanessa, trouxe mudanças que caminham no sentido de uma maior aceitação do feminino; após sua primeira vez passou a ter mais consciência corporal, capacidade de se integrar ao grupo (trocas e diálogos com amigas a respeito de sexo), e observou melhora em sua auto-imagem. Podemos ver que a vivência da primeira penetração não teve função de iniciação, e que isso talvez ocorra gradualmente, juntamente com a elaboração das questões evidenciadas anteriormente.

A percepção de que tinha deixado de ser criança, e de real iniciação ganhou espaço em função do início do uso de drogas quando tinha 12-13 anos (maconha, cigarro, álcool e mais tarde ácido). Em sua experiência, o uso dessas substâncias teria promovido a perda de parte de sua inocência. Podemos dizer que a psique adolescente de Vanessa, que foi criada em uma família conservadora e em uma sociedade que não providencia ritos de passagem formais, buscou uma experiência com características próprias da iniciação: uma situação nova e arriscada com potencial transformador, como observado por Frankel (2003). Ela teve essas vivências com amigos mais velhos e provavelmente mais experientes, o que indicaria um auto cuidado; escolheu fazer a experimentação em uma situação com pessoas que garantissem algum senso de segurança.

A hipótese de busca nas drogas por uma vivência capaz de alterar a percepção do mundo, e transformar a identidade é sustentada ainda pelo fato de Vanessa não sentir mais muita necessidade de fazer uso dessas substâncias hoje em dia; o uso delas já cumpriu sua função de iniciar o rompimento com o universo infantil, que segundo Frankel (2003), é um recurso utilizado em rituais tribais), não sendo mais necessário. Em outras histórias contadas por Vanessa, podemos observar que o uso de drogas só retorna em situações nas

quais ela sinta a necessidade de entrar em contato com um lado seu pouco desenvolvido; o lado seguro de si.

8.3 ANA

Ana tem 18 anos, é estudante universitária e teve sua primeira relação sexual com penetração aproximadamente 1 ano e 2 meses antes de ser entrevistada. Menstruou pela primeira vez com 12-13 anos e começou a se interessar por garotos com 15 anos. Envolveu-se de forma significativa com quatro homens: um como relacionamento casual sem compromisso, um a distância, via internet e dois como namorados. Namora há 1 ano e 6 meses e teve sua primeira relação sexual com penetração com o atual namorado.

Sua primeira menstruação parece ter sido vivida de maneira tranquila, pois, apesar de ter vergonha de conversar com as amigas, sua mãe conversava com ela a respeito da menstruação, fazendo-a se sentir segura.

A primeira associação feita por Ana no que diz respeito à passagem da infância para a adolescência foi com o surgimento de sua primeira paixão, quando tinha por volta de 15 anos. Seu primeiro beijo aconteceu com esse garoto, após ela se “declarar”. Podemos entender que esse interesse pelo que Penna e Araújo (2010) chamam de forasteiro (aquele que convida o jovem a se relacionar com o novo) esteja ligado ao início da vivência do desapego da infância, quando o jovem se volta para temas do mundo adulto que antes não lhe interessavam. Sendo assim, parece que na experiência de Ana o tornar-se um ser sexual teve papel importante para iniciar o desprendimento do universo infantil. No entanto, a primeira exploração com outro veio acompanhada de um sentimento de inadequação do corpo, fazendo com que ela recuasse e passasse a evitar o garoto.

Apesar de fazer essa primeira associação, Ana ainda se considerava criança após o primeiro beijo, e o que parece ter real caráter iniciático é a vivência de múltiplas experimentações no campo da sexualidade, sem ligações afetivas. Ela sempre tentou corresponder às expectativas familiares, principalmente de sua mãe exigente, que era sua principal referência, visto que seu pai foi ausente por muito tempo. Sentia que sempre foi muito “certinha” (*persona* adaptativa) e precisava de um tempo para “amadurecer como adolescente”. O início do rompimento com essa identidade estabelecida na infância ganhou espaço em um período de “loucura”; ao longo de um mês Ana começou a beber, ir em festas e beijou por volta de 20 pessoas (homens e mulheres). Ela evitava criar laços emocionais, porque isso impediria a experimentação atrapalhando seu período de “amadurecimento”. Dessa forma, podemos evidenciar que, apesar de o álcool e as

experimentações sexuais estarem interligados, o foco estava na verdade na exploração da sexualidade, sendo o álcool apenas um facilitador.

Ela demonstra associar sexo sem sentimento ou sem compromisso, com promiscuidade, que levaria a perda de valor da mulher (quando aponta que “beijar todo mundo” não faria com que ela fosse “menos”, ou uma “puta”, mas o sexo casual sim). Em função disso, podemos pensar que evitar a formação de laços emocionais com os parceiros de experimentação estaria ligado a um desejo de postergar o coito.

Seu primeiro envolvimento emocional e romântico aconteceu em um contexto que impossibilitava o contato físico e sexual (conversas pela internet com um garoto de outra cidade, durante 1 ano). Podemos dizer que dessa maneira ela pôde viver um envolvimento emocional sem a perspectiva da atividade sexual (que era aparentemente assustadora), o que pode ter sido mais confortável para ela no momento.

Considera que foi esse garoto quem começou a iniciá-la sexualmente; os dois trocavam informações e vídeos pornográficos, que segundo ela, não tinham o intuito de estimulação, mas de aprendizado (principalmente em relação auto-estimulação). Devemos nos atentar para o significado dessa afirmação; apesar de experimentar a sexualidade com outros, quando o sentimento está presente ela mantém uma atitude racional e distanciada, se aproximando desse tema de forma didática. Além disso, o material de referência (pornografia) é um voltado exclusivamente para o desempenho e performance, e desvinculado de qualquer emoção e afeto. Podemos levantar a hipótese de que Ana sentisse a necessidade de ter um conhecimento específico e quase profissional para expiar qualquer sentimento de inadequação.

Essa necessidade de aprendizado pode estar relacionada com o fato de Ana possuir a fantasia de um diálogo extremamente aberto com a mãe que nunca ocorreu. As expectativas parecem um pouco fantasiosas, por exemplo, no que diz respeito a masturbação, ela enfatiza que não tinha como “adivinhar” o que era a masturbação feminina, porque “ninguém nunca falou com ela” a respeito. Fica evidente nessa passagem uma desconexão com seus instintos, visto que não seria necessário “adivinhar”, apenas abrir espaço para que eles se manifestassem. Mesmo após as trocas de informações com o garoto via internet, Ana nunca explorou o campo da auto-estimulação; parece-me que a sensação de inadequação era tão grande que mesmo o experimentar consigo mesma não estaria livre de julgamentos. A masturbação só passou a ocorrer depois que o namorado atual a masturbou, porque a partir dessa experiência ela sentia que já tinha algum conhecimento acerca do tema.

O atual namorado era conhecido de sua mãe, e tem 36 anos. Ele entra na vida de Ana inicialmente como confidente e conselheiro. Ela contava para ele de suas experimentações na fase de “loucura” e ele um dia declara estar preocupado e propõe uma

conversa em sua casa para que pudesse aconselhá-la. Quando Ana chega ao seu apartamento, ele a aconselha a não fazer sexo sob o efeito de bebidas, e usar preservativo, mas oferece whisky (diluído com água com gás) para Ana. Ela o beija e tira parte da roupa e ele se certifica de que ela está certa do que está fazendo. Podemos dizer que existe a tentativa de construção de inocência através de um discurso de não intencionalidade (como evidenciado por Desser [1993]) de ambos os lados: ela quando declara que não achou que nada aconteceria, apesar de já estar interessada nele, e ele quando aparentemente disfarça sua real intenção como preocupação, mas mesmo sabendo do padrão de Ana (de beber, diminuir a censura e partir para a experimentação sexual) oferece bebida a ela. Acredito que a tentativa de criar a inocência nesse caso, não esteja tão ligada a virgindade, mas com a intenção de escapar ao tabu da diferença de idade.

Neste relato, ela demonstra novamente que um dos maiores impeditivos para a livre exploração sexual seria o sentimento de inadequação: quando pensa que ocorrerá o coito com ele naquele dia, fica em pânico por nunca ter se tocado e nem tido a experiência de um orgasmo, não se sentindo preparada para o ato sexual. Nos primeiros meses de relacionamento ele passa a masturbá-la com certa frequência, na tentativa de fazê-la atingir o orgasmo.

A partir desse momento deixa o lugar de conselheiro e passa a ocupar o lugar de professor e parceiro sexual. Podemos pensar que Ana procurou a fusão com um adulto capaz de se oferecer como objeto seguro de experimentação. Antes de estabelecer esse relacionamento, Ana demonstra sentimento de isolamento e a falta de um adulto referência que servisse de guia, ou da possibilidade de trocas com as amigas (“tive que descobrir tudo sozinha”).

O namorado passa a masturbá-la e eles definem que só fariam sexo com penetração quando Ana atingisse o orgasmo. Podemos ligar isso ao que Garcia (2004) observa, acerca da transformação da repressão: ele aponta que ela não desapareceu, somente foi substituída por um conjunto de normas que controlam corpos e comportamentos sexuais, estando muitas vezes relacionadas com a necessidade de atingir o melhor desempenho e prazer possível.

Além de ditar sua vida sexual e afetiva segundo esse conjunto de normas, Ana também parece acatar sem muita reflexão as orientações do namorado, por exemplo: ele não a pede em namoro, simplesmente lhe conta que já estão namorando (“eu é que não tinha percebido”), ele lhe diz como deve contar a respeito do namoro para sua mãe (deve informá-la ao mesmo tempo do namoro e da nota ruim no vestibular, visto que ela já iria ficar brava com a nota), ele escolhe qual posição ela deve ficar durante o primeiro ato sexual, mesmo não sendo a que ela desejava inicialmente.

Acredito que o acatar as normas criadas pelo namorado tenha tido a função de diminuir o sentimento de inadequação, visto que assim ela não precisaria entrar em contato com seus instintos, confiar neles, nem expô-los. Dessa forma o namorado passa a funcionar como o adulto que aprova, autoriza e normaliza suas vivências sexuais e afetivas, trazendo um senso de adequação.

Outro fator que evidencia o distanciamento dos instintos é a terminologia técnica utilizada por Ana quando fala de sua sexualidade, por exemplo: usa o termo “trabalho” para se referir as tentativas do namorado de masturbá-la, o termo “curso” quando se refere ao período de exploração da masturbação com o parceiro, o termo “treino” quando conta das relações sexuais após a primeira vez, e quando conta que sua auto-estimulação foi apenas um “aperfeiçoamento” do que já tinha aprendido com o parceiro. Acredito que isso indique a relação com sua sexualidade é estabelecida muito mais através da mente do que do corpo; não parece ser um processo que acontece naturalmente em função da emergência de desejos, mas sim algo planejado; uma série de estágios que devem ser ultrapassados.

Depois de 4 meses de tentativas, Ana teve seu primeiro orgasmo. Relata que tinha dificuldade de se concentrar para atingir o orgasmo e relaciona isso a um possível medo de fazer sexo. Duas ou três semanas após o orgasmo ela perguntou se já podiam tentar a penetração e foi orientada pelo parceiro a ir ao ginecologista antes, e foi com a mãe

Ela nega que tivesse medo de ser abandonada pelo namorado após a primeira relação sexual, mas depois se contradiz, falando que a princípio se preocupava (assim como sua mãe) de que o relacionamento com ele fosse “roubada”, no sentido de ele ser alguém que ia “transar e foda-se”. Além do medo de ser abandonada ela também tinha medo de doer e levava em consideração a imagem social da virgindade como algo importante. Ela desejava que a primeira vez acontecesse com a “pessoa certa”, com amor, e também tinha a expectativa de que ocorresse alguma transformação em função dela (que ficasse mais adulta ou mais mulher).

Apesar de relatar que fica feliz que tudo tenha acontecido devagar em sua vida sexual, pois assim ela não estaria “atropelando” etapas, demonstra sentir medo de estar “atrasada” no campo da sexualidade, quando comparada as outras pessoas de sua geração. Sua primeira relação sexual com penetração ocorreu com 17 anos. Não sabe apontar o porquê, mas queria ter a primeira relação antes dos 18 anos. A experiência da primeira vez parece também estar ligada a uma idéia de “aprendizado”, e envolver certa desconexão com a espontaneidade instintiva; o namorado insere o pênis e depois que ela viu como era eles pararam, sem ir até o fim. Foram introduzindo a penetração aos poucos e demorou cerca de 6 meses para que Ana se “acostumasse” com a prática.

Ela demonstra em seu discurso que a penetração em si não teve o caráter iniciático que ela esperava, considerando o orgasmo como o acontecimento de real importância que

trouxe transformações em sua relação com seu corpo (início da auto-estimulação). O relacionamento amoroso também surge como causador de amadurecimento e crescimento, o que podemos relacionar ao observado por Frankel (2003) a respeito de a mulher vir a se conhecer e estabelecer sua identidade na relação com os outros.

Além do orgasmo e da relação com o namorado, podemos observar na história de Ana que a ferida iniciática foi importante para no processo de desprendimento da infância. Após contar para a mãe sobre o namoro, o período de “loucura” e a nota do vestibular (em uma carta), as duas entraram em um período de muitos conflitos e brigas, que segundo Frankel (2003) podem ocasionar a perda da inocência para ambos os lados, impossibilitando que continuem a viver a relação da infância.

Também podemos pensar que nesse período de brigas e principalmente no que diz respeito ao namoro com um homem mais velho, Ana se identifique com a polaridade *Puer*, e projete na mãe todas as características do *Senex*.

Apesar de o processo de iniciação estar aparentemente em andamento, não podemos dizer que a transição esteja completa: Ana ainda se considera adolescente.

No que diz respeito a papéis de gênero, ela demonstra associar a necessidade de troca e elaboração de conteúdos dentro de um relacionamento com o papel da mulher. Apesar de muitas vezes tomar a iniciativa (aponta ser uma pessoa com muita atitude) e dizer que se sente confortável com isso, normalmente quando o faz, está sob efeito da bebida, sendo assim, poderíamos questionar o quanto essa atitude é aceitável para ela. Deseja seguir o exemplo da mãe e ser uma mulher batalhadora, responsável e madura.

8.4 ISADORA

Isadora tem 19 anos, é estudante universitária e teve sua primeira relação sexual com penetração aproximadamente 1 ano antes de ser entrevistada. Menstruou pela primeira vez com 13-14 anos e teve seu primeiro beijo com 13 anos. Envolveu-se de forma mais significativa com três homens em sua vida: dois como relacionamentos casuais e sem compromisso e um como namorado. Começou a se relacionar com o atual namorado há aproximadamente 1 ano e 4 meses, e oficializou o namoro há aproximadamente 1 ano. Sua primeira vez aconteceu com o atual namorado.

Isadora tem dificuldade em apontar quando deixou de ser criança e se tornou adolescente. Para ela, a realização de que havia crescido surgiu quando entrou na faculdade, aos 17 anos (ênfasis que não sentiu que virou adolescente, e que a adolescência é antes disso, mas que sentiu que tinha crescido). Ela estudou a vida toda no mesmo colégio e tinha em seus amigos uma “família”. Todos tinham estilos de vida e

pensamento semelhantes, e ela atribui o crescimento ao fato de na faculdade ter entrado em contato com muitas pessoas diferentes, que antes consideraria “estranhas”.

Podemos pensar no espectro separação/conexão, destacado por Frankel (2003): o rompimento com o universo infantil é importante no processo de iniciação e parece que Isadora viveu por um grande período de tempo na polaridade da conexão, que também é importante na iniciação feminina, visto que os relacionamentos auxiliam na constituição da personalidade. Ela tinha em seus amigos uma espécie de extensão do núcleo familiar e sendo assim ela pôde aparentemente viver a experiência de estar integrada ao grupo de amigos, sem necessariamente ter que abrir mão de padrões infantis, o que pode ter postergado a separação. Quando entra na faculdade é apresentada a uma nova realidade e novos tipos de relacionamento diferentes dos antigos. Os padrões infantis que foram adequados por muito tempo não mais serviam e ela conta ter mudado bastante. Apesar de passar a estabelecer relações mais horizontais com os novos colegas da faculdade, podemos observar que em seus relacionamentos mais próximos e significativos (com as amigas de escola) existe ainda uma verticalidade; apesar de ocorrer muita troca de experiências, Isadora parece buscar orientação nas conversas com as amigas, como se, apesar de terem a mesma idade, elas possuíssem mais conhecimento do que ela.

Podemos observar como a vivência dos “equivalentes de morte”, discutidos por Lifton (1996) e Frankel (2003), marca o processo de iniciação de Isadora. Após a infância, quando começou a se conhecer melhor, passou a viver “fases” alternadas de tristeza e felicidade, que definiu como “crises existenciais”. Podemos relacionar essas flutuações com o espectro de estase e movimento, onde o jovem alterna períodos em que sente certa paralisação (expressão de ausência de vida, e fase ligada a perdas), com períodos de movimento e vitalidade onde se sente conectado e energizado. O jovem deve elaborar as perdas e o luto da infância ao mesmo tempo em que se relaciona com os ganhos da vida adulta (através da dinâmica de apego e desapego relacionado com a ativação dos arquétipos *Puer* e *Senex*).

As polaridades de desintegração/integração também parecem ser ativadas, onde o jovem vive fases em que sente-se deslocado (a incapacidade de entender os próprios sentimentos foi ligada por Isadora as ditas “crises existenciais”), e fases em que entra em contato com a capacidade de se reintegrar incorporando o novo.

Ela demonstra ter sentindo intensamente o conflito referente a deixar o mundo infantil e adentrar no mundo adulto: quando tinha aproximadamente 12 anos teve aulas de educação sexual, ficou com muito nojo e medo, e preocupou-se com a perspectiva de nunca sentir vontade de fazer sexo (“pode ter durado quatro dias, mas pra mim pareceu uma eternidade”). Podemos observar que a preocupação de Isadora estava de fato voltada ao adequar-se socialmente, corresponder a aquilo que é esperado de uma mulher adulta, por mais que ainda fosse uma menina; não sentia medo de fazer sexo, sentia medo de nunca

ter vontade de fazer sexo. Isso pode indicar certa dificuldade em aceitar como naturais os próprios sentimentos e sensações, quando eles não estão de acordo com o que parece normal e correto racionalmente.

Isadora parece dar grande importância as amigas de colégio visto que a maior parte de suas vivências marcantes são compartilhadas com esse grupo. Na faixa entre 13 e 14 anos ela viveu diversas experiências novas: sua primeira menstruação, primeiro beijo e primeira experimentação de álcool. A primeira menstruação lhe causou vergonha, mas esse sentimento foi amenizado pelo compartilhamento da experiência com a mãe e amigas. Além disso, a menstruação foi sentida como algo “horrível”, fonte de muitas restrições no que diz respeito a vida prática (aprender a se limpar, não poder ir na piscina). Podemos observar que a menarca veio acompanhada de mudança (“você perde a liberdade, me senti outra pessoa”) relacionada com o senso de submissão e obediência ao poder criador da vida e ao ciclo menstrual observado por Henderson (2002), como sendo parte importante da iniciação feminina.

Demonstra ter sentido inadequação durante seu primeiro beijo (não sabia como fazer e não gostou da sensação). No entanto esse sentimento foi amenizado pela falta de sentimentos em relação ao garoto (não precisava se preocupar se ele estava gostando). Não dava muita importância romântica ao primeiro beijo, vendo o acontecimento mais como experimentação e a superação de uma etapa no desenvolvimento da sexualidade. O fato de suas amigas também não atribuírem tanta importância ao primeiro beijo e encararem os acontecimentos da vida sexual como algo natural também parece ter de certa forma regido tal vivência.

Teve diversas experiências casuais (beijar garotos na balada), mas foi se desinteressando desse formato de relação. Parece que na medida em que foi ganhando mais experiência e segurança, o envolvimento emocional passou a ganhar espaço em suas relações. Ela passou a ter relacionamentos (sem compromisso) com garotos por quem tinha algum afeto e confiança (“gostava”), quando tinha por volta de 15 anos. A experimentação de algumas preliminares (ela estimular manualmente as genitais do parceiro e vice-versa) ocorreu com apenas dois garotos, nesse modelo de relacionamento, o que demonstra que para ir além do beijo, era necessário haver afeto e confiança. Essas experimentações foram acompanhadas de sentimentos de inadequação, tanto no que diz respeito ao não saber fazer corretamente, quanto no sentido de não achar a sensação prazerosa. Podemos pensar que ainda estava presente para Isadora a preocupação evidenciada no episódio das aulas de educação sexual; ela se sente muito mal por não estar sentindo prazer (“eu não gostei, não estava sentindo nada, foi horrível”). Aparentemente ela possui a expectativa de passar de uma existência não sexual para uma sexual (PENNA e ARAÚJO, 2010), sem que ocorra um período de adaptação, e quando seu corpo não responde da forma esperada

parece surgir um possível medo de frigidez. Essa hipótese também se relaciona com as observações de Garcia (2004) a cerca da existência de normas que controlam os corpos a fim de garantir o maior prazer possível.

Além disso, após tais experiências Isadora alivia a sensação de inadequação buscando os conselhos de sua melhor amiga, que sempre foi seu “parâmetro para sexualidade” a “ensinando” sobre o assunto. Podemos pensar que tais termos utilizados por Isadora, dentro desse modelo de relação com a amiga, possam indicar certa desconexão com seu próprio corpo e suas próprias vivências. Importante levar em consideração qual o lugar ocupado pelas amigas neste contexto: seriam companheiras ou algo semelhante a professoras?

Podemos levantar a hipótese de que os movimentos de Isadora em direção a vida adulta eram intercalados com desejos de regredir ao universo antigo, familiar e seguro (regressão e progressão da libido), quando por exemplo: ela relata que tinha muita dificuldade de “gostar” dos garotos, e que quando começava a “gostar”, logo se desinteressava, principalmente quando percebia forte interesse por parte do outro. Isso aconteceu inclusive no início do relacionamento com o atual namorado, quando em uma viagem na qual os dois tiveram vivências mais íntimas (primeira tentativa de fazer sexo, não concretizada), ela ficou dividida entre os amigos antigos do colégio e os novos da faculdade (inclusive o namorado); em suas palavras “fiquei dividida entre uma vida e outra”. Podemos dizer que frente a possibilidade real de concretização de um relacionamento mais adulto (inclusive no âmbito sexual), ela sentia a necessidade de recuar.

Após os envolvimento com esses garotos de quem “gostava”, com 18 anos se envolveu com o atual namorado, e considera essa experiência como sua primeira real paixão (devido a intensidade e força do sentimento). Apesar de já ter vivenciado a preliminares com outros dois rapazes, assinala que sua iniciação sexual começou com o namorado. Podemos perceber que as experiências anteriores foram consideradas como etapas a serem atravessadas, mas que ela só considera que está entrando na vivência da sexualidade adulta quando entra em cena o prazer e o movimento de buscar ativamente esse prazer; foi a primeira vez que gostou de ser tocada e que “tomou atitude”.

Podemos observar que o adequar-se ao grupo ocupou papel central na maior parte de suas experiências relativas à sexualidade. Inclusive no que diz respeito a virgindade, Isadora demonstra a necessidade de conviver com amigas que aceitassem tal status, evitando a relação com um grupo da faculdade que falava muito de sexo, por sentir-se excluída.

Apesar de evitar a pressão dos colegas, podemos perceber a importância que ela própria atribuía a atividade sexual (com penetração) para sua entrada na vida adulta; relata que se sentia confortável em esperar que “sua hora chegasse”, mas ao mesmo tempo não

queria “perder a virgindade muito tarde”, pois desejava experimentar e via o status de virgem como um que não queria ter (indicando atribuição de valor negativo). Achava que “faltava” a vivência sexual para que pudesse estar “completa”. Podemos pensar que essa afirmação denote a importância da vivência da primeira vez como parte fundamental na constituição de uma identidade como ser sexual. No entanto podemos pensar que tal identidade sexual estava mais voltada à adaptação social (persona) do que a satisfação de uma necessidade interna; ao mesmo tempo em que conta que o não ser virgem era uma status para ela mesma e não para os outros, deixa transparecer a importância desse passo para a integração com o grupo (“eu queria dizer que não era virgem”).

As expectativas para sua primeira vez eram de que acontecesse com alguém como quem ela tivesse compromisso, grande afeto, envolvimento emocional e confiança. Tinha muito medo da dor, e se pudesse, “pularia direto para a quinta vez”, quando em sua mente já não doeria e sentiria prazer. Mais uma vez podemos evidenciar o desejo de passar para a existência sexual sem um período de adaptação, visto que ela não deseja ser iniciada, e sim já viver a sexualidade adulta idealizada, “pulando” a parte dolorosa; quer renascer sem passar pela morte simbólica (“queria me livrar logo daquilo”).

Três meses antes de viver a primeira penetração, Isadora e o namorado fazem uma primeira tentativa, motivada pelo momento romântico que estavam vivendo. Ela sente dor e percebe depois de alguma reflexão que naquele momento não estava “preparada”. O que parece ter sido fundamental para que se sentisse pronta, foi a noção de que ela tinha o controle sobre a evolução das práticas sexuais e que poderia colocar limites que seriam aceitos facilmente pelo namorado. Uma vez que a sensação de obrigatoriedade não estava mais presente, ocorreu a evolução gradual de carícias e práticas íntimas (ao longo de aproximadamente 4 meses) que finalmente levaram ao coito, conforme observado por Garcia (2004). Durante esse período preparatório o laço afetivo com o namorado se intensificou, assim como os desejos sexuais.

Sua primeira vez aconteceu na casa do namorado (ela tinha 18 anos). Podemos perceber que, apesar da intensificação gradual dos desejos sexuais e carícias íntimas, Isadora viveu a primeira relação sexual muito mais na esfera racional, do que na instintiva e corporal, demonstrando sua necessidade de controle e talvez de distanciamento; ao invés de entregar-se às sensações do momento, abrindo espaço para que a vivência fosse transformadora, ela se distancia de seu corpo, e controla a situação perguntando a todo o momento para o namorado se seu pênis já havia sido inserido em sua vagina. Além disso, Isadora aponta que não sabia quando o coito seria encerrado, pois não tinha conhecimento de como era a ejaculação masculina, mas novamente, ao invés de confiar nos instintos, ela define o momento em que devem encerrar a relação.

A primeira penetração superou as expectativas de Isadora, que não sentiu a dor que esperava, sentindo inclusive prazer. Ela ficou muito “feliz” e “aliviada” por ter experimentado, e logo compartilhou com suas amigas. Após a primeira vez Isadora sentiu mudanças em sua relação consigo mesma: passou a se ver “de outro jeito”, como possuidora de uma identidade sexual que abarca o campo real e da fantasia (“as vezes você cria um personagem na cama”, “as vezes você é o que a outra pessoa também imagina”). Além disso, passou a ter mais auto-confiança para falar do assunto, ganhou mais consciência corporal e intensificou a ligação com o namorado.

A auto-estimulação só ganha espaço na vida de Isadora quando ela entra na faculdade; relata que nesse novo ambiente percebeu que a masturbação era algo normal, que “todo mundo fazia”. De maneira geral podemos perceber que existe um distanciamento da esfera instintiva e corporal: as vivências sexuais aparentemente são vistas como etapas a serem ultrapassadas, e passar por elas é um “alívio”, dando a idéia de que estava se livrando de um peso e não entrando em contato gradualmente com essa nova potência da vida adulta. Isadora parece se relacionar com sua sexualidade primeiramente através da razão e demonstra necessidade de controle e dificuldade de entrega. Além disso, podemos perceber que o grupo ocupa papel central no âmbito da sexualidade; todas as experiências vividas devem ser validadas, normatizadas e até mesmo autorizadas pelo grupo (como a masturbação). Sendo assim, as conversas com as amigas não são vividas como trocas, em um relacionamento mais próximo da alteridade; são vividas como orientações. Podemos perceber que apenas após a validação de seus desejos pelo grupo, eles ganham espaço e somente então, em um segundo momento os instintos podem entrar em cena, ainda que limitados pela necessidade de um senso de normalidade.

Em seu discurso podemos perceber falas acerca da relação de gêneros. Em seus relacionamentos parece sentir-se livre tanto para buscar ativamente o outro, quanto para se deixar ser buscada. No entanto, parece enxergar diferenças, ao ligar ao masculino o poder financeiro e de ditar regras, e o acolhimento e compreensão ao feminino. Vê-se como uma mulher forte e deseja conseguir atingir um meio termo entre a força e a passividade.

9 DISCUSSÃO

A fim de garantir ampliação de consciência satisfatória e produção de conhecimento, o trabalho de depuração dos dados foi iniciado com a análise de cada relato individual, focando na experiência pessoal de cada uma das participantes. O foco se dá em uma mesma experiência: o processo de iniciação desde o desprendimento da infância até a entrada na vida adulta, e o papel da sexualidade em tal processo. No entanto, apesar de estarmos falando das mesmas experiências, cada relato é único e está permeado pela individualidade da mulher que o narra.

Ao longo da adolescência as entrevistadas passaram por diversas experiências que foram gradualmente introduzindo as novidades da vida adulta: a menarca, o primeiro beijo, primeira paixão, primeira experimentação de álcool e/ou drogas, masturbação e sexo. Fica evidente que o caminho para a maturidade não se dá de forma tranqüila, sendo permeado por sensações até então desconhecidas que podem ser vividas como invasões, confusão e dor (ABERASTURY, 1981).

A mudança de papel própria da adolescência reverbera em diversas esferas da vida e o jovem deve se desprender dos padrões infantis e buscar o novo. No entanto, não existe uma divisão estanque entre as fases do desenvolvimento, e a passagem é repleta de características de ambas as etapas, abarcando muitas oscilações (PIGOZZI, 2002). Podemos observar nos relatos das entrevistadas, a tensão entre diversas polaridades como: os movimentos de regressão e progressão da libido (apego e desapego) que ativam os arquétipos *Puer-Senex* e a vivência dos equivalentes de morte como a separação/conexão. O adolescente testa suas diversas possibilidades, e segundo Frankel (2003) não devemos patologizar tais flutuações, visto que elas fazem parte desse ciclo de transição.

Voltando-nos para os dados obtidos na pesquisa de campo, foi possível detectar algumas características que se destacam como importantes para entender como as entrevistadas estão vivendo o processo de desprendimento da infância e inserção no mundo adulto e sexual.

Em relação a menarca, podemos perceber que ela está sendo vivida de maneira majoritariamente negativa sendo descrita pelas entrevistadas como algo devastador, horrível e vergonhoso. O que antigamente, conforme assinalado por Rappaport (2010) marcava o momento em que a mulher estava pronta para assumir seus poderes sagrados, atualmente carrega uma rede de associações negativas. A menstruação é acompanhada de mudanças corporais e restrições práticas, que são sentidas como imposições. Não existe aparentemente o desejo de apropriar-se dessa vivência como parte natural do processo de desenvolvimento feminino, e sim um desejo de evitá-la. É compreensível que as

transformações do corpo estejam associadas à sentimentos de confusão, por trazerem a tona a desintegração corporal, como apontado por Frankel (2003), no entanto seria importante que ocorresse a ativação da polaridade complementar (integração), que no meu ponto de vista viria acompanhada da aceitação dessa parte da vivência feminina.

As primeiras experimentações no campo da sexualidade (primeiro beijo e preliminares) são permeadas, para todas as participantes, de sentimentos de inadequação. Ficam evidentes os sentimentos de insegurança em relação ao bom funcionamento do corpo, e o desejo de expiar o medo para que possa ocorrer a experimentação com o outro, conforme observado por Frankel (2003). De maneira geral podemos perceber que, para as participantes, o sentimento de inadequação era amenizado (na experiência de beijar) quando não existiam expectativas românticas em relação ao outro. Ao invés de buscarem a troca, que estaria mais próxima à dinâmica da alteridade, elas buscam em uma primeira aproximação da esfera sexual, um objeto de experimentação, ou seja, nem sempre o âmbito emocional e o físico caminham juntos nas vivências das entrevistadas.

No entanto, podemos perceber que à medida que elas ganham mais experiência e diminui o sentimento de inadequação, o grau de envolvimento físico e emocional aumenta: por exemplo, Isadora e Gabriela passam de beijar casualmente garotos com quem não tinham grande envolvimento, para experimentar preliminares com garotos por quem tinha afeto e confiança, para finalmente fazerem sexo dentro de relacionamentos estáveis e românticos. Podemos perceber, (com exceção de Vanessa que só começa a fazer preliminares com o namorado), que no que diz respeito às práticas sexuais preliminares existe maior liberdade de experimentação, no sentido de não haver necessidade de ocorrer em um modelo de relacionamento estável (o único fator que se mostra importante é a confiança).

Cada participante aponta um momento ou fato diferente que teria marcado a iniciação sexual (no sentido que começar a estabelecer um contato mais conscientizado com tal esfera): Gabriela quando experimenta preliminares, Ana quando obtém informações acerca de sexo com o amigo virtual, Isadora quando passa a sentir prazer nas experimentações e Vanessa na penetração.

Entretanto, devemos atentar ao fato de que todas elas parecem ter colocado a primeira relação sexual com penetração em um lugar de importância no desenvolvimento de sua sexualidade, criando diversas expectativas e algumas regras para que ela acontecesse. As expectativas em relação à primeira vez eram diversas, entre elas: medo da dor, medo do sexo, possibilidade de sentir-se mais adulta, mais mulher, finalmente esta completa, entre outras. Existia, no entanto, uma expectativa principal e comum a todas: a de que acontecesse dentro de um relacionamento estável (namoro), com um parceiro por quem

tivessem amor ou paixão e o principalmente confiança. Além disso, todas elas vivem o momento da primeira relação em um local seguro e que garantisse privacidade.

Podemos relacionar esse conjunto de pré-requisitos para a atividade sexual com o que Woodman (1999) aponta acerca da vivência da clausura no ritual de iniciação feminino: segundo a autora, no momento da iniciação o ego encontra-se enfraquecido e o contato com o inconsciente (pessoal e arquetípico) pode ser estabelecido. Nesse estado “sagrado” e de extrema vulnerabilidade, a clausura na cabana de isolamento forneceria a privacidade e proteção necessárias para a transformação e cura. Acredito que ao desejarem e garantirem que sua primeira relação ocorresse em um ambiente seguro, dentro de uma relação segura, as entrevistadas demonstrem ter a percepção e talvez o desejo (mesmo que não inteiramente consciente) de que a experiência possa possuir caráter transformador. A psique adolescente busca experiências que alterem a consciência e elas parecem esperar que o sexo possa transformá-las.

Apesar da expressão física do amor carregar realmente a promessa de transcendência, visto que toca as raízes da identidade, podendo transformar a personalidade em desenvolvimento (FRANKEL, 2003), ficam evidentes nos relatos fatores que dificultam e até impedem que essa promessa se concretize.

Gabriela parece projetar nos homens a sexualidade poderosa e exigente (sombra), demonstrando medo da perda de controle e de ser dominada por essa sombra; Vanessa demonstra tentativa exacerbada de construção de inocência através de um discurso de não saber, a fim de escapar da constituição de uma sexualidade culpada; Ana possui forte sentimento de inadequação, que a faz se aproximar da sexualidade de forma didática e racional, num desejo de possuir conhecimento quase profissional, e Isadora demonstra necessidade de controle e rege suas experiências sexuais pela aprovação e autorização do grupo social. As vivências são diferentes, e contêm diversas especificidades, mas o que todas elas têm em comum é que, em vista dessas dificuldades possuem grande medo de entrega e principalmente forte desconexão com os próprios instintos e com o próprio corpo. Outro dado que sustenta tal colocação é o de que, de maneira geral, a maior motivação para fazer sexo não é a curiosidade ou desejo das entrevistadas, e sim a manutenção do relacionamento (agradar o parceiro) e o adequar-se socialmente.

Ainda que tenham ocorrido diversos avanços após a Revolução Sexual (GARCIA, 2004), vimos em diversas pesquisas como as de Ferreira (2006), Stamm (2005) e Rapapport (2010), como o estar inserida em uma cultura patriarcal influencia a maneira com que a mulher se relaciona com a própria sexualidade e feminilidade. Assim como na pesquisa de Ferreira (2006), fica evidente após a análise de dados da presente pesquisa o fato das mulheres estarem afastadas de sua alma feminina e mundo instintivo.

A repressão do feminino já é vivida há muito tempo, mas podemos ver que ela se transformou. Antigamente as expectativas sociais em relação à mulher e o como ela devia se relacionar com sua sexualidade e feminilidade eram muito claras; a imagem ideal era uma mulher maternal e frígida, ou seja, até o sentir prazer era proibido. Desde então muitas mudanças sucederam, mas podemos perceber que o que marca a vivência das mulheres contemporâneas no âmbito da iniciação sexual é a confusão. Elas parecem perdidas, procurando orientação a qualquer custo. As mensagens que recebem são confusas, e elas buscam recursos, na tentativa de clarear qual seria o caminho “correto”: a pornografia, a didática, a autorização, os ensinamentos das colegas e dos namorados regem suas vivências. Os desejos, impulsos e instintos sexuais nascem no corpo, mas é no meio externo que elas buscam referências; a idéia de que existe uma forma certa de viver a sexualidade limita sua expressão.

Segundo Whitmont (1991), o feminino (que rege a fase matriarcal da consciência) está voltado para o aqui e agora, para dimensão natural e as forças instintivas, ele é unitário, estando isento da dicotomia corpo-mente, dentro-fora. É funcional, não racional. Já durante a fase mental ou patriarcal, a razão se torna árbitro supremo. A noção de realidade passa a limitar-se ao concreto, não se referindo mais às percepções da psique. A razão é responsável pela diferenciação e o controle da natureza interna e externa e o ego seria dominado pelo superego ou pela *persona*. O autor assinala que na base do patriarcado está a rejeição dos impulsos naturais e desejos e emoções espontâneas.

Podemos observar que as entrevistadas se identificam com valores essencialmente masculinos e voltados para a razão: se descrevem como mulheres fortes, batalhadoras, brutas, e responsáveis. O feminino possui também sua força, mas é possível perceber que a força vivenciada pelas entrevistadas não se trata de uma força essencialmente feminina, agregadora, sedutora e instintiva. É possível relacionar esse dado com o observado por Henderson (2002) acerca da identificação das mulheres com valores masculinos que se tornaram familiares na contemporaneidade. No entanto, o autor assinala também que existe uma camada de suas mentes que parece emergir, por vezes de forma dolorosa, com o objetivo de torná-las mulher e não imitações de homem. Ao mesmo tempo em que tentam escapar das limitações do patriarcado, acabam se tornando vítimas da própria tentativa; buscam a igualdade e equilíbrio através da identificação com o masculino, quando na verdade, o equilíbrio está na valorização e aceitação das duas polaridades (masculino e feminino).

Podemos pensar que dentro de uma estrutura patriarcal, regida pela racionalidade e controle, as participantes estejam tendo grande dificuldade de se entregar, abrir mão desse controle, e entrar em contato com suas camadas instintivas que são desprezadas pelo coletivo, enquanto a racionalidade é exaltada. Como visto anteriormente, a vivência sexual e

a fusão com o parceiro na expressão física do amor possuem caráter potencialmente transcendente e numinoso, mas aparentemente para as entrevistadas, a entrega é um grande desafio. Essa afirmação também é válida no que diz respeito à experimentação consigo mesma: a masturbação parece ter que ser autorizada, ensinada, aprendida e dominada, não surgindo naturalmente, ou seja, os instintos estão em segundo plano e para que possam ganhar algum espaço (mesmo que limitados pelo necessário senso de normalidade e controle), precisam antes passar pela esfera da razão.

Conforme assinalado por Henderson (2002), no ritual de iniciação, o noviço deve passar pela experiência de morte simbólica, tendo sua identidade temporariamente dissolvida no inconsciente coletivo, e seu ego enfraquecido, o que para Woodman (1999) é um estado de extrema vulnerabilidade. O permitir que o ego seja enfraquecido, a identidade dissolvida e o estado de vulnerabilidade se instale parece ser difícil para as entrevistadas; elas desejam ser transformadas, mas sem perder o controle, passar pela morte ou pelo sacrifício. Após a morte, para completar o ciclo, vem o renascimento e a assimilação curativa ao grupo.

Oliveira (2007) e Frankel (2003) apontam a importância de envolvimento do grupo adulto e já iniciado (figura do ancião) no processo, para que possam garantir que o iniciado viva as transformações em relativa segurança, e então seja recebido novamente com novo status.

Podemos observar que as jovens estão passando por esse processo muito sozinhas. Em diversos relatos vemos movimentos de regressão sem que haja tentativa de reorganização; o retorno ao materno, que poderia ser transformador no sentido de descobrir uma nova forma mais adulta de se relacionar (HENDERSON, 2005), parece estar sendo vivido apenas como uma forma de recuar frente ao novo e desconhecido. Não estamos sugerindo que os pais ou adultos participem da sexualidade dos filhos como professores, mas que possam criar um ambiente no qual o jovem sinta que sua transformação de papel será bem recebida. Podemos pensar que talvez a incerteza de que haverá a recepção e integração ao grupo, com o novo status possa estar contribuindo para que as jovens tenham dificuldade em fazer o sacrifício heróico necessário.

Podemos levantar muitas hipóteses a respeito das razões pelas quais essa falta de suporte pode estar sendo sentida. Em primeiro momento é possível estabelecer relação com as idéias apresentadas por Aberastury (1981): a autora assinala que os pais podem sentir-se obrigados a se reaverem com suas próprias conquistas e fracassos, quando confortados com as conquistas de maturidade dos filhos. Além disso, pode ocorrer rejeição frente à personalidade associada à genitalidade manifesta dos filhos, que tentam mascarar de diversas maneiras, por exemplo, concedendo liberdade excessiva que pode ser vivida como abandono.

Podemos levantar a hipótese também de que os pais queiram, conforme assinalada por Frankel (2003) restaurar, ou em alguns casos preservar a percepção inocente de mundo dos filhos, para poupar-lhes dos sofrimentos e frustrações da vida adulta. Isso seria na verdade, um desserviço, visto que lidar com frustrações é parte importante do crescer. Tal colocação faz sentido se pensarmos na extensão da adolescência apontada por Molineiro (2007). Como resultante do aumento exigências de capacitação profissional (especialmente nas camadas médias da sociedade) e inserção no mercado de trabalho e independência financeira estão sendo postergadas. Estariam os pais (e quem sabe também os filhos) tendo maiores dificuldades de despedirem-se dessa relação de dependência? Talvez o luto pela relação infantil apontado por Aberastury (1981), esteja sendo dificultada para ambos os lados.

Finalmente, podemos levantar a hipótese de que as mensagens duplas e confusas acerca da sexualidade, recebidas pelas jovens mulheres (LINS, 2010) estejam dificultando a decisão de sacrificar a identidade infantil em benefício da adulta. Fica evidente a confusão nas idéias que dizem respeito à virgindade, por exemplo: ao mesmo tempo em que procuram demonstrar que não se sentem incomodadas com o status de virgem, podemos perceber que ele é visto como negativo, sendo o não ser virgem algo desejável. Elas demonstram medo de estarem “atrasadas”, ou de “atrasarem” o parceiro, e desejo de se adequar socialmente dizendo não serem mais virgens. Para aumentar a confusão, podemos perceber ainda a valorização da atitude sexual recatada; existem diversas tentativas de construção de inocência, por meio de um discurso de não intencionalidade e não saber.

Mais uma vez evidenciamos a desconexão com os instintos e a presença de regras que ditam a sexualidade: a idéia de estar ou não “atrasada”, sugere que existe um momento certo, definido arbitrariamente (em função da idade, grupo, etc) para que ocorra a primeira vez. Sendo assim, a iniciação sexual pode acontecer sem que haja um período de maturação e preparação necessária (OLIVEIRA, 2007) para a entrada na sexualidade adulta.

As entrevistadas relatam sentir mudanças após a primeira vez: maior aceitação do corpo e melhora da auto-imagem, melhora na consciência corporal e integração ao grupo de amigas. No entanto, podemos perceber que elas ainda possuem algumas dificuldades em vivenciar a sexualidade de maneira liberta e criativa (por exemplo, Vanessa e Ana ainda fazem sexo muito mais em função de agradar o parceiro, do que em função de um desejo próprio), e que primeira vez não marca o amadurecimento. As demandas por iniciação ainda parecem presentes, e sendo elaboradas.

As participantes demonstram buscar ativamente a transformação de consciência em outras esferas da vida, por meio de transgressões como mentir para os pais, usar drogas, adotar comportamentos que possam chocar os demais. Entretanto, é possível perceber que

no campo da sexualidade existem diversos obstáculos que dificultam a transformação, e talvez seja necessário mais confiança em si mesmo e no meio para que o movimento heróico ocorra, e o medo do novo seja vencido. Frente a tais obstáculos, podemos observar que, apesar do desejo arquetípico por alteração de consciência, a primeira vez não possui caráter de real iniciação, pois, apenas leva a jovem até o limiar, mas como ela não possui a estrutura necessária, não pode atravessá-lo (FRANKEL, 2003). O desejo de ser iniciada permanece.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de elaboração do presente trabalho foi de extrema intensidade, aprendizado e reflexão. Durante todo o processo de elaboração me vi completamente envolvida e mobilizada. Poder ouvir os relatos das quatro mulheres que me permitiram acesso a suas vivências e sentimentos íntimos foi uma experiência enriquecedora e única. O objetivo do trabalho era compreender como tem sido vivenciada a iniciação sexual feminina na contemporaneidade. Diversas fantasias, dúvidas e questionamentos vieram a minha mente ao longo do processo: estará sendo uma vivência transformadora? Estariam as mulheres vivendo o prazer de forma mais livre ou não? Quais são obstáculos ou facilitadores?

Acredito que a pesquisa tenha alcançado seu objetivo, promovendo ampliação de consciência e produção de conhecimento acerca dessa vivência e sua rede de significados. Conforme assinalado na discussão, podemos perceber que a primeira relação sexual não está marcando o momento de iniciação da sexualidade adulta. Vimos tanto na teoria quanto na prática que o torna-se um ser sexual e a exploração da sexualidade possuem potencial transformador e de conexão com poder vital. No entanto, foram evidenciados alguns fatores que aparentemente estão dificultando a realização de tal potencial. As meninas possuem desejo de serem transformadas, demonstrando em seus discursos a necessidade arquetípica de iniciação, mas enfrentam obstáculos como: o medo de entrega, desconexão com corpo e instintos, a falta de estrutura (que deveria ser providenciada pelos adultos) para que ocorra a iniciação em segurança, e ausência da perspectiva de integração ao grupo com o novo status.

Em função disso, acredito que podemos apontar a necessidade de diversos novos estudos. Vimos algumas pesquisas que demonstram as consequências negativas do patriarcado na relação das mulheres com sua feminilidade, e acredito que no atual momento, se fazem necessárias pesquisas que estejam voltadas a formulação de possíveis intervenções a serem feitas com os jovens. Existe grande dificuldade em aceitar a dimensão instintiva do feminino, e intervenções que possam levantar e elaborar tais temas entre os jovens seriam benéficas.

Não podemos negligenciar o fato de que, se aproximar desse tema apenas por meio da esfera racional não basta; isso seria colocar mais uma vez os instintos e a natureza em segundo plano. Além de poderem elaborar verbalmente as dificuldades da integração da sombra feminina, acredito que seja necessário criar intervenções que estabeleçam a relação das jovens com o corpo, possibilitando que elas vivam essa esfera negligenciada de maneira completa. É necessária uma visão integrativa, e pesquisas que ajudem a trilhar o

caminho da superação da dicotomia corpo-mente. Ferreira (2006) e Rapaport (2010) apontam os caminhos da senso-percepção e da integração psicofísica. Pesquisas que aprofundem tais caminhos no campo da sexualidade se mostram importantes. É necessário ouvir o corpo, e habitá-lo de forma mais plena.

Além disso, percebemos a necessidade de um trabalho a ser feito com os pais e adultos. Aberastury (1981) assinala que o estudo da adolescência tendo como único foco o jovem será sempre incompleto, devido à importância dos pais no processo de amadurecimento dos filhos. Em uma sociedade que não provê ritos formalizados, os jovens podem viver a iniciação (que já é naturalmente uma experiência desafiadora) de maneira ainda mais difícil e dolorosa.

Os dados sugerem que, pelo menos no que diz respeito ao campo da sexualidade, as jovens estão passando por tais dificuldades. Sendo assim, seriam interessantes e bem-vindas, pesquisas que procurassem entender como os pais estão vivendo e encarando o processo de iniciação dos filhos, e as reverberações dessa mudança de status nos relacionamentos familiares. Caso seja possível realizar novos estudos que apontem caminhos para que os pais possam entender seus sentimentos em relação ao desenvolvimento dos filhos e o luto pela relação infantil, a dinâmica familiar pode sofrer mudanças positivas. Com pais prontos para garantir estrutura e acolhimento, e jovens mais integradas a sua feminilidade, talvez o caminho para a iniciação na vida sexual possa ser vivido de forma mais criativa.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul LTDA, 1981.

AMATO, Léa Silvia Borges de Frias. **Adolescência e orientação sexual na perspectiva da psicologia analítica**. *Jung & Corpo*. São Paulo, n.3, p. 43-53. 2003.

ARAÚJO, Felícia Rodrigues Rebelo da Silva. **Passagem perigosa**: a construção da identidade dos jovens em situação de vulnerabilidade social: uma perspectiva da psicologia analítica. São Paulo, 2010. 180p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Estudos Junguianos. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BICUDO, Silvia Leite. **A “primeira vez” na contemporaneidade**: intersecções entre subjetividade e cultura. São Paulo, 2008. 98p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BIERNACKI, Patrick; WOLDORF, Dan. **Snowball Sampling**: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. *Sociological Methods & Research*. Boston, v. 10, n. 2. 1981

BOLOGNANI, Silvia Adriana Prado. **Contextualizando a Primeira Vez**: Questões sobre a sexualidade feminina adolescente. São Paulo, 1995. 55p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**: volume I. Petrópoles: Vozes, 2012.

CAMPOS, Geison Fernando Vedramini de Araujo. **Adolescência**: de que crise estamos falando?. São Paulo, 2006. 173p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DESSER, Nanete Ávila. **Adolescência, sexualidade e culpa**: um estudo sobre a gravidez precoce nas adolescentes brasileiras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

FARIA, Durval Luiz de. **O pai possível**: conflitos da paternidade contemporânea. São Paulo: Educ, 2003.

FERREIRA, Maria Angela Mestriner Marques. **Refletindo sobre a ferida do feminino**. *Jung & Corpo*. São Paulo, n.6, p. 31- 43. 2006

FRANKEL, Richard. **The adolescent psyche**: junguian and winnicottian perspectives. New York: Brunner-Routledge, 2003.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. **Virgindade e iniciação sexual entre as adolescentes brasileiras**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

GUERRA, Maria Helena R. Mandacaru. **A deusa Durgâ**: uma imagem arquetípica do desenvolvimento pleno da mulher. *Jung & Corpo*. São Paulo, n.4, p.81-88. 2004

HENDERSON, Joseph. **Thresholds of initiation**. Illinois: Chiron Publications, 2005.

HENDERSON, Joseph. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl Gustav. (org). **O homem e seus símbolos**. 23ª. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p.104 – p.157.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2002.

KNOBEL, M.; PERESTRELLO, M.; UCHÔA, D. **A adolescência na família atual**: Visão Psicanalítica. Rio de Janeiro, São Paulo: Livraria Atheneu LTDA, 1981.

LIFTON, Robert Jay. **The broken connection**: on death and the continuity of life. Washington: American Psychiatric Press Inc, 1996.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda**: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

MOLINEIRO, Maria Lygia de Carvalho Alli. **Vocação**: uma perspectiva junguiana – a orientação vocacional na clínica junguiana. São Paulo, 2007. 222p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Estudos Junguianos. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIVEIRA, Luisa de. **Coisas de menina**: análise simbólica da personagem Buffy - a caça - vampiros. São Paulo, 2007. 101p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Estudos Junguianos. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Processamento simbólico arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. São Paulo, 2009. 208p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Estudos Junguianos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PENNA, Eloisa Marques Damasco; ARAÚJO, Felícia Rodrigues. **A paixão na adolescência**: um rito de iniciação. *Junguiana*. São Paulo, v.28/1, p.25-33. 2010.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: Educ, 2013.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

PIGOZZI, Valentina. **Celebre a autonomia do adolescente**: entendendo o processo de iniciação da vida adulta. São Paulo: Gente, 2002.

RAMALHO, A. MORELLI, C, BORGES M. B. F, OLIVEIRA, M. D, PALAVRAS, M, NUNES, P, SAMPAIO, S. M. D. **Imagem corporal na adolescência**. *Junguiana*. São Paulo, v. 25, p.133-142. 2007.

RAPAPPORT, Karla. **Menstruação**: expressão da feminilidade. *Jung & Corpo*. São Paulo, n. 10, p. 39-52. 2010.

RIBEIRO, Marina. **De mãe em filha**: a transmissão da feminilidade. São Paulo, 2009. 184p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Método Psicanalítico e Formações da Cultura, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

STAMM, Ana Cássia Corrêa. **Lilith e o feminino proibido**. *Jung & Corpo*. São Paulo, n. 5, p.37-47. 2005.

STENGEL, Márcia. **Obsceno é falar de amor?** : as relações afetivas dos adolescentes. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

STORCH, Carla Ribeiro do Lago. **A consciência dos adolescentes a respeito da sexualidade**: uma visão junguiana. São Paulo, 2012. 130p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

WHITMONT, Edward C. **Retorno da deusa**. São Paulo: Summus, 1991.

WINNICOTT, Donald W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WOODMAN, Marion. **A virgem grávida**: um processo de transformação psicológica. São Paulo: Paulus, 1999.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ANEXOS

ANEXO I

Entrevista:

Aquecimento

- Idade
- Profissão
- Com quem mora
- Conte-me um pouco da sua rotina
- Fale um pouco de você (gostos, defeitos, qualidades, personalidade)

Adolescência

- Como foi a passagem da infância para a adolescência (quando se percebeu adolescente e porque)?
- Como foi a primeira menstruação?

Relação com os garotos

- Quando começou a sentir interesse por garotos (primeira paixão)?
- Primeiro beijo
- Como era sua relação com os garotos?
 - Ficava, namorava
 - Era mais “atirada”, tímida
 - Sentia-se segura, insegura
- O que você acha que te torna atraente para os homens, e o que te atrai neles?

Virgindade e sexualidade

- O que a virgindade significava para você?
- Como você se sentia por ser virgem?
- Qual era sua relação com sua sexualidade (ex: masturbação)?
- O que pensa/sente a respeito da masturbação?

Primeira relação, sexualidade e relações de gênero

- Quando e com quem foi?
- Como era sua relação com a pessoa antes?
- Quais eram suas expectativas (medos, fantasias, idealizações)?
- Como foi (correspondeu as expectativas)?
- Como você se sentiu durante e depois?
- O que sexo significava pra você e o que significa hoje?
- Como você vivencia sua sexualidade hoje (quais mudanças ocorreram desde a primeira vez)?
- Quais as características de uma boa relação sexual?
- Você acha que homens e mulheres desempenham papéis diferentes nos relacionamentos?
- E no sexo? Quais são estes papéis?
- O que você espera de um homem (sexualmente e em relacionamentos)?
- O que você acha que eles esperam de você?
- Como você se descreveria como mulher? Que tipo de mulher acha que é?
- Como você seria se fosse o seu ideal feminino?

Mudanças

- Na relação com os homens
- Com você mesma (auto-imagem)
- Com seu corpo

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu _____, portadora do RG _____, declaro por meio deste, que concordo em ser entrevistada na pesquisa de campo referente ao trabalho chamado “Iniciação da vida sexual feminina na contemporaneidade: uma análise junguiana”, desenvolvida pela Faculdade de Ciências Humanas de da Saúde, no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que tem como objetivo compreender como tem sido vivenciado o início da vida sexual feminina. Fui informada que a pesquisa é orientada pela Profa. Luisa de Oliveira, a quem posso contatar a qualquer momento que julgar necessário.

Declaro ter aceitado participar por vontade própria, sem receber nenhum incentivo financeiro, com o único propósito de colaborar para a produção científica e o sucesso da pesquisa, que, conforme fui informada possui objetivos estritamente acadêmicos. Fui informada ainda que o relato por mim oferecido, está submetido às normas éticas destinadas às pesquisas envolvendo seres humanos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Foi esclarecido que minha participação se fará de forma anônima, por meio de entrevista e relato de sonho a serem gravados, bem como a realização de desenho que será entregue à pesquisadora. Foi esclarecido que se a qualquer momento me sentir prejudicada ou tiver dúvidas posso contatar a pesquisadora, sua orientadora ou o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, ou mesmo me retirar do estudo sem nenhum prejuízo.

Fui informada ainda que caso, em função da participação na pesquisa, surja alguma demanda maior (por exemplo: mobilização de alguma emoção com a qual não consigo

lidar), a pesquisadora dará continência a tal conteúdo e caso seja necessário realizará encaminhamento adequado.

Afirmo que a pesquisadora entregou-me, antes da realização da pesquisa, uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

São Paulo, _____de_____de 2013.

Nome por extenso da participante
ou representante legal

Assinatura da participante
ou representante legal

RG da participante ou
representante legal

CPF da participante ou
representante legal

Nome por extenso da pesquisadora

Assinatura da pesquisadora

RG da pesquisadora

CPF da pesquisadora

Nome por extenso da orientadora

Assinatura da orientadora

RG da orientadora

CPF da orientadora

ANEXO III

Entrevista Gabriela

P: pesquisadora

E: entrevistada

P: Bom, começando então queria que você me contasse um pouco de você, sua idade, sua profissão.

E: Meu nome é Gabriela, eu tenho 18 e estou na faculdade.

P: Com quem você mora Gabriela?

E: Com meus pais, casados, e minha irmã.

P: Mais velha?

E: Mais nova, ela tem 15.

P: Me fala um pouco da sua rotina, seu dia a dia.

E: Começando no 1º ano, agora mudou totalmente a rotina, prefere que eu fale como era antigamente?

P: O que você quiser contar.

E: Eu vou geralmente fazer academia de manhã, aí vou pra faculdade a uma hora da tarde, eu geralmente saio seis, seis e meia e demoro muito tempo para chegar em casa. Aí num sei, dependendo do dia, vou ao cinema ou faço lição, ou vejo filmes em casa mesmo.

P: Você vai ao cinema com quem?

E: Duas pessoas com quem mais vou, meu namorado outro meu melhor amigo, mas também tem o caso que vou com minhas amigas. E de fim de semana não sei, depende da semana, posso ir em festas, com meus amigos ou os amigos do meu namorado, ou num sei, viajar para a praia.

P: Me fala um pouquinho de você, sua personalidade, o que você gosta, não gosta, quem é você?

E: Ai, não sei. Acho que uma coisa que eu tenho de ruim é muito stress, fico irritada fácil, mas uma coisa boa é que mesmo assim consigo ser compreensível, então procuro escutar muito as pessoas. É num sei, não sou muito animada para fazer mil coisas ao mesmo tempo, só que, não sei. Não muito só que não zero animada.

P: Você é mais caseira?

E: Não caseira minha casa, mas caseira no sentido que gosto de ficar com meus amigos em casa vendo um filme, comendo uma pizza em vez de ir para a balada, sei lá virar a noite na rua, essas coisas. É.... minha cor favorita é vermelha, eu tenho uma cachorra, mas queria ter um gato... Tem mais alguma coisa?

P: O que você achar importante de dizer quem você é.

E: É difícil falar, nem eu sei direito como me definir.

P: É uma pergunta normalmente complicada “quem é você”. Tá bom então vamos falar um pouquinho do que aconteceu na sua vida aí vamos vendo isso durante a entrevista. Me fala um pouco da passagem da sua infância para a adolescência, o que aconteceu que você falou: “Não sou mais criança”.

E: Ah bom... não sei, eu acho que... na verdade tem meio que aquela parte que quando você menstrua você vira uma mocinha, só que na verdade eu não senti isso: meus pais me deram um óculos de sol para representar que “nossa agora eu era uma menina super grande” eu tinha 12 ou 11.

P: Como foi ficar menstruada a 1ª vez?

E: Ah eu não lembro.

P: Não lembra como você sentiu, o que aconteceu?

E: Não lembro nem a cena, sério. Não tenho na minha cabeça como foi olhar para baixo e ver que eu tava sangrando. Não sei, o que eu mais me lembro é que eu fiquei assustada, não queria contar pro meu pai, só pra minha mãe, mas no final ela contou pra ele.

P: Porque você não queria contar pro seu pai?

E: Ah sei lá, eu não me sentia confortável tipo... “ah então pai eu virei uma mocinha, agora posso ter bebê”. Ele sempre me tratou como criança, então eu não queria que ele soubesse, mas ele ficou sabendo, foi meio “cabuloso” assim.

P: Você achou que mudaria algo na sua relação com ele se ele soubesse?

E: Não. naquela época eu não achava, mas hoje em dia eu não gosto muito dessa relação, mais afetiva com meu pai, sei lásó que não sei, eu não queria contar, só que não acabou mudando muita coisa. Não sei eu comecei a me sentir mais mocinha quando eu tinha uns 14, porque eu saía mais de casa sem avisar, não sair a noite, mas eu mentia muito para meus pais, então eu achava que era malandra e eu acabei achando que eu tinha uma liberdade por isso eu tinha crescido.

P: Eu fiquei curiosa sobre a menstruação: Antes de você menstruar, você tinha alguma expectativa, tinha medo, ou queria muito que acontecesse, você pensava a respeito?

E: Sabe quando tipo as vezes, você limpa e sai uma gotinha de sangue quando você machuca assim? Isso aconteceu uma vez na minha vida, eu devo ter caído, seila...eu achei que eu tinha menstruado e mostrei o papel pra minha mãe, mas ela me disse que era muito mais sangue e eu me perguntei o que seria "bem mais sangue", mas foi só isso eu não achava que ia mudar muita coisa, não tava com medo nem nada.

P: No sentido de um grupinho de amigas, as vezes existe expectativas: "Não quero ser a primeira, não quero ser a última."

E: Minhas amigas não falavam muito disso. Então, não foi uma coisa que eu contei: "Gente menstruei". Foi uma coisa que depois de um tempo... tanto que eu menstruei na segunda-feira e na sexta-feira eu ia viajar com minhas amigas para a praia, e eu tava super desesperada que eu não queria compartilhar com muita gente... mas daí no final acabou acabando a menstruação eu não tive que contar, mas não que eu precisasse esconder, só não era muito assunto.

P: Foi cedo né?

E: Mais ou menos a maioria das meninas que eu ando com menstruaram na quinta série mesmo.

P: É as meninas tão menstruando mais cedo mesmo... na minha época era com 14 assim.

E: 11 foi horrível. A gente ainda é muito criança.

P: Tá então você disse que sua passagem da infância para adolescência foi quando você acha que você tinha mais liberdade para sair e tal, mas como era sua relação com meninos? Quando que você começou a se interessar por garotos, sua pequena paixonite?

E: Quando eu era pequena eu tinha nojo, sabe aquela coisa de criança?

P: Mas o que era pequena?

E: Sabe até a 1ª série, uns 6 anos. Sabe quando menino e menina não podiam andar de mão dada? Uma coisa meio pré-estabelecida da sociedade. Mas aí num sei, paixãozinha de verdade, sem contar "o menino mais bonito da sala é um menino que eu gosto", acho que foi na 5ª-6ª série, que era um menino uns 5 anos mais velho que eu que era amigo de um menino no condomínio na praia. Foi muito estranho, os amigos dele que eram muito mais velhos, imagina eu estava na 6ª série, aí chega um menino do 1º colegial aí ele vem falar que "meu amigo gostou de você". Primeiro eu achei que eles tavam me zuando, mas daí depois ele veio falar comigo, pediu meu MSN e foi super legal, mas só que como ele era mais velho, ele tinha uns papos estranhos, mais ligados a sexualidade que eu ainda não tinha nem pensado, porque eu não tinha nem beijado um menino.

P: Então ele tinha 18? Você falou ele era 5 anos mais velho.

E: então talvez fosse um pouco menos. Ele era irmão de uma amiga.

P: Que série você disse que ele era?

E: É deve ser uns 4-5, é que ele era burro, então ele repetiu... repetiu o 1º colegial, devia tá no primeiro ou no segundo. É o que eu acho, porque não perguntei.

P: Ele tinha uns 16-17 e você uns 12-13?

E: É deve ser, e aí eu não sei, comecei a ficar meio assim com esses assuntos

P: E como era essa conversa com ele?

E: Ah não sei, eu nunca tinha ficado com ninguém, aí ele perguntava, e falava que era pra gente se encontrar e perguntava se quando isso acontecesse se ele podia passar a mão por baixo ou por cima da roupa. Aí eu fiquei meio assim.

P: Ele perguntava lugares?

E: Ah sim.

P: Que lugares ele perguntava.

E: Ah peito e bunda.

P: Lá?

E: Não, lá não. (risos) Aí sei lá pra mim era ousadia né. Aí não sei, só vi esse garoto uma vez na vida, aquela vez na praia que eu conheci ele.

P: Você ficou com ele?

E: Não, tipo ele me chamou no MSN depois e talz, mas daí não aconteceu nada.

P: Ah as conversas eram por MSN?

E: Sim se fosse ao vivo... ah eu era muito pequena, eu olhava aquelas coisas e me perguntava: "o que eu respondo?" aí eu falava que "não e que tal, eu não queria aquelas coisas, mas ele meio que influenciava e falava: "ah passar a mão por fora é a mesma coisa, que passar a mão no braço bla bla bla" umas coisas assim. Mas daí nunca mais vi ele, aí não sei, a segunda paixão foi um menino da minha idade, foi quase na mesma época que eu parei de gostar dele, e era o meu melhor amigo que não era da minha escola. Aí comecei a gostar desse menino que era um ano mais novo ou alguns

meses. Mas a gente nunca ficou, porque eu tinha medo. Não medo sei lá... ele chegava em mim e eu falava que não porque sei lá... porque eu era idiota, eu gostava dele, mas nunca rolou. E aí...

P: Você tinha medo do que?

E: Não era medo, sabe sei lá, coisa de primeiro beijo assim? Não sei se você teve isso.

P: Não, não... eu entendo o que você está falando, mas eu preciso que você tente me explicar melhor, porque preciso entender do seu ponto de vista, mas eu também ficava nervosa com os meninos.

E: Não sei se era só nervosismo, era medo daquelas fofquinhas sabe? "Beijava bem, beijava mal" e como eu gostava dele, não queria que isso influenciasse ele pro lado ruim, porque eu sei que muitas coisas acontecem assim: Você gosta da pessoa e fica com ela e pronto acabou sabe? Aí eu sabia que iria ficar triste. Também porque sei lá... eu não sabia beijar aí... não sei... sempre falava que não?

P: Medo de fazer errado?

E: É mais ou menos isso, aí não sei, meu primeiro beijo foi na 7ª série, com um menino da minha sala que era meu amigo assim, aí numa festinha, aí o melhor amigo dele era meu melhor amigo. Daí eu fiquei com o melhor amigo dele.

P: O melhor amigo do seu melhor amigo?

E: É, eu já sabia que ele tava tentando agitar a gente, aí ele trancou a gente, não trancou assim... nessa festinha ele fechou a gente no quarto e a gente ficou conversando umas duas horas conversando e eu ainda tinha esse medo... sei lá foi 3 meses depois da outra história.

P: Ele tava agitando porque ele estava afim de você ou você tava afim dele?

E: Não, nenhum gostava do outro, só achava bonito e ficaria e tal.

P: Mas foi você que foi atrás dele e falou "ai agita" ou foi o menino?

E: Então, pelo que eu conheço dele, acho que foi da cabeça dele. Tipo "nossa ia ser muito legal", daí ele veio falar comigo e falou com o outro e aí os dois aceitaram, mais ou menos isso. Aí ele ficou conversando comigo umas 2 horas aí ele acabou me convencendo que não ia ter problema se eu beijasse mal.

P: Vocês ficaram conversando sobre beijo?

E: Não, não sobre isso.

P: Pera aí me conta essa conversa.

E: Ai eu não lembro, sei lá deve ter sido alguma coisa super normal.

P: Mas você falou que ele te convenceu que não tinha problema se você beijasse mal.

E: Então a gente tava conversando aí ele tentou ficar comigo e eu falei que não. Ele perguntou porque e eu falei por isso... Aí ele tentou me convencer, conseguiu né na verdade. Aí eu fiquei com ele e essa a história do meu primeiro beijo.

P: Como foi pra você seu primeiro beijo? O que você achou?

E: Ah eu achei legal, uma experiência nova, achei bom, é.

P: Como você se sentiu depois, ou durante?

E: Não sei, eu me senti bem assim, me senti feliz.

P: Depois de deixar de ser BV?

E: (risos)

P: Teve alguma diferença pra você?

E: Ah teve, só porque perdi esse medo. Mas tipo eu já tinha uma relação de amizade boa com os meninos, então não é tipo que esse beijo me abriu caminho de conversar com pessoas do outro sexo. Foi tipo, mais para perder a vergonha, eu sempre tive mais amigos meninos do que meninas, então não era difícil a relação.

P: A sua relação de amizade com meninos era boa então?

E: Uhum.

P: E quando você gostava deles, você era mais tímida, mais "atirada"?

E: Não sei, porque eu só gostei daquele meu amigo o da segunda história.

P: Não, não precisa ser amigo, meninos em geral que você teve intenções românticas.

E: Ta oh... mas não sei se eu já gostei... oh: Esse primeiro que eu gostei, ele não podia saber que eu gostava dele, porque ele ficava com uma amiga minha da outra escola. Aí ele não podia descobrir porque ele era meu melhor amigo e tinha uma namorada. O da 7ª série que eu falei não muitas vezes por medo do que podia acontecer, eu continuei gostando dele daí ele desenganou.

P: Qual era o nome dele?

E: João. Ta oh: primeiro menino chama Julio.

P: O da mão?

E: O da mão. O segundo era o João que eu falei não porque tinha medo, Zé foi o que eu beijei, e Antônio era o melhor amigo do Zé

P: Ta e aí depois você começou a gostar do Antônio?

E: Não, eu gostava do João antes de eu ficar com o Zé, quer dizer até quando eu fiquei com o Zé eu gostava dele. O Zé nunca foi uma história de amor foi mais um “vamos ficar”. E aí ele não podia saber que eu gostava dele, o João.

P: Ele era o que ficava com a sua amiga.

E: É porque eu tinha medo de mudar a amizade e tals, então eu nunca fui muito tímida eu também nunca mudei meu comportamento pra ele não perceber que eu gostava dele, mas também nunca fui muito atirada porque de qualquer jeito depois que eu rejeitei ele não tinha mais como dar certo.

P: Depois que você rejeitou ele?

E: É, depois que eu já tinha perdido o medo de beijar é... eu não teria, mesmo assim, como dar em cima dele porque ele já tava com outra e tal, e ele era meu melhor amigo.

P: Entendi, você gostava dele, aí você tinha medo de beijar, não quis. Aí você ficou com o Zé, perdeu o medo, só que não dava para voltar atrás no tempo porque ele ficou com outra?

E: É (risos).

P: Então entendi tudo, continua.

E: Aí assim, eu to namorando a dois anos e meio, então, essa minha... é que eu mudei muito minha cabeça nesse tempo né? Desde o primeiro colegial.

P: Você acabou de fazer dezoito?

E: É... porque sei lá minha cabeça mudou muito, não é que eu não acreditava... eu sempre achei que mulheres podiam ir atrás de homens se quisessem, podiam e deviam, mas sei lá, eu ainda tava num mundo muito fechado e machista, eu não conseguia ser essa pessoa entendeu? Não por falta de... não por medo entendeu? Foi mais por falta de espaço sabe? Porque ó: Eu fiquei com esse Zé no final da sétima e eu fui ficando até o final da 8ª. Na 8ª eu fiquei com outro menino que chamava Mateus, namorei ele até o meio do 1º, fiquei quase um ano com ele. Aí no final do ano eu fiquei com o Tiago, que é o menino que eu to namorando até hoje.

P: Entendi

E: Então eu não tive muito tempo, digamos assim de ir atrás de alguém que eu quisesse, porque não deu tempo de eu realmente começar a gostar de alguém e tal, entendeu? Eu to querendo dizer que hoje em dia eu acredito e defendo com muito mais garra do que eu acreditava antes que se uma mulher quer ela vai atrás, que não precisa esperar o homem vir, chegar em você, o homem começar. Aí não sei... como eu to a muito tempo namorando e essa minha cabeça mudou mais drasticamente a partir... um pouquinho antes do meu namoro então eu não tive chance sabe...

P: Entendi, você diz que sempre acreditou que tudo bem mulher fazer isso, mas eu não conseguia ser essa pessoa. Racionalmente você entendia que tudo bem, mas você não se sentia confortável?

E: Não, não... não é isso. Não é que eu não me sentia confortável, eu num tive porque fazer isso, entendeu? Porque o tempo que eu fiquei sem ficar com ninguém foi muito pequeno.

P: Foram três relacionamentos não é? O Zé...

E: Mateus...

P: Mateus e aí o Tiago e nisso, o início desses, foram eles que tomaram a iniciativa.

E: O Tiago eu não sei... ele diz que não, mas eu achava que sim. Calma, vou falar primeiro do Mateus.

P: Ta bom.

E: No começo ele meio que fez uma declaraçõzinha assim tipo “eu gosto de você não sei o que” aí eu falei “ah tá então vou te dar uma chance”, aí eu fiquei com ele e a gente acabou namorando por um tempo, aí começou a ter uma coisa mais séria, mas aí a gente terminou assim. E aí depois com o Tiago.

P: Calma, como assim uma coisa mais séria? Vocês estavam ficando e aí terminou na hora em que começaram a namorar, é isso?

E: Não, ó: a gente.... acho que foram tipo cinco... não, é que eu não sei as datas certas. Acho que a gente namorou uns seis meses e ficou uns quatro ou cinco.

P: Ta.

E: E aí.. o Tiago, meio que foi, uma vez eu tava na casa de um amigo, só eu e ele, só amizade mesmo. E o irmão desse menino era da série de cima aí tava o Tiago o irmão do Tiago e mais um menino que eu não lembro quem é, e aí a gente acabou jantando junto. Aí eu conheci o Tiago e ele era da série de cima da minha escola e tal.

P: Um ano mais velho que você?

E: É e eu sempre fui meio extrovertida na hora de conversar.... na verdade é meio contraditório... porque na verdade eu me acho tímida, só que eu converso bastante com as pessoas... não sei, eu nunca iria ter falado com ele se ele não tivesse na casa do meu amigo e a gente não tivesse jantado

junto. Só que como a gente jantou e se conheceu aí eu conversava com ele, mas não porque eu tava tipo, afim, era só que eu conversava e ele achava que...

P: Você é tímida com alguém que você não conhece na hora que você conhece a pessoa aí...

E: É aham. E ele achava que eu conversava com ele porque eu tinha algum interesse, então tipo sei lá. Se eu encontrava ele no recreio eu falava: “vem beber água comigo”, e ia com ele até o bebedouro, só que tipo eu iria pro bebedouro tanto sozinha quanto com qualquer um que eu falasse vem comigo só que ele achou que não que eu tava dando em cima dele e tal e que ele tinha que tentar alguma coisa. Aí ele tentou e eu acabei ficando com ele e a gente ta namorando até hoje e ele fala que ele só chegou em mim porque ele acho que eu tava querendo alguma coisa, só que antes de ele falar pra mim, eu achava que ele tava ficando comigo só por ficar, porque eu sabia que não tinha sentimento nem nada, mas aí é mais ou menos isso, então ele pode achar que de algum jeito eu fui atrás dele, mas não era minha intenção...

P: Pra você, você só estava falando com alguém que você conhecia?

E: É eu gostava de conversar com ele, não é que qualquer pessoa que eu encontrasse na rua eu falava “vem comigo” (risos) é que de todas as pessoas que eu gostaria de estar junto naquele momento ele era uma delas sabe?

P: Entendi, então você teve três relacionamentos mais duradouros. O Zé, o Mateus e o Tiago. O Zé você já me falou como era, vocês ficavam de vez em quando e não era como um namoro não é?

E: Uhum não.

P: E você tinha algum sentimento romântico ou era só físico.

E: Ahm é, era só físico.

P: E o Mateus e o Tiago pelo que eu entendi começou com uma coisa física: uma ficada, e depois desenvolveu para algo a mais.

E: É que na verdade, como o Mateus já, ele que se declarou, como ele já gostava eu já tinha que ter um cuidado maior, tipo... entender meu interesse, entender como funcionava nós dois juntos e tentar ou conciliar amizade com atração física e ver se dava em alguma coisa... e acabou dando tipo... acabei começando a gostar dele e aí... na verdade minha vida sexual começou com ele, mas demorou um pouco... foi um pouco depois que a gente começou, um pouco antes da gente começar a namorar...

P: Quantos anos você tinha?

E: 15? É... era entre 14 e 15, mais perto de 15.

P: Então foi exatamente praticamente três anos?

E: É, mas eu achei que era mais três anos mais pra relacionamento sexual de verdade e isso era só preliminares.

P: Ah tá! É que eu achei que você tinha falado que você tinha tido sua primeira relação com ele.

E: Era o que eu ia falar.

P: Entendi que tinha sido com ele.

E: Desculpa, não com ele só preliminares, a única coisa que era é que era manual.

P: Ele foi o primeiro que você passou do beijo.

E: Sim...

P: A única coisa?

E: Era manual, tipo.. nada com a boca e nada interno entendeu?

P: Ele só pegava em você...

E: Eu batia pra ele e ele pra mim... mas nada oral ou sexo de verdade.

P: Mas nem de dedo tinha penetração?

E: Tinha... manual. Mas aí, num sei, a gente terminou aí depois de uns três meses que eu fiquei com o Tiago aí foi muito rápido porque eu já tinha começado... aí tipo na segunda semana a gente já começou a fazer essas coisas, preliminares aí foi indo mais rápido, e demorou um ano e meio pra gente fazer sexo de verdade que foi... no meio do ano passado. E aí... foi isso, foi a primeira pessoa que eu fiz sexo.

P: Ok agora entendi. E quando você começou a fazer preliminares com o Mateus, você diria que você estava emocionalmente envolvida com ele?

E: Sim.

P: Como era a transição entre ficar casual e gostar da pessoa?

E: É que eu não sei explicar se foi lento ou rápido, porque se você for pensar, foi menos de quatro meses que eu comecei a gostar dele... mas eu não sei dizer, eu ficava feliz de não ser “mancona” com ele tipo “eu não gosto dele, mas to ficando com ele. Ele era uma pessoa legal, era um bom amigo, não sei eu me sentia sei lá, tendo um amigo, não diria com benefício, mas um amigo q era mais q amigo tinha um carinho maior e podia ter uma relação afetiva.

P: Mas você se sentia apaixonada?

E: Ah, não. Tipo eu gostava dele, eu gostava mesmo.

P: Tinha afeto, mas não era uma coisa: “ai o Mateus”?

E: É não, tipo eu gostava dele, ele foi meu primeiro namorado e tal, mas nem se compara com o meu de agora.

P: E quando você começou a fazer essas preliminares com o Tiago, como que era?

E: Como assim?

P: Em todos os aspectos: Fisicamente, o que você fazia, como você se sentia? Como foi esse início da vida sexual?

E: Ah, é que se você for pensar, é que do jeito que eu vejo, início mesmo foi com o Mateus, não sei, foi o primeiro pênis que vi na minha vida. Aí não sei, foi mais com ele, foi uma coisa diferente, mas eu não me sentia culpada, nem nada disso, não via problema, nem com o Tiago depois. Como foi duas semanas depois, também não me sentia mal tipo: “Nossa foi muito rápido”. Nunca tive essa mentalidade, pra mim tanto fazia como fosse. Só que não sei, acho que isso da mais uma confiança de não ser realmente amigo e eu também não tenho esse problema de que: “nossa, como eu posso bater pra ele se daqui a uma semana ele pode me rejeitar sabe”, tipo foda-se eu prefiro aproveitar, não é uma coisa que eu não goste entendeu? Tipo eu gosto não porque não fazer. Aí não sei, acabou sendo uma coisa boa porque aproximou a gente, não era só um menino que eu tinha ficado, era uma coisa maior. Era uma coisa boa, porque além de ser um ato bom, é uma coisa que dá uma segurança, num sei, da um afeto. É muito diferente ir no cinema e beijar na boca e pronto sabe? Você vai lá na casa dele, vê um filminho e a gente fica abraçados super juntos, é uma coisa muito mais intensa.

P: Entendi. E com o Tiago?

E: Não, esse é o Tiago.

P: Calma achei que você tava falando do Mateus.

E: Não é que. Lembra que eu falei das duas semanas

P: Ah é. Desculpa, é que é uma história nova pra mim preciso organizar na minha cabeça. E com ele já tinha uma intimidade maior do que com o Mateus, você falou: Com o Mateus era só a mão... e com ele eram outras coisas?

E: Ah, uhum.

P: Oral?

E: Sim, sim.

P: O que você diria que a virgindade significava pra você? Tinha algum?

E: Um significado psicológico você diz?

P: Qualquer significado, o que fizer sentido pra você.

E: Ah num sei, tenta perguntar de outro jeito pra ver se alguma outra parte do cérebro entende.

P: Ta, vou para outras daí chegamos nessa. Como você se sentia por ser virgem?

E: Ah num me sentia mal, nunca tive pressa. Eu tinha uma amiga, que ela sempre fala tipo: ah eu sou virgem e três das minhas melhores amigas não são. Eu nunca tive esse desespero, sei lá, minhas amigas sempre ficaram com muitos caras, mas eu nunca me senti atrasada por ter ficado só com três caras minha vida inteira sabe? Eu num tava nem aí. Nunca fui influenciada, nunca achei que era menos do que alguém que não fosse virgem. Só que não sei, eu via que ele tinha algum problema com isso, ele também era virgem sei lá, ele sempre falava, “Meus pais perderam a virgindade com 17, eu te entendo, não vou te apressar.” Eu me sentia mal por estar atrasando ele sabe? Eu num conseguia fazer sabe? Era uma coisa muito estranha, eu sentia dor eu ficava angustiada e aí.

P: Vocês tentaram várias vezes antes de acontecer.

E: Umas três assim e era ruim porque num ia sabe, doía e eu achei que tipo, não entrava sabe. E cada vez eu ia ficando mais mal porque eu achava que eu tava sendo um peso na vida dele. Então tipo...

P: Você se sentia culpada?

E: É ele, falava: eu não to te apressando, não precisa fazer nada. Só que era uma coisa que ele meio que podia falar, mas depois de um tempo não parecia que ele tava sentindo sabe? Tipo, ele sempre falou isso, mas foi tipo: um ano e meio sabe? E ele falou isso varias vezes. Só que depois de um tempo eu parei de acreditar sabe? Não que ele tivesse sempre mentindo, mas pra mim ele mudou de opinião lá pro primeiro ano. Tipo: Vou ficar um ano com uma menina que nem consegue fazer nada. Mas aí a gente nem tinha tentado ainda nesse primeiro ano.

P: Até um ano vocês não tinham tentado nada?

E: Foi tipo questão de duas semanas antes até acontecer que a gente tinha tentado. Mas aí num sei, me sentia meio culpada.

P: Porque você acha que namorando a um ano, você não tinha vontade de tentar? Como você se sentia quando você pensava em tentar? Por exemplo ele falava: Eu não to te apressando e tal, você devia considerar, como será que é, se eu tentar como vai ser?

E: Ah num sei... acho que era medo de doer e num sei... é... num sei, acho que era mais pensando na dor física, e eu não vou me sentir bem em cima dele, tipo fisicamente em cima dele, sei lá na outra posição parecia que era muito num sei... não questão submissão, era uma coisa que você olha nossa tipo vai doer muito, eu só não deixava isso acontecer.

P: Você não queria ficar em cima porque não se sentia bem, mas você não queria que ele ficasse em cima porque achava que ia doer muito?

E: É. Era isso. Aí num sei, acabava que eu sempre enrolava e a gente ficava nas preliminares.

P: Você acha que podia ter algo além do medo da dor?

E: Eu acho que tinha. Tipo já tentei falar disso com a minha psicóloga, sei lá ela acha que pode ser alguma coisa a ver com meu pai, porque minha relação com ele é meio ruim e aí, ela acha que tem algo a ver com meninos em geral, por causa dessa ligação, mas ela nunca afirmou com certeza que ela acha que é isso.

P: Ligação você diz: como se associasse essa relação com os meninos com a do seu pai?

E: É isso.

P: Entendi. E você acha que ela tá chegando em algum ponto?

E: Talvez... num sei... tipo muitas coisas se aplicam sabe? Eu num sei é que eu tenho muito medo dessas coisas de estupro de violência ao sexo feminino, opressão... tipo eu tenho muito medo de meninos em geral por medo do que eles podem ser, e aí minha psicóloga acha que isso tem a ver com meu pai e isso se aplica com ele (Tiago) porque sei lá, é praticamente minha fragilidade maior, tipo sei lá... eu vejo o sexo como uma fragilidade, da primeira vez.

P: Como assim?

E: Tipo perder a virgindade é uma coisa meio frágil eu acho.

P: Como assim perder a virgindade é uma coisa frágil? Você se sentia frágil é isso?

E: Também, tipo sim.

P: Ou a virgindade é uma coisa frágil?

E: Não, você se sente frágil aí num sei, tem que ser uma coisa mais tipo aturável, mais histórica, alguma coisa assim.

P: Como assim aturável?

E: O primeiro sexo é mais difícil de acontecer, porque sei lá, tem dor e num sei é uma fragilidade, você se abrir pela primeira vez. E aí num sei, sei lá acho que pode ser isso.

P: Você acha que é vulnerável no sentido físico, no sentido emocional, nos dois?

E: Físico, é. No emocional também, não pelo jeito que vou me sentir, mas toda a atmosfera sabe? A mudança da relação a minha mudança com meu corpo.

P: Você acha que aconteceu alguma mudança depois da sua primeira vez?

E: Ah na relação com ele e com outros meninos sim. Com ele melhorou a relação porque sumiu aquele negócio de "eu tenho que fazer ele esperar". E Com outros também... porque... ah num sei.

P: O que mudou com outros meninos?

E: É que tipo sei lá, mudou muito minha relação com meu pai, porque agora não consigo fazer nada, tipo sentar no colo dele é uma coisa estranha. Do mesmo jeito que eu num sento no colo de um amigo ou qualquer coisa assim.

P: E antes você não via problema?

E: Não é que eu não via problema, mas é que antes eu me sentia incomodada porque eu não achava legal, mas agora meio que abriu meus olhos que tudo tem a ver com relação sexual. Tipo pode ser meio.... num é malévolo a palavra, malicioso, pode ser malicioso. Agora vejo tudo como pode ter alguma coisa por trás, não só por causa do sexo, talvez isso possa ser algum dos motivos pelo qual eu tinha problema de fazer sexo sei lá, como se tudo tivesse envolvido com essa atmosfera.

P: Tá eu acho que entendi, você passou a ver as relações de uma maneira diferente porque você enxergava que a sexualidade permeava a relação com as pessoas é isso?

E: É.

P: Ok, fiquei um pouco perdida, vamos continuar então, deixa eu me organizar novamente. Muitas coisas ao mesmo tempo.

E: (risos)

P: Você ficava com o Tiago aí tinha essa coisa das preliminares e aí teve esse ano de namoro com ele e você com medo de fazer sexo por conta da dor e algum outro motivo que você não sabe qual é.

E: É... bom por isso que eu tava falando da vulnerabilidade, também pela vulnerabilidade.... fazer sexo é ficar vulnerável a ele.

P: Fisicamente?

E: É

P: E você falou que você sempre teve medo dessa questão do estupro e tal, e disse que tinha medo do que eles poderiam ser. Você sentia necessidade de conhecer eles muito bem pra poder confiar, como ficar mais íntima e saber que ele é uma pessoa que não vai tirar vantagem de você?

E: Na verdade não tenho como saber isso. Até meus amigos mais antigos não tenho como saber na verdade.

P: Como assim não tenho como saber?

E: Tipo o que a pessoa é por trás assim, tipo o que ela não apresenta pra mim. É como uma desconfiança geral.

P: E na sua relação com o Tiago você...

E: Não, nunca desconfiei dele, nem me senti insegura, mas tudo na minha cabeça andava junto... tipo... ele não entra nesse plano, mas... num sei, tipo, faz muita diferença.

P: Você não acha que ele é uma pessoa que possa tá escondendo algo de você, mas esses medos que você sente te atrapalhavam?

E: Uhum.

P: Mas você tinha vontade de fazer sexo nesse um ano? Porque vocês se pegavam e faziam preliminares, você sentia vontade?

E: Sentia, não era uma coisa que as pessoas falam nossa, morria de vontade, ,mas sentia.

P: Ok, bom a gente deu essa volta, porque a gente não conseguiu chegar na pergunta do que a virgindade significa pra você, acho que você começou a responder, você falou "ah, tem essa coisa da fragilidade." Você acha que agora você consegue elaborar melhor?

E: Acho que no fundo acabei falando... é meio que uma fragilidade do meu corpo... sei lá... eu não diria que quando eu faço sexo, meu corpo não pertence só a mim, mas eu tenho menos controle, quando ele tá perto... quando ele tá dentro de mim... aí num sei tipo... sei lá é uma coisa meio, num é uma invasão de privacidade porque eu deixo ele entrar, mas é difícil porque é meio que você dividir o corpo, não possessividade, sabe...

P: Continua.

E: Realmente não é: meu corpo é meu e por isso você não vai entrar. Quer dizer o corpo é meu mesmo e se eu não quiser você não vai entrar... não é isso que tô falando, é a coisa mais íntima que eu tenho e você tá dividindo com outra pessoa aí tem toda a questão da vulnerabilidade... acho que isso é mais ou menos o significado... não sei, eu não diria que é uma coisa assim... não consigo materializar a virgindade assim... mas acho que é isso... bom sem falar que tem o hímen lá que quase nunca se rompe porque dói pra cacete, mas fora isso essa materialidade acho que não tem.

P: Doeu muito pra você?

E: Sim.

P: Mas hoje em dia?

E: É melhorou.

P: E como é que foi então, me conta como foi sua primeira vez.

E: É... ah num sei, a gente tava junto na casa dele assim e aí eu não sei, tinha esse negócio de eu não ficar em cima nem em baixo e aí a gente tentou fazer em pé e deu certo e aí não doeu tanto, porque não tinha a pressão do corpo dele em cima de mim, aí num sei acabou não doendo como eu achei que ia doer. Na verdade a primeira vez não doeu e nas outras vezes doeu muito...e eu não sei explicar porque. Num sei.... porque isso não faz sentido.

P: Como assim não faz sentido?

E: A primeira vez não ter doído e as outras terem. Tipo não sei, pra mim a primeira vez deveria ter doído mais, mas talvez eu tivesse mais confortável com a situação sei lá... tipo acho que foram umas 6 vezes assim que doeu mas foi diminuindo a dor né?

P: Foi uma coisa planejada? Você falou que umas duas semanas antes de, de fato acontecer vocês tentaram algumas vezes e você não conseguiu. Você tomou alguma decisão tipo: agora vou tentar?

E: Não, ainda tava... ainda... era uma decisão desde o começo, só que não dava. E foi num dia aleatório, tipo a gente ia no cinema só que a gente perdeu o filme, tava lotado aí a gente voltou pra casa dele e aí aconteceu, sei lá, foi mais descontraído assim e sei lá a posição ajudou aí doeu menos.

P: Aí aconteceu a primeira vez?

E: Uhum.

P: Mas vocês já estavam tentando.

E: É.

P: Então você já estava com a intenção?

E: Sim.

P: Então durante, você falou que não doeu tanto, mas nas próximas 5 ou 6 vezes doeu bastante, e como você se sentiu durante e depois?

E: Na primeira vez me senti bem, porque tinha sido bom e vi que ele tinha achado bom e num sei... tinha toda essa história de eu achar que ele tava de saco cheio de esperar... foi meio que um alívio ter dado certo depois de umas tentativas falhas... aí foi isso, as únicas vezes que eu não me senti tão bem foram as vezes que doeu, mas foi só a dor física e não emocional.

P: E você falava pra ele que doía?

E: Uhum.

P: E aí como que era?

E: Ah...eu num sei, é que ele ficava meio preocupado de estar me machucando aí era meio ruim... mas a gente continuava, porque eu sabia que não ia parar de doer do nada... mas aí a gente continuava e sei lá... por um tempo daí foi bom.

P: E você tinha alguma expectativa em relação a primeira vez?

E: Não... quando eu era menor achar que era fofinho. Aí depois comecei a achar que ia doer e aí doeu (risos).

P: como era antes de perder a virgindade sua relação com a sexualidade? Por exemplo masturbação...

E: Ah... eu comecei a me masturbar depois que eu terminei com o Mateus, um mês depois mais ou menos e aí... num sei, como eu comecei a namorar com o Tiago pouco tempo depois, não era uma coisa que fazia sempre... aí como ele era da escola a gente sempre ficava junto, como ele morava perto da escola e eu também a gente sempre ficava as tardes juntos aí eu não sentia essa necessidade, mas quando a gente não se via por uma semana ou semana de prova essas coisas aí eu fazia.

P: Entendi, e era algo com algum recurso ou era só imaginação e mão?

E: Nunca usei nada.

P: Vibrador, filme?

E: Não.

P: E a mão tinha penetração?

E: Sim.

P: E como você se sentia em relação a masturbação?

E: Ah num sei.... Tipo eu acho que é mais uma libertação assim. Porque desde sempre falam né que mulher não se masturba, e tipo sei lá pra mim num é isso e aí eu num sei.. no começo... as vezes eu chegava a falar, tem varias pessoas que acham isso nojento, mas eu não achava e é uma libertação você afirmar que seu corpo não é nojento. E pra mim não deveria ser um tabu porque também tem a masturbação masculina e aí... mais ou menos isso.

P: Entendi, você sentia natural?

E: Sim, tipo nunca foi uma coisa legal "nossa meu deus estou masturbando", mas foi.

P: E o sexo significava algo diferente do que significa hoje? E o que significa hoje?

E: Ah faz pouco tempo... uns 8 meses? Então não teve muito tempo pra mudar... aí sei lá só tive com ele assim, então não tenho muitas opiniões formadas... mas acho que não mudou muito, tipo eu ainda acho que é uma coisa que dói.

P: Ainda dói pra você?

E: Não.

P: Não entendi então.

E: Tipo, como eu acho isso a muito tempo e isso aconteceu a pouco tempo minha opinião não mudou ainda entendeu? Ainda acho o que achava alguns meses atrás.

P: A virgindade, você está dizendo ou sexo em geral?

E: Em geral. É... eu acho que não mudou muito assim, acho que é tipo uma junção dos dois, um encontro dos dois... ainda mais que eu gosto muito dele, então pra mim é uma coisa muito emocional também, mas não mudou não o que eu achava desde a primeira vez.

P: E sua relação com seu corpo mudou?

E: Ah mudou. Eu tinha bastante vergonha do meu corpo, de ficar sem roupa na frente dele e agora não tenho mais vergonha.

P: Você tá mais segura?

E: Na frente dele né? (risos) tipo eu não gosto de ficar de biquíni na frente dos meus amigos, mas na dele tudo bem. Eu ainda não gosto do meu corpo... mas não com ele.

P: Que, que você acha que são as características de uma boa relação sexual? O que é importante?

E: Relação sexual ou em geral?

P: Pode ser dos dois.

E: Calma repete a pergunta

P: Que você acha que são as características de uma boa relação sexual? Da afetiva também.

E: Ah num sei... eu acho que varia, tipo. Eu só tenho na minha mente como é sexo com meu namorado, então uma característica pra ser bom é um laço afetivo, uma disponibilidade, uma vontade, um carinho, mas é porque eu tenho uma relação com ele, não acho que isso deva se aplicar ao sexo com alguém que você pegou na balada sabe? Não acho que você vai ter o carinho afetivo que você tem por uma pessoa que você se relaciona, mas nesse caso não vai fazer o sexo ser ruim só por não ter um carinho pela pessoa. Então no meu caso teria essas características, só que no geral não sei te responder, afinal não tenho essa experiência com pessoas desconhecidas...

P: Mas você respondeu, de certa maneira você respondeu. Ok, o que você acha que é atraente em um homem?

E: Ai eu já pensei nisso, porque todo mundo fala que tenho um gosto estranho, então acho que é interior.

P: Você diz aparência?

E: É, então acho que é mais minha relação com a pessoa. Posso usar o exemplo que acho que os meninos, mais novos que você e mais velhos que eu da faculdade são bonitos, porque sei lá tem estilos e estilos e tipo sei lá, gosto muito de gente de cabelo comprido com rabinho e tipo acho bem bonito e não acho que seja total, tipo, meu namorado não tem cabelo comprido e ele não é bonito pelos padrões da sociedade e acho que é pela amizade sabe, que eu continuo amando ele sabe? E não porque ele é loiro de olho azul, até porque ele não é loiro de olho azul (risos).

P: Que características do que ele é te atraem?

E: Ah num sei respeito... é...confiança, companheirismo, carinho, tipo são num sei, mais ou menos isso, mas isso é mais pra uma pessoa que eu teria uma relação, tanto que os meninos da faculdade que eu falei, eu acho eles bonitos pelo estilo.

P: Pelo externo?

E: É.

P: E o que você acha que você tem de atraente pros homens?

E: Num sei, eu sempre pergunto o que ele vê em mim... tipo ele fala que gosta tanto de dentro quanto de fora, mas num sei.... as vezes acho que é mentira que é tipo, só pra bajular assim. Então num sei

P: Como assim você acha mentira?

E: Tipo uma visão de apaixonado sabe? Eu também acho meu namorado muito bonito, mas porque eu gosto dele sabe? Talvez ele possa achar a mesma coisa pra mim sabe? E não porque eu sou loira de olho azul, peitão e bunda assim.

P: Entendi, mas por exemplo, quando você tá sozinha, é que você não teve muito isso, de ficar xavencando alguém, porque sempre tem um atributo nosso que você ache que é seu ponto forte?

E: É que tipo eu não falaria que meu cabelo é meu ponto forte né? Porque ia ser meio bad né? Mas só que sei lá do externo acho meu cabelo, por que sei lá por eu ter cabelo diferente, posso chamar mais atenção do que o resto, mas não porque "oh meu deus sou diferente", mas que pode chegar a ser... mas interno eu não sei.

P: Ok e... em relação a expectativa, você tem alguma em relação aos homens? Tanto sexualmente quanto em relacionamentos? Você pode falar do Tiago mesmo.

E: Em que sentido?

P: Ah qualquer sentido, em relação a sexo ou relacionamento: espero que o cara seja assim, faça tal coisa...

E: Na verdade não sei, sou mais aberta a possibilidade, eu não tenho um estilo pre determinado que eu goste... eu acho que ele só tem que... sei lá... primeira coisa ter respeito... não esse respeito da sociedade burguesa, mas respeito ao corpo, respeito aos direitos, sabe ser uma pessoa respeitosa? Deu pra entender mais ou menos?

P: Uhum.

E: Aí sabe num sei, teria que ser uma pessoa que dê pra conversar e manter um relacionamento, porque também não adianta ser uma pessoa super bonita que você não consegue conversar, é mais ou menos isso.

P: você acha que os homens esperam algo de você enquanto mulher?

E: Acho que vai de homem a homem, vai de convivência a convivência, acho que varia muito não tenho como achar um homem... É porque tem esse negocio de eu não saber o que a pessoa pode ser ou pode virar, não tem como saber, o que ele pode esperar de mim... porque eu não espero nada dele, o que eu esperaria de um homem ele já me apresenta, aí num sei o que ele pode virar... porque eu acho que as pessoas mudam muito e eu não tenho como acompanhar as mudanças sabe, então desisti de quebrar a cabeça com isso.

P: E como você se descreveria como mulher?

E: Acho que sou uma mulher batalhadora, não no sentido de... é trabalhadora, não sei, eu luto muito pelo direito feminino... não só feminino mas das minorias em geral, mas como mulher eu sou uma pessoa que defendo corpo, defende a naturalização, defende os direitos, mais ou menos isso.

P: e se você pudesse ser o seu ideal feminino como você seria?

E: Acho que eu seria uma pessoa que não ia se importar com a opinião dos outros em relação a tudo, não só externo como interno, seria uma pessoa confiante assim... digamos assim... tipo porque por exemplo eu defendo que... o corpo não tem que ser nos moldes da sociedade eu não preciso ser magrinha e ter os olhos azuis, só que eu não consigo fugir disso, mas eu continuo indo pra academia, tudo bem que nunca usei uma lente... mas continuo tentando pegar uma cor no sol... mas gostaria de ser uma pessoa assim que não é atingida.

P: Aplicando uma ideologia?

E: É.

P: Bom... acho que a gente terminou... qualquer coisa se a gente precisar se encontrar de novo te ligo ou mando uma mensagem, brigado por dividir sua história comigo, espero fazer um bom uso dela.

E: (risos)

ANEXO IV

Entrevista Vanessa

P: pesquisadora

E: entrevistada

P: Vou deixar aqui pertinho para eu não ter problema de te escutar, vamo lá. Quantos anos você tem?

E: 22

P: E sua profissão?

E: Acabei de me formar, to entrando em mestrado.

P: E você se formou agora?

E: 2013.

P: você mora com quem?

E: Meus pais.

P: Tem irmãos?

E: 2 irmãos mais velhos.

P: E eles moram com você?

E: Um não mora ...o de 30, e o outro tem 24 e mora comigo.

P: E me fala um pouco da sua rotina como é que é?

E: Ah eu gosto muito de estudos então faço programas voltados a leitura, gosto muito de café, já fui mais apegada a bebida de sair mais, hoje em dia sou mais tranqüila, tanto que comecei a namorar e isso acalma um pouco, porque sempre fui solteira, e isso fez com que eu tivesse outra rotina de vida. Hoje em dia sou mais tranqüila, fico muito com meus pais, sou muito apegada aos meus pais, minha mãe principalmente... vou ao cinema e no barzinho, mas não gosto de balada.

P: Nunca gostou?

E: Quando era mais nova gostava, mas esses lugares de ficar sentada escutar banda eu gosto, gosto de bar com banda, agora balada assim não.

P: Dor nas pernas né?

E: Ta louco. (risos) eu vou em casamento de salto e fico morta

P: Já leva havaiana?

E: Sim havaiana sempre juntos, mas assim não tem nada de excepcional que eu faça.... gosto de ler estudar ir no cinema, sair pra comer, essas coisas.

P: Me fala um pouco de você, sua personalidade.

E: Sou Escorpião com ascendente em escorpião.

P: E o que isso quer dizer?

E: Eu sou muito geniosa, extremamente ciumenta, e muita personalidade, sou muito mandona, as coisas tem que ser do meu jeito e se não for do meu jeito entro em conflito. Normalmente quando a gente conhece uma pessoa nova, eu pelo menos eu, sou muito sociável, mas com o passar do tempo e vai ficando mais intimo começo a ficar mais mandona (risos). No relacionamento eu sou super mandona.

P: Você vai se revelando?

E: Ah vô, começo super tranquilo, depois... meu namorado falou: quando te conheci você era super tranquila descolada tipo liberal e eu falei "olha só, sou super ciumenta e mandona."

P: Você é ciumenta só com relacionamento amoroso?

E: Não, sou com as coisas também. Nossa eu tranquei uma amiga minha, quando tinha uns dez anos de idade num hotel, ah.. criança né, por causa de amizade, assim louca né? Hoje em dia eu já superei isso com amigos e eu sou mais com o namorado.

P: Você não trancaria mais? (risos)

E: Não, não tranco mais (risos). Eu não trancaria mais, mas eu sei que tenho personalidade forte e é ruim ser contrariada nessas horas.

P: O que você acha que são assim suas qualidades seus defeitos?

E: Ah meu defeito é propriamente isso, mas a minha qualidade é que eu consigo escutar as pessoas, eu posso não concordar, mas eu sempre fui muito assim eu sou sociável com qualquer tipo de pessoa e consigo me dar bem com todo mundo, consigo auxiliar as pessoas sem necessariamente julgá-las, eu posso não concordar, mas eu tenho muita facilidade de lidar com as pessoas. Sou uma pessoa extremamente sensível que também pode ser uma qualidade, exagero é um defeito.

P: Chora muito?

E: Eu guardo. É eu não consigo demonstrar minhas fraquezas, mas sou uma pessoa extremamente sensível. Isso é um dos fatores que tardou eu perder a virgindade, porque você sonha né? E eu sempre fui muito sonhadora, idealizadora com homens em qualquer tipo de situação e de certo modo sempre achei isso uma qualidade, tem gente que fala que é um defeito isso, num certo nível assim, mas tendo pé no chão... mas sensibilidade sempre me ajudou a fazer as coisas, a ajudar as pessoas, eu consigo ser sensível, mas ao mesmo tempo consigo ser fechada em determinados momentos...

P: Mas é complicado né? Socialmente não é muito aceito, eu sei porque também sou assim.

E: É então. Eu sou extremamente sensível, mas tenho dificuldade em demonstrar isso pros outros eu sou sensível, mas parece que tem aquela capa também né? De nada me abala, mas sempre abala né. Mas aí tem sempre que fortalecer.

P: E me fala assim como que foi a passagem a sua passagem da infância pra adolescência, em que momento que você percebeu que era adolescente?

E: Eu comecei a fazer as coisas muito cedo, tirando a parte da sexualidade. Eu comecei a usar drogas muito cedo a fumar muito cedo, isso com o que? 12-13 anos. Então isso foi praticamente a passagem que eu me toquei que não era mais tão infantil. Era infantil, mas na cabeça da pessoa na hora você não era infantil. A passagem que eu tive foi .. perder um pouco da ingenuidade porque eu sempre fui ingênua, perdi um pouco desse lado, o que eu sempre considero foi a passagem de usar essas coisas.

P: Que tipo de droga você usava?

E: Ah comecei com maconha. Maconha comecei a fumar muito cedo, hoje em dia só fumo maconha e tomo doce. Mas fumei muito cedo e já comecei fumando o vermelho.

P: Marlboro?

E: Marlboro vermelho, to com light hoje, to tentando melhorar. Fumar maconha direto muito cedo....essas coisas que me fizeram parar um pouquinho e ver, não sou tão mais criança, mas mesmo assim, acho que é só isso mesmo.

P: E como que foi que você começou a usar essas coisas?

E: Amigo mais velho. Meus irmãos são mais velhos e usavam né? Meu irmão sempre fumou cigarro e você acostuma com a fumaça né?

P: Seu irmão é oito anos mais velho né?

E: O oito anos mais velho não fuma. O que era mais próximo de mim, o que tem 24 hoje.

P: 2 anos?

E: É 2 anos.

P: Então seus amigos mais velhos eram dois, ou três anos mais velhos?

E: Eu fui em colégio com muito repetente. Eu fiz um outro colégio antes. Eu fui excluída nesse colégio porque eu fazia essas coisas. As pessoas... lembro até hoje que eu fui numa festa, bebi muito fiquei muito louca e vomitei...normal. Eu fui excluída e saí do colégio. Isso me incomodou porque eles não tinham, eles não faziam essas coisas, eu fazia já pela convivência que eu tive dos amigos mais velhos.

P: Do seu irmão?

E: Do meu irmão e tudo mais.

P: É que você falou que você começou a usar porque você estudava em colégio que tinha muito repetente.

E: Então repetente era no outro colégio. Foi quando eu comecei a fazer com mais frequência né, mas a no primeiro colégio foi o começo que eu fiz. Oh pra você vê lá, pelo menos as meninas da minha

época eram mais avançadas que os meninos então iam muito em balada, elas iam realmente em baladona, assim eu até ia e não gostava, mas aí começaram a fumar, mas era mal visto né?

P: Maconha ou cigarro?

E: Cigarro cigarro. Maconha eu fumava maconha, mas não pela escola...por amigos que eu tinha fora, porque o pessoal não gostava de fumar maconha quando eu tava lá, mas foi na outra escola mesmo que eu comecei a fumar. No primeiro colegial que aí eu comecei a usar mais.

P: E você fala com mais frequência? Mais ou menos com que frequência que era, você lembra?

E: Maconha?

P: É Maconha, bebida, cigarro.

E: Ah não bebida a gente usa de final de semana, mas maconha é todo dia.

P: Pra ficar muito louco ou só um pouquinho chapado?

E: Ah variava. Já cheguei a fumar 10 banzas num dia só, fumava assim bastante, mas teve dias em que fumava um só, aí se imagina né? Entrei na faculdade (risos). É hoje em dia não fumo mais. Eu parei de fumar no segundo ano de faculdade. Cigarro eu não consegui não. Beber hoje em dia... acho que eu aproveitei tudo que tive de adolescência e hoje que eu ainda sou super jovem e devo aproveitar não tenho vontade mais.

P: Você já se considera adulta?

E: Na minha cabeça sim, como eu ajo com as coisas eu me acho mais adulta... não que eu me ache super adulta né, mas minha mentalidade pra algumas coisas eu me acho adulta.

P: Entendi e me fala um pouquinho assim como foi sua primeira menstruação.

E: Devastadora, eu tive com 9...

P: 9 anos?

E: É e foi nesse mesmo final de semana que eu tranquei minha amiga no quarto. Foi a primeira TPM que eu tive (risos). Eu sempre fui muito ingênua de verdade nesse aspecto, se conhecer meu corpo e a parte da sexualidade. Sempre fui muito adiantadinha em outros aspectos, mas sempre me fechei muito. Minha família é bem conservadora, então a gente não tem um diálogo direto em casa, então esse meu assim eu não sabia... então quando eu menstruei eu nem sabia o que era aquilo e também com nove anos é muito nova né? Então eu fiquei muito assustada e minha mãe na hora que ela viu aquilo conversou comigo... mas meus pais não são fechados no sentido de "não quero conversar com você sobre sexo" não eles simplesmente são na deles entendeu? Na hora que eu precisar eu converso, mas...

P: Entendi, eles não te procuram?

E: Não me procuram.

P: Mas se você procurar?

E: Sim eles são super abertos, minha mãe né, meu pai é mais fechado, bem mais conservador, "não, fala com sua mãe sobre isso não comigo."

P: E você já tentou conversar com ele sobre essas coisas?

E: Não, não.... mas eu sei como ele reagiria entendeu? Eu conheço meu pai. É... é então foi com nove anos eu não sabia o que era aquilo, minha mãe me explicou, mas mesmo assim foi muito cedo. Tive que começar a usar sutiã muito cedo e eu não queria usar sutiã. (risos) Me incomodava aquele negócio.

P: É, não é confortável.

E: Nossa nada. Eu queria ficar sem sutiã e não podia.

P: Como foi esse negócio da mudança do seu corpo?

E: Foi muito cedo né? Eu com 12 anos já tinha aparência de mais velha assim de corpo mesmo, já tinha o formato, óbvio que não totalmente desenvolvido né? Mas já tinha peito, já tinha pelos pubianos, bastante já, tinha desenvolvido bem pra idade, os hormônios também mexem com você, você fica mais... engraçado porque desperta uma vontade sexual em você, mas você não sabe o que é aquilo... e eu nunca soube o que era aquilo.

P: E o que você...

E: Ah é o despertar né? A vontade de conhecer, mas eu me travava sempre, sempre senti muito bloqueio com isso né... tinha só mesmo curiosidade, mas eu não conseguia fazer as coisas e me condenava por isso.

P: Por exemplo quando você via alguma coisa que te deixava...

E: É! Mais assim excitada e eu me condenava "não não".

P: E que tipo de coisa?

E: Ah qualquer tipo de coisa que tivesse, sei lá na televisão, fazendo alguma coisa.

P: Novela?

E: É tipo novela, coisa boba.

P: E ficava aquela coisa de "ah eles vão transar"?

E: Eu não sabia o que era aquilo, mas já instigava alguma coisa, mas eu me condenava por aquilo.

P: La pelos nove, dez anos?

E: É.

P: E você se sentia.... porque por exemplo as outras meninas tinham uma aparência mais de menina que você e como você se sentia com esse corpo novo?

E: É que a gente não tem consciência na hora né? E aí depois a gente repara, mas eu sempre fui mais grandona que minhas amigas, elas eram realmente mais miudinhas do que eu, eu via uma certa diferença entre a gente, mas eu nunca parei pra raciocinar aquilo, pra mim era natural, e eu sabia que a menstruação tinha sido muito cedo eu já tava ciente disso, que minhas amigas não tinham.

P: Entendi, é sua mãe te explicou o que tava acontecendo, mas quando você viu o sangue?

E: É... fiquei "nossa o que é isso?". E eu já tinha ouvido falar de menstruação, mas não sabia que era isso, então na hora que eu vi aquele sangue eu fiquei... mas daí ela falou "nossa, você menstruou" eu falei "ahhh é aquilo que você fala?" e eu percebi que tava com uma puta TPM né? Tranquei a menina no quarto então você imagina né? (risos) Mas eu descobri o que era né.....então eu odiei, porque manchava tudo quando era pequena, magina eu tava na quarta série, eu manchava tudo e eu tinha que falar que era xixi e todo mundo achava que era xixi e não menstruação por causa da idade. Então tipo... não era uma coisa normal aquilo

P: Você ficava com vergonha?

E: Muita vergonha, minha mãe já me buscou várias vezes na escola.

P: Porque você menstruava?

E: Manchava tudo, roupa, cadeira.

P: E como é que foi... quando você começou a se interessar pela primeira vez por meninos assim, sua primeira paixonite?

E: Primeira paixonite? Ah eu tive (risos) pensa num instinto dominador do homem... minha mãe falava pra mim, é que eu não lembro muito bem né? Mas quando eu tinha sete anos eu já pegava o menino já era apaixonadinha por ele e já mandava nele. Pegava ele pelo pescoço (risos). Eu sempre, isso que é o mais interessante, eu sempre fui muito ligada a esse lado, mas eu era ingênua e não fazia nada. Sempre tive paixonite, minhas paixonites começaram cedo assim, mas... quer dizer esse menino tinha 7-8 anos de idade, mas a menina realmente vai mais cedo. Eu comecei cedo, mas não sabia o que era isso né? "ah eu quero namorar" não né? Mas eu tinha as paixonites...agora quando eu tinha 12-13 anos as paixonites foram ficando mais velhas, aí era apaixonada por amigos do meu irmão porque tem aquele negócio mais velho na época... mas a primeira vez que eu dei um beijo, eu tinha 12 anos e o menino tinha 17.

P: E como foi?

E: Ah num gostei, num sei o que era aquilo. Tava no cinema ok. Porque eu nunca, a gente era cheio das idéias, mas eu não fazia nada nada, então foi assustador o negócio.

P: Como assim não sabia como era?

E: Eu não sabia como era beijar, eu num...

P: Mas fisicamente? Porque você já tinha visto.

E: Eu já tinha, mas eu não sabia qual era a movimentação da boca.

P: Você não sentia que tinha o conhecimento pra fazer...

E: É pra fazer direito entendeu? Eu não sabia como fazer.... então sabe quando você fica parado e a pessoa faz tudo? (risos) ah foi a primeira vez também né? Aí eu demorei, uns dois anos pra ficar de novo.

P: Com outra pessoa?

E: É.... eu fui perder a virgindade com 21 anos entendeu?

P: E me conta como era sua relação com esse menino que você beijou primeiro, ele te chamou pra sair?

E: É ele era,...minha melhor amiga da época que tinha um irmão que era amigo do irmão. Era o melhor amigo do irmão da minha amiga, na época era... Orkut, MSN? Era algum negócio não sei se era ICQ... acho que deveria ser ICQ na época e aí me adicionou e tal e a gente marcou de ir no cinema, aí a gente deu um beijinho só que a gente nunca mais... acho que ele também viu que era muito mais velho que eu, que ele ia fazer 18 anos e eu tava com 12, nunca mais falei com ele depois disso.

P: Você não quis?

E: Não, não quis mais.

P: Você achou esquisito?

E: Achei esquisito... eu sou envergonhada pra essas coisas, fiquei super assim em público né?

P: Porque tava no cinema?

E: É.... eu fiquei... porque sempre tem aquele pensamento né? “Eu beijo mó mal não quero ficar com mais ninguém”... você acha né. (risos)

P: E aí você disse que demorou uns dois anos pra você...

E: Ficar com um outro rapaz aí foi. Nem lembro quem foi na verdade... foi em Atibaia acho, mas nunca namorei, foi só beijocas por aí (risos)

P: Como que era assim sua relação com os garotos em geral, você era mais, tímida?

E: Mais amiga deles. Sempre fui mais amiga de homens do que de mulher. Era uma estratégia minha assim, eu sempre fui mais amiga de homem aí eu ficava muito amiga do menino que eu gostava e isso podia dar certo ou não, e aí o cara te olha como uma puta amiga, mas eu sempre tive isso, muitos amigos e me interessava por alguns deles.

P: Entendi. E aí você dava algum sinal que tava interessada?

E: Aí eu bebia e ficava bocuda, aí era direta quando eu bebia né? Porque quando eu não bebia eu não conseguia, mas aí dava certo as vezes e as vezes não dava...

P: E o que você bebia normalmente?

E: Ah... você sabe, bebia pinga, vodka, cerveja.....

P: Drinkizinho?

E: É coisa assim.

P: E aí você se declarava e as vezes rolava ou não rolava?

E: As vezes não.

P: Mas era mais de sentir atração ou de ficar apaixonada atrás de um cara?

E: Apaixonada.

P: E isso aconteceu muitas vezes?

E: Porra (risos). Me apaixonei por meio mundo né? Acho que eu... todos os homens que eu conheci na minha vida eram homens da minha vida.

P: Entendi e você ficava idealizando?

E: Muito, sempre idealizei muito que até besteira falar, mas o príncipe encantadosabe?

P: E, esse é seu primeiro namorado né?

E: É.

P: E porque que você acha que você... tinha medo não queria?

E: Sempre fui muito insegura. Eu nunca fui uma pessoa.... aquela menina que tivesse o corpo ideal e isso sempre foi uma trava muito grande... e eu nunca me achei muito feminina sabe? Nunca fui uma pessoa muito feminina sempre me achei mais bruta, pra lidar com as coisas e pra ser amiga muito mais.... Naquela época me travava as coisas né? Eles gostavam daquelas menininhas né? Pelo menos os que eu gostava né? Então sempre foi uma trava muito grande, mas por dentro sempre fui uma meninha... eu apenas não...

P: Deixava transparecer.

E: É... mas eu sempre idealizava todo o sonho e num sei o que... mas por fora eu (barulho com a boca). Bom você é psicóloga né, não preciso falar as coisas.

P: E... o que te atraía em um garoto, num homem?

E: Fisicamente?

P: Tudo.

E: Então eu acho que os opostos se atraem, porque ao mesmo tempo... hoje em dia eu acho que nem tanto, mas antigamente eu era mais brava e gostava de menino mais tímido, mais na dele, nunca gostei de cara garanhão nem que se portava como, sabe aquele que (barulho com a boca).

P: “Pego todo mundo!”?

E: Nunca gostei, gostava sempre de cara mais quietinho. Tanto que meu namorado ele é mais quietinho, mais na dele e pra mim sempre interessou isso.

P: Pessoas mais tímidas, mais introspectivas?

E: É

P: Que, que se acha que te torna atraente?

E: Ah... Me tornava?

P: Que te torna e que te tornava né? Normalmente quando a gente vai atrás de alguém a gente tenta mostrar aquilo que a gente tem mais de legal e...

E: Ta, pra mim tá... eu consigo me dar bem com isso, saber conversar... mas num sei, fisicamente?

P: Tudo.

E: Apesar de eu num achar meu corpo bonito, nunca achei né. Meu rosto sempre achei, meu cabelo também...isso eu usava pelo menos nessa parte de conquista como estratégia.

P: E o papo?

E: E o papo né? Eu nunca fui tentar conquistar um homem por lado sexual sabe.

P: E o papo você diz é uma coisa de humor...?

E: É eu gosto de... um monte de coisa junto. Eu gosto de ler então eu tenho fácil acesso nisso. E eu gosto de humor, então uma pessoa que conta piada assim já me atrai uma pessoa engraçada me atrai no homem, uma pessoa engraçada, eu gosto de rir.

P: É muita gente.

E: Uma pessoa que faz você rir eu acho demais, eu sempre gostei dessa relação tanto com amigos quanto com homens, amizade é que uma amizade boa é uma que faz você rir e eu acho que ter isso com meu namorado é o melhor que tem.

P: E teve alguma dessas suas paixões que se destacou, “nossa esse foi importante por isso”..?

E: Teve na faculdade também.... quando entrei na faculdade, um menino de outro curso ainda.... ele era na dele ainda, nossa eu gostei bastante dele, a gente era amigo e tudo, mas depois com o tempo fui desistindo dele assim, ele ficou uma amiga minha aí já pensei “Num tem essa, minha amiga” aí... eles ficaram e nunca falei que gostava dele. Esse não....eu fui vendo que ele me via como amiga aí já fui mudando né? Aí ele ficou com uma amiga minha e falei “não vou me intrometer na situação né?”

P: E como que, me conta... eu não sei o nome do seu namorado.

E: Vinicius.

P: Me conta como que é a sua relação com ele então.

E: A gente se conheceu como, ele é amigo, entre amigos né? Amigo de amigo meu e você sabe quando você se da bem de primeira assim e “nossa essa pessoa é muito legal”? Ele era na dele, era engraçado inteligente aí eu falei nossa... eu num vi nada além de um amigo. Não foi amor a primeira vista, não, com ele foi “Nossa foi legal quero muito ver ele de novo”, porque não me atraía fisicamente de primeira, foi uma coisa que... sempre teve um negocio que foi que o físico é o primeiro impacto que pega né? O físico dele não me impactou aí com o jeito dele ele foi me conquistando né, até que um dia no aniversário dele, eu disse que sou ciumenta né? Porque que to falando nisso, no aniversário dele a gente era amigos aí eu bebi e ele tava xavecando uma menina e eu fiquei puta da vida, mas ali acho que meu inconsciente ali falou alguma coisa “que que você tá brava?” e eu fiquei realmente brava, não brava de ciúme de amiga foi um ciúme do “porque ele tá ficando com ela?”.

P: E você não sabia?

E: Não sabia imagina? A gente era amigo, mas aí eu fiz mó cara pra ele e aí a gente ficou. De repente assim.

P: Ele viu que tinha algum interesse?

E: É... ele olhou “a menina tava puta bêbada” (risos). Não aí a gente ficou, mas a gente fez um acordo social porque a gente era amigo e prezou pela amizade, “desencana agora, vamos ser amigos” aí eu falei “tá bom”, porque eu não gostava dele, no sentido que eu não queria continuar com ele, mas daí meu inconsciente era assim quando eu ficava bêbada.

P: Você não se sentia apaixonada?

E: Não, não me sentia apaixonada por ele e eu falei tudo bem... so que teve um dia ou outro que eu comecei a pensar nele e eu comecei a pensar “nossa porque tá vindo ele na cabeça?” Aí começou a vir mais mais e mais, aí a gente começou a ficar de final de semana até o dia que a gente começou a ficar de dia de semana e aí a gente começou a namorar, mas a relação sexual surgiu depois de uns 3 meses.

P: E você disse que... voltando só um pouco, você disse que a principio ele não te atraiu fisicamente né? Porque quando você bebeu você teve essa coisa de ciúme, teve uma liga assim de atração sexual?

E: É porque o estado que eu fiquei com ele, foi meio assim sabe? Nem lembrava o que aconteceu, eu num bebia fazia muito tempo aí eu fiquei “mas como assim? num lembro o que aconteceu”, mas eu acordei com ele, porque eu dormi na casa dele e me senti a vontade, não teve aquela coisa constrangedora tipo: quem é essa pessoa? Ou vergonha, não... agi naturalmente, foi natural, mas aí o físico começou a me atrair com o tempo. Eu falei “nossa, mas como ele é bonito” e a pessoa vai ficando bonita cada vez mais né?

P: E quando você tava ficando com ele?

E: É, até que eu falei “Nossa esse menino é demais.”

P: E antes dele que você teve o início da sua vida sexual, era só beijo ou você tinha passada de mão...?

E: Não, assim... já passaram a mão no meu peito e na minha bunda, mas nunca fora de roupa, nada nenhuma... primeiro pinto que eu vi foi o dele (risos).

P: E você com você mesma, masturbação, sua relação com sua própria sexualidade?

E: Lembra que eu falei pra você que eu era pequena e eu me condenava? Então eu tinha... um... que eu fazia... (risos) eu tenho vergonha de falar essas coisas...

P: Tudo bem, aqui é um ambiente seguro..

V: Vamos resumir aqui, é que somos em três né (se refere ao gravador) (risos)....

P: É (risos) mas só eu e você sabemos que você é você.

E: Ta, quando eu era menor eu não sabia o que era, eu sabia que me dava prazer e me condenava por isso, mas eu fazia umas coisinhas.

P: Pode falar sem julgamento. Pensa que eu já ouvi outras histórias, está tudo bem..

E: É muito comum isso né? Mulher não gosta, homem pode falar dessas coisas, mas mulher, cultura machista dessa sociedade, mas assim, mas... travesseiro por exemplo, você faz alguma coisa ali e sente prazer mas não sabe o que era.

P: Se esfregar e sentir algo?

E: É! Isso eu já tinha feito antes, mas com a mão nunca. Eu não sabia o que era a masturbação até conhecer meu namorado. Quando eu falei que era ingênua, eu sou totalmente ingênua nesse sentido, eu nunca descobri... eu nunca, minhas amigas conversavam naturalmente sobre isso e eu ia embora, eu saía.

P: Porque?

E: Eu não queria falar sobre isso, não gostava, eu tinha vergonha de falar, por que eu não sabia nada sobre isso, o que falar, então eu saía fora. Era uma vergonha muito forte que eu sentia disso.

P: Você se sentia inadequada?

E: Nossa!

P: Tipo de estarem falando e você não ter a informação?

E: Não no sentido de ser ultrapassada. Vergonha mesmo se me fizessem essa pergunta que você tá fazendo eu não respondia e ia embora.

P: Brigado por responder pra mim. (ambas riem)

E: Eu nunca falei pra ninguém além do meu namorado. Sempre, sempre tive muita vergonha, já me perguntaram isso, já me perguntaram se eu me conhecia e eu mudava de assunto.... os meninos que eu saía tentavam fazer alguma coisa comigo e eu cortava... ..então, quando eu fui perder a virgindade eu nem sabia onde era a vagina, eu achei... (risos) Eu achava, não vai rir de mim.... eu achava que era no buraco de fazer xixi, todo mundo ri....então quando ele foi fazer e eu achei que ele tava indo lá pra baixo, no meu rabo, então eu fiquei puta.

P: “O que é isso seu menino ousado?” (risos)

E: (risos) então eu não sabia praticamente nada do meu corpo e nada sobre sexualidade.

P: E você nunca teve vontade de pesquisar sozinha sobre isso na internet...?

E: Não. Eu tenho um bloqueio muito forte sobre isso até sozinha eu nunca, nunca pesquisei.

P: Eu sei que provavelmente, você não precisa saber responder, mas vou perguntar mesmo assim, você consegue ligar isso a algo?

E: O bloqueio, num sei se é muita... eu tenho muita vergonha, minha auto estima sempre foi muito abalada quando eu era jovem, eu nunca fui uma pessoa atraente quando era adolescente, nem muito menos hoje, mas tô falando da minha juventude, então isso fez com que eu tivesse um bloqueio muito forte sobre mim né? E tem muito sentido esse negócio de você ter confiança de si e querer se conhecer e eu nunca tive isso, então eu sempre ficava: Não quero saber sobre isso, então a única relação que eu consigo fazer com isso é de confiança mesmo, de auto-estima... se tiver outro significado não sei...

P: Mas faz sentido.

E: Então é um problema de auto-estima mesmo não sei... são mesmo uns aspectos muito fortes, porque apesar de ter auto estima baixa eu tive várias oportunidades de perder a virgindade, várias e o que entrou em cena foi essa parte idealizadora minha, porque eu já saía com carinho pra jantar e teve até uma vez que o cara rasgou minha calça inteira porque ele queria fazer e eu não queria.

P: Como assim?

E: Ele tava muito bêbado muito louco. E...

P: Calma como foi essa história?

E: Não ele tava... eu tava sempre....entra a ingenuidade junta né? Ele falou: “vamo lá em casa”, falei “vamo” e eu sempre topei essas coisas sem nem pensar no que ele tava pensando sobre isso. E aí o cara tava, começamos a se beijar e tal e de repente ele me jogou na cama e começou a tentar fazer por cima e eu não tava querendo, daí falei “saí saí saí” que eu tava...

P: Esfregando por cima?

E: É. Só que eu tava de calça jeans e minha perna tava muito aberta aí eu falei “para”, eu tava querendo que ele saísse. Tava meio forçado o negócio e eu não tava gostando, acho que ele achou que eu tava bêbada também e aí na hora que ele tava lá fez (som de rasgo com a boca)... eu fiquei muito brava, daí deu uma raiva minha que eu berrei: “SAI DAÍ” ainda bem que ele morava perto de casa porque eu peguei um taxi e voltei pra casa, mas isso não fez com que eu odiasse ou tivesse nenhum trauma nada disso não.

P: Mas mesmo depois disso, da primeira vez que um cara te convidou pra casa dele e você percebeu que ele queria sexo, você continuava pensando que eles não tinham essa intenção?

E: Você acredita que sim?! Aconteceu várias vezes isso já. Meu próprio namorado, o dia que eu fiquei com ele bêbada na festa ele falou: “vamo dormir em casa” e eu falei: “vamo!” ele tentou fazer daí ele viu que eu não queria e falou “ah eu vou dormir.”

P: Aí ele respeitou, foi beleza?

E: É foi beleza e tal daí ele foi dormir. Mas eu sempre fui assim, ao mesmo tempo que eu via malícia nas pessoas eu não via.

P: Entendi.

E: Então sempre tive muito esse lado.

P: E aí se chegava o momento que você tinha oportunidade transar....

E: Não num transava.

P: E aí você pensava: você fala “ah minha parte idealizadora entrava em cena” que que você pensava?

E: Que ele não era a pessoa. Eu sempre idealizei que com quem eu fosse fazer sexo eu iria namorar é... isso é coisa de família de educação em casa... querendo ou não se a gente pensar em alguma coisa, a moral é sempre ligada a religião, não sempre né, mas sempre tem algum aspecto moral na religião, ou vice versa, e minha família é espírita então ela vem de uma parte cristã e eu sou espírita até o fim. Prático, frequento no centro espírita e foi sim um dos grandes aspectos que fez eu travar. Porque tem essa coisa da moral assim... eles não condenam a atividade sexual, mas me fez com que eu idealizasse mais ainda uma pessoa especial pra mim

P: Entendi, você tinha uma expectativa, vamos dizer uma expectativa pra sua primeira vez, qual era?

E: Fosse com uma pessoa que eu realmente amava.

P: Você queria o amor e compromisso?

E: Eu queria o amor. Sempre fui uma pessoa muito romântica, então eu sempre quis essa parte do amor mesmo. E eu perdia virgindade com doce ainda (risos).

P: Com doce?

E: É nada romântico o negócio, mas a intenção é que fosse.

P: E como foi a primeira vez?

E: Então... tem todo aquele negócio, porque como eu tinha tomado doce, aí

P: Você tava ficando com seu namorado....

E: É a gente tomou um vinho e tudo, ah a gente tava ficando aí a gente começou a namorar e é engraçado que não teve nenhuma preliminar antes foi direto.

P: Só beijo e amasso pra.....?

E: Se vê engraçado né? Eu sempre preferi fazer sexo de penetração do que qualquer outra preliminar eu num sei porque. É um negócio que pra mim é... eu num sei, é super conservador pensar isso, mas ficava achando que era indecência sabe?

P: As preliminares?

E: É, eu num penso isso hoje né? Hoje em dia eu já faço, mas na época era um bloqueio tão forte que eu falei “ah não, prefiro penetração”. Antigamente achava que era indecência, mas hoje em dia vejo que ah nem é uma coisa indecente, só que na minha cabeça era entendeu?

P: Você teve que ir elaborando?

E: Tive que ir... mas já foi a penetração de tudo.

P: Então deixa vamos contar a história, então foi lá vocês estavam começando a namorar, deu três meses e vocês estavam tomando um vinho...

E: É e já tinha tomado doce, e foi a primeira coisa que eu fiz e você fica mais sensível no sentido de toque, aí a dor que eu senti foi mil vezes maior do que eu deveria sentir (risos). E eu fiquei muito nervosa na hora, muito nervosa, e eu sempre tive muito medo de perder a virgindade e de sentir dor também e eu fico nervosa né, eu fiquei extremamente nervosa porque não entrava não entrava, aí pa, entrou machucou e tal, mas eu ainda achava que ele tinha me arrombado, eu fiz ele me mostrar um filme pornô do cara entrando na mulher pra eu ver se era mesmo.

P: Pera aí, na hora que ele entrou, você achou que ele estava entrando no seu ânus?

E: É, desculpa to falando maior palavrão aqui.

P: Pode falar cu, pode falar do jeito que você quiser.

E: Depois você que vai transcrever.

P: É, mas pode falar cu.

E: Entrando no meu cu.

P: Mas aí você terminou a relação e você achando que estava no seu cu?

E: Enquanto ele estava tentando entrar eu já tava brigando com ele e falando “não é aí não é aí”, e ele falava “mas é, eu sei que é, eu já fiz isso antes.” E eu falei “não você não fez! Você tá querendo

me enganar!” e eu falando várias e ele ria porque ele tava louco então a gente começava a rir ao mesmo tempo aí ele falou “não para, você tem que confiar em mim que não sei o que”, aí depois de ele me mostrar, aí ele me mostrou o vídeo e falou “não olha aqui ó”.

P: Mostro depois que vocês fizeram?

E: Não, não, antes.

P: Ah tá você brigou com ele e parou e mostro o vídeo.

E: É eu quero ver o que ta acontecendo aqui, aí ele foi e mostrou ali que não tava entrando mesmo no meu rabo e eu falei então ta bom. Mas mesmo assim eu ficava assim na hora então não foi uma coisa super tranquila teve uma tensão também... mas foi tão rápido depois ali no foi foi, mas prazer prazer eu demorei muito porque eu sempre travo, até hoje eu não sinto, na penetração não... outra coisas sim

P: Mas você não sente nada de prazer na penetração?

E: Não, não sinto prazer, machuca. O prazer que eu sinto é só numa posição em que pega no meu clitóris, mas de resto eu prefiro que ele goze rápido porque me machuca.

P: Entendi.

E: Num é uma coisa confortável.

P: E aí você tem o prazer sexual nas preliminares? Tipo oral?

E: É oral masturbação, mas penetração até hoje é difícil.

P: E quando aconteceu a penetração?

E: como assim quando?

P: Data.

E: Data? Foi em outubro de 2012.

P: E vocês tão namorando desde quando?

E: Julho de 2012. Então agosto setembro outubro, dois três meses.

P: Entendi e até... e vocês fazem com uma certa frequência? E ainda dói?

E: É ainda dói, tipo ele não consegue entrar de boa.

P: Desculpa vou perguntar detalhes aqui, mas é muito grande o pênis dele?

E: Mais ou menos, eu não tenho noção de parâmetro também, mas o que eu já vi assim... ele deve ter uns 17-18. É ele tem 1 metro e 92 então isso talvez seja um fator, mas eu fico muito nervosa e seca, então minha perna fica dura.

P: Vocês tão la fazendo uma preliminar e tal e aí você ta ficando lubrificada e aí você sente que vai fazer sexo?

E: É quando ele vai entrar já secou e minha perna já endurece e começa a doer, porque também como eu fico nervosa dói né? Se eu ficasse relaxada... e aí ele tenta estimular de novo pra tentar outra coisa.

P: E aí vocês voltam a fazer outra coisa?

E: É ou até mesmo carinho né? Que também já vai estimulando né.

P: Então você conversa com ele sobre isso?

E: Sim, sim, tenho um relacionamento muito aberto com ele.

P: E aí como é isso?

E: Ele era uma pessoa que assim, ele não era virgem né, mas ele nunca foi uma pessoa que teve vários relacionamentos e vários, tipo não ele é muito quieto então, pra ele também umas coisas são novas, tipo eu sou a primeira namorada dele, então a gente nunca teve isso de trocar com ninguém, então a gente conversa e ele vem com idéias “não a gente pode tentar isso e aquilo” e ele entende, eu já expliquei pra ele varias vezes, porque pra mim eu tenho esse bloqueio e tudo que eu contei pra você ele sabe eu não escondo nada dele, meu relacionamento é aberto e como eu tenho esse bloqueio ele fala, não, vamo tentar dessa forma ele me ajuda e tal.

P: E o que eu ia te perguntar é, você consegue gozar com outras práticas?

E: Isso é um enigma, pra mim é um enigma. Então eu sinto aquela coisa de vai vai vai e ai aaaah. Sabe?

P: Um crescente e aí libera uma energia?

E: Isso, isso eu tenho, isso é orgasmo entendeu? Eu num sei (risos), mas eu acho que sim.

P: Tem muita mulher que tem dúvida se já gozou ou não, porque o masculino é muito óbvio, sai o esperma e pronto, o feminino é uma sensação né.

E: É então, eu já tive, com... uma vez ou duas vezes na penetração quando a posição favoreceu e algumas nas preliminares.

P: Ah então você sente prazer algumas vezes na penetração.

E: Na penetração sim, mas eu tenho que falar pra ele a posição, porque se não, não vai.

P: E é frustrante isso pra você?

E: Não. A única coisa que eu falo é que porque que essas mulheres em filme em novela, e minhas amigas falam que tem tanto prazer em penetração...e eu não consigo sentir, vem um questionamento sim, será que fiz errado? É que tem muita coisa de filme né... mas eu sempre tive esse questionamento, se é uma coisa minha ou se é normal, porque o prazer da mulher é o clitóris né? Então não sei se eu sinto né?

P: Entendi, então durante sua primeira vez você tinha tomado doce e sentiu dor, você sentiu mais alguma coisa assim? Sentimento?

E: Sentimento não lembro né? Eu tava feliz, eu tava com aquele medinho né? Eu tava mais solta do que eu taria se estivesse sóbria, eu tava solta né, tipo “vamo embora”.

P: Mas foi uma coisa que aconteceu, ou foi planejado e tal?

E: Não, não, foi no momento e eu aceitei

P: Entendi, e bom você disse que tinha expectativa de que fosse com alguém que você amasse dentro de um namoro e você diria que correspondeu?

E: Sim, ele é um homem que eu vejo futuro com ele, não me arrependo nem um pouco e eu faria todas as vezes com ele se tivesse que voltar no tempo... isso que sendo um pouco mais romântica se eu senti a dor... tipo se eu sonhei uma pessoa que veio entendeu? Eu realmente tudo que eu idealizei em uma pessoa, tudo veio nele. Então sabe é o homem da minha vida e eu vejo isso nele.

P: E antes quando você era virgem o que que você sentia por ser virgem?

E: Como eu tinha muita influencia do aspecto religioso e moral eu achava uma coisa boa, eu tinha muita pressão psicológica de amiga, muita pressão, eu tinha 14 anos... na móbile mesmo, ouvi menina falar “ah mas você não tem vergonha de falar que é virgem?” 14 anos gente, nunca tive e isso é uma coisa que eu nunca tive vergonha de falar que era, tem gente que tinha tanta vergonha que fazia tudo antes de falar. Aí entra a parte romântica de ta junto da pessoa e a moral meio que entrou junto nessa de um romântico junto de um, e o romântico entrava na moral né..

P: Em algum momento você ficava duvidando se a pessoa ia chegar?

E: Não, sempre tive certeza.

P: Então você não ficava se perguntando “ah quando será que vem, nunca vem?”

E: Não, eu sabia que vinha eu tinha essa coisa de certeza, esperei e veio.

P: E você disse pra mim que era uma coisa importante pra você...

E: É.

P: Desenvolve um pouquinho, como assim importante?

E: Ah porque eu to me dando pra uma pessoa, me expondo e eu posso me expor em todos os aspectos pros meus amigos e tudo mais, mas a sexualidade eu to me expondo por integral pra uma pessoa então pensa numa pessoa que pra mim eu confio, é uma coisa importante pra mim porque a partir do momento que envolve uma relação sexual envolve outro tipo de intimidade e eu vou ter a intimidade com meu namorado que não vou ter com ninguém e aí pra mim isso que era importante, eu falei: vou perder com uma pessoa que eu tenha isso.

P: Entendi, uma intimidade afetiva?

E: Afetiva, mas que eu possa falar dessas coisas sexuais e eu sabia que se eu perdesse com uma pessoa x eu não ia poder conversar e eu buscava isso, de poder conversar com a pessoa.

P: E aí você encontrou isso com o Vinicius?

E: Uhum

P: Grande Vinicius. Literalmente (risos)

E: (risos)

- Conversa paralela sobre ir la pra fora fumar cigarro. -

P: Ta e aí a gente tava falando que você achou essas coisas no Vinicius né? E eu queria perguntar assim, o sexo significava a mesma coisa pra você que significa hoje?

E: Sim, pra mim é um momento íntimo com uma pessoa e tem isso, eu não sei direito... mas pra mim o sentimento é que é importante quando eu to nesse momento com ele, talvez não tanto quanto era antes porque eu não sabia o que era isso, mas em alguns aspectos eu dou a importância que eu sempre dava antes.

P: E você acha que mudou algo em você desde a primeira vez? Sua relação com ele, com os homens ou com seu corpo, auto imagem?

E: É fica, mais.... a minha auto imagem melhorou muito quando comecei a namorar independente de tudo, eleva um pouco sua auto estima né, quando você tem alguém que te ama? Mas a sexualidade em si, fez com que eu conhecesse mais o meu corpo porque eu tava precisando disso, mas nada que me fizesse deixar de ser romântica, continuo igual.

P: Você começou a se masturbar depois?

E: Não, nunca mais desde que eu conheci ele.

P: Mas você não se masturbava antes.

E: Ah mas eu tive aquelas experiências né que eu não sabia o que era.

P: Mas era quando você era criança né?

E: Ah mas também tinha umas com 12 com 13 também tinha isso.

P: e aí você parou na adolescência?

E: Não eu fiz também, mas eu fiz menos.

P: Sempre com o travesseiro, nunca com a mão?

E: Não a mão não.

P: Contato você com você...?

E: Não nunca.

P: e aí depois que você começou a transar com o Vinicius

E: Eu nunca mais fiz, porque aí a gente faz junto, nunca mais fiz sozinha.

P: O que você acha que é, quais são as características de uma boa relação?

E: Ah ter amizade com a pessoa né? Tanto amizade quanto parte sexual acho que tudo se complementa, porque a amizade vira parte afetiva de você compartilhar as coisas com ela que é uma verdadeira amizade que você tem e vem a parte física e sexual que você tenha atração pela pessoa e vontade de ficar com ela.

P: E você acha que os homens e as mulheres desempenham funções diferentes?

E: Não, eu não sou machista de jeito nenhum.

P: (risos)

E: Eu posso ter o pensamento conservador, mas nunca fui machista, acredito em tudo igual, mas não, não tem que desempenhar papel diferente.

P: Você acha que os dois podem chegar os podem...

E: Sim completamente, isso não tem...

P: Mas você tem alguma preferência como pessoa?

E: Ah depende, se a pessoa for mais tímida sim. Depende, eu já cheguei em muito homem quando eu tava alterada. Eu num ligo pra isso, mas isso não é conservadorismo ou não, é timidez mesmo.

P: É medo de ser rejeitada?

E: Também, você tem medo e fica com medo de falarem não pra você, mas eu acho que não tem esse papel, tem timidez e extrovertido, se a mulher for mais tímida acontece, se o homem for também.

P: E... você tem alguma expectativa em relação ao Vinicius enquanto homem?

E: Em que sentido assim?

P: Sentido geral mesmo, de atitude de personalidade, algo que você espere dele?

E: Ah tenho... ah espere dele? Não pra mim acho que to satisfeita com tudo que acontece no relacionamento com ele assim, mas a gente sempre.... o ser humano é insatisfeito com tudo no geral, a gente é satisfeito agora no momento, mas a gente sempre espera mais no futuro em geral, então por exemplo, eu espero que se eu casar com ele que seja um bom pai que não deixe os meninos de lado, porque não vou ser dona de casa... porque eu não quero ser sabe? Minha mãe ficou em casa cuidando dos filhos e eu não quero isso sabe? Fiz facilidade.

P: Mas não esperam isso de você por você ser mulher?

E: Minha família não espera que eu fique em casa, mas por exemplo as funções de casa quem faz é a mulher, minha família tem essa coisa machista e eu não suporto isso, eu fico puta com isso, então eu sou uma mente confusa de entender, porque ao mesmo tempo que eu tenho esse lado, de conservador como pessoa, mas não é machista, acho que o homem tem que fazer tudo que a mulher faz dentro de casa.

P: E o Vinicius?

E: O Vinicius ele é mimado, mãe né? Pus o menino na linha! Vai lavar sua louça vai lavar suas coisas... hoje em dia ele faz isso, mas ele não fazia.

P: E ele espera alguma outra coisa de você enquanto mulher?

E: Não, isso já não sei se ele espera, esperar assim acho que não, porque a gente espera coisas básicas assim das pessoas.

P: E como você descreveria o tipo de mulher que você acha que você é?

E: (risos) Umas perguntas dessas.... num sei responder a sério... acho que você tem que ser forte pra agüentar algumas situações e lidar com elas e sensível também.... assim.. não sei não sei descrever.

P: E se você ser seu ideal feminino, como você seria?

E: Eu acho bonito isso, a mulher tem que ter seu lado forte, mas não acho ruim a sensibilidade, em todo mundo acho, a sensibilidade ela meche com o coração da pessoa diante dos problemas, dificuldades, com os outros, acho que esse é um fator que todo mundo deve ter e não só a mulher. E ser forte também...E é isso que eu prefiro... e eu me acho um pouco disso só que eu acho que eu

podia ser mil vezes mais. Acho que uma pessoa que seja forte e sensível e consiga alcançar os objetivos, fazendo o bem porque sou muito ligada a isso.

P: Suas preocupações tem esse caráter?

E: Sim. Então e eu quero sempre ir atrás disso usando os aspectos meus, eu sei que foi extremamente confusa nossa entrevista.

P: Não, eu entendi tudo.

ANEXO V

Entrevista Ana

P: pesquisadora

E: entrevistada

P: Bom, então vamos começar! Ana, quantos anos você tem?

E: 18.

P: E a sua profissão? Eu sei que você estuda, mas você trabalha em alguma coisa?

E: Não, nunca trabalhei e nem tenho vontade (risos)

P: Por enquanto? (risos)

E: Por enquanto, é! (risos)

P: E você mora com quem?

E: Com a minha mãe.

P: Você tem irmãos?

E: Não, sou filha única.

P: Ta. E me conta um pouco da sua rotina, o que você faz normalmente

E: Bem, agora que eu to aqui na faculdade, basicamente, eu venho pra cá, depois eu volto pra casa e estudo. Final de semana eu também gosto de estudar, não gosto de sair muito. Sei lá, eu saio de vez em quando assim, toda a quarta e sexta eu vou pra casa do namorado.

P: Entendi, então você namora. Como chama seu namorado?

E: Marcelo.

P: Vocês namoram faz tempo?

E: 1 ano e meio.

P: E ele tem a sua idade?

E: Não, ele tem 36.

P: Mais velho então. E você sai com amigos, esse tipo de coisa?

E: Saio, mas como agora todo mundo tá na faculdade tá meio complicado, mas a gente sai uma vez a cada 2 ou 3 meses, aniversário..

P: Seus amigos de colégio?

E: De colégio! É, tenho quatro amigos...até o nono ano eu era de um colégio, aí tenho 3 desse colégio e mais uma que são amigos mesmo. Aí eu saio com eles não com muita frequência mas a gente se comunica sempre.

P: Entendi. E me conta um pouco de você, o que você gosta, qualidades e defeitos, quem você é assim, sua personalidade...

E: Aaaaa sou bem alegre e espontânea, mas também sou tímida, mas hoje em dia consigo falar mais abertamente. Eu consigo falar bem com uma pessoa só, mas em público eu não gosto muito, eee eu falo bastante. Eu joguei basquete um ano. Eu gostava sempre...acho legal. Eu não gosto muito de fazer academia, essas coisas....acho mais legal fazer um esporte que tenha objetivo e tal. Tem muita gente na minha sala q queria fazer outro curso ou não sabia o que queria fazer e eu sempre quis o que estudo, mas eu fiz também técnico em outra área, porque eu tava em dúvida, mas mais por causa da família do que por eu mesma, mas é legal....mas eu percebi que o meu curso de agora é muito mais o que eu quero. Eu não sei se quero trabalhar com isso, mas eu quero ter uma faculdade, e tipo, se é pra estudar alguma coisa, que seja algo que eu gosto.

P: E você pensa em trabalhar com alguma outra coisa?

E: Caso eu não consiga um emprego que dê algum dinheiro eu vou prestar concurso.

P: E você disse que fez o curso técnico mais pela família...seus pais são dessa área?

E: Não, mas tem uma área da família. Tenho primos e tios que são, eles são. Eu tava em dúvida entre os dois, aí eu fiz o técnico pra ver se eu gostava...não que eu não gostei...achei bem legal, mas sei lá, não tenho tesão por aquilo...achei meio sem graça. O que eu faço é o que eu sempre quis mesmo.

P: Quando você descobriu isso?

E: Acho que mais pela metade do colegial...eu nunca pensei muito o que queria fazer, nunca me preocupei, só quando começou aquela época de vestibular, mas eu nunca tive dúvida. Aí teve a área que eu tive dúvida, mas aí eu fiz o técnico durante o colegial e resolvi que não queria.

P: Ok. Então você é uma pessoa mais tímida, mas se sente a vontade com uma pessoa só...

E:É, sou mais tímida mais com quem eu não conheço...com quem eu conheço sou mais tipo “uooooou” (faz um gesto expansivo), tipo não tenho pudor nem nada, sou bem alegre. Mas com quem eu não conheço eu sou mais cautelosa...eu já fui muito mais tímida, hoje em dia eu sou bem mais solta.

P: E como foi a passagem da sua infância pra adolescência? Quando você percebeu que já era adolescente?

E: Então, comigo acho que demorou mais do que com as outras pessoas...acho que eu fui bem criança por um bom tempo....acho que eu só fui falar que eu passei da infância para a adolescência no final do primeiro colegial...eu demorei mais, mas não acho ruim assim...é até bom que eu não atrepi nada sabe? Porque tem gente que já começa a fazer um monte de coisas e começa a não ter responsabilidade e eu acho isso ruim assim. Mas acho que foi lá pro final do primeiro colegial que eu achei realmente que eu era uma adolescente, antes eu não achava.

P: E você vê alguma coisa que aconteceu que tenha colaborado pra você entender isso? Algum processo que você tava vivendo?

E: Então, tem sempre a questão né, quando a gente é mais criança tipo “gosto daquele menino e tal”, mas eu nunca tinha tido nada tipo “aaa meu deus”, daí no primeiro colegial tipo, fiquei amiga de um menino, aí no final do primeiro ano eu criei coragem pra falar sabe, pra ficar com ele, e foi meu primeiro beijo, mas tipo eu odiei (risos).

P: Me conta então como que foi esse primeiro beijo que você odiou (risos)

E: (rindo) É que assim, ele ficou meu amigo no primeiro colegial quando eu mudei de escola, a gente ficou muito amigo porque eu falo que ele é tipo minha alma gêmea só que como se fosse homem, tipo se eu fosse homem acho que eu seria igual a ele...vai ver é por isso que não deu certo...mas, daí no final do primeiro colegial eu falei pra ele, aí a gente não se beijou na hora. Acho que nenhum dos dois sabia direito o que fazer...

P: Você se declarou?

E: É, tipo, eu me declarei, eu falei “aaa eu gosto de você”, sei lá, foi mais ou menos assim, aí a gente foi lá e se beijou, mas eu não gostei, não gostei da sensação...aí, a gente não tinha começado nada assim, mas aí no dia seguinte eu já ignorei ele...a gente ficou sem se falar por um bom tempo...isso que ele era meu melhor amigo (risos).

P: E porque você acha que sentiu vontade de ignorar ele?

E: Aaa, eu não sei, acho que por eu não gostar eu já joguei de lado, nuuum sei, é porque, até eu namorar com meu namorado agora, o Marcelo, eu nunca fui assim de ficar muito próxima assim em relação à relacionamento amoroso, por exemplo, eu namorei com ele depois, mas foi no terceiro colegial, com o Fernando, do primeiro beijo. Aí eu namorei 4 meses acordei um dia e resolvi que não queria mais, e eu não sei porque isso acontecia. Eu acho que talvez ele ainda era muito criança, muito infantil e eu não sabia sabe...

P: Não sabia o que?

E: Isso...sabe, eu acho que por ele ainda ser assim....acho que eu fui a primeira ou segunda namorada dele...mas assim, a gente ainda não tinha namorado eee a gente não sabia direito nada, e não sei, acho que não foi pra frente porque, ficou aquela mesma coisa. Aaaa não sei..a gente era muito criança....

P: Calma, não to entendendo direito. Você namorou com ele 4 meses, no terceiro colegial, aí de repente você acordou um dia e resolveu que não queria mas, mas eu não entendi, você pensou isso talvez porque ele ainda era muito criança, é isso?

E: É, acho que talvez a nossa relação não era muito forte, talvez ele não fosse o namorado que eu quisesse, e eu também não tava querendo namorar...e eu também sempre fui muito certinha, nunca tinha bebido, nunca tinha feito nada de mais, então acho que eu precisava de um tempo pra amadurecer como adolescente, coisa que eu não tive antes sabe...

P: Fora do relacionamento?

E: É, fora!

P:E eu achei interessante, você falou que o Fernando era sua alma gêmea, se você fosse homem, você seria ele. Me conta como ele era!

E: (risos) Aaaa, além de ter essa coisa de ser muito infantil também, eu acho que ele também tinha muitos problemas, porque ele tinha uma mãe que era umas das comandantes da rota, então ele tinha muitos problemas. Não sei exatamente o que acontecia porque ele nunca se abriu 100% comigo, mas talvez porque ele se abria e falava de problemas dele também pra mim, eu não sentia como se eu

fosse a mulher da relação, e sei lá, acho que isso é importante....ele também era a mulher da relação então não dava certo sabe...ee assim, ele sempre foi...é porque a gente era muito amigo. Toda vez que a gente voltava a ser amigo acontecia de novo...a gente não conseguia ser amigo sem se amar assim....sabe? Não dava, mas só amizade funcionava com ele sabe...quando a gente começava alguma coisa além, tipo, dava errado, porque eu não queria mais, sei lá, resolvi que não queria mais.

P: Então era difícil né? Porque vocês sempre se aproximavam mas vocês não conseguiam ser só amigos, mas não dava certo quando não era só amizade...

E: É, isso! É tipo, hoje em dia eu não tenho mais contato com ele...tipo, nunca mais vi...eu sei de gente que sabe dele mas...só foram essas duas vezes né...no final do primeiro colegial o primeiro beijo e a gente ficou um ano sem se falar, nem olhava direito na cara, e aí eu lembro que foi no meu aniversário em junho...eu faço aniversário no dia dos namorados, que eu tava tendo um rolo com outro menino lá, mas não tava dando muito certo...aí, nesse dia do meu aniversário ele disse que só tinha ficado comigo porque eu era gostosa....nas palavras dele. Aí eu fiquei super mal e ele veio falar comigo, veio me dar parabéns e foi nisso que a gente começou a voltar a ficar amigo, na metade do segundo colegial, aí no começo do terceiro a gente começou a namorar, mas aí só durou 4 meses....foi legal enquanto durou, acho que foi importante pra eu conseguir formar um relacionamento decente com o que eu to agora, mas ao mesmo tempo foi, sei lá...tinha umas coisas que eu não gostava...pequeno defeitos que você ignora mas no final fazem diferença.

P: Como o que?

E: Aaa, eu achava ele muito louco assim, não é que eu não goste de pessoas loucas, eu sou meio louca, mas é louca no sentido bom assim. Eu acho que ele tinha muitos problemas psicológicos mesmo, talvez com a família e também como ele foi criado, também a mãe, que meio que sei lá....a vezes o PCC ameaçava a família dele e sei lá, depois quando eu terminei com ele vi que ele também mentia muito, acho que ele tinha muito problema com a infância e isso me prejudicava de certa forma e eu não percebia.

P: E o que é louca no sentido bom?

E: (risos) Aaaa...deixa eu ver, conseguir se divertir ao máximo, fazer coisas que você não faria na frente dos seus pais, ou pessoas estranhas, não necessariamente tipo...aa beber, se drogar, não sei o que, mas no sentido de fazer coisas engraçadas, mas no sentido de fazer coisas engraçadas que depois você fica tipo "AA que vergonha"...

P: E você falou que você ficou triste porque ele falou que ficou com você só porque você era gostosa..

E: Esse era o João..

P: Não era o Fernando?

E:Não, calma, vamos em ordem cronológica. Primeiro beijo Fernando, aí não deu nada e pronto, lembra que eu não gostei e pronto. Aí depois no segundo colegial eu já conhecia esse menino que era amigo de uma amiga minha, o João, aí a gente não chegou a namorar, só ficou umas duas semanas, tipo um "rolinho". Eu tava pensando em virar algo mais sério, mas depois quando fui ver eu nem gostava muito dele...sabe aquelas pessoas que quando você tá junto nem tem assunto? Tipo, acho isso horrível, aí ele falou isso no dia do meu aniversário e eu acabei com ele, mas depois a gente conversava, eu não tinha rancor porque eu não gostava realmente dele. Aí veio o Fernando que foi tipo meu primeiro namorado mesmo.

P: Entendi, me confundi um pouco (risos)

E: Não, o Fernando nunca falaria isso (risos)

P: E quando o João te disse isso como você encarou, como foi isso pra você?

E: Fiquei muito mal, porque eu tava...aí é que tá, acho que eu não tava gostando dele, mas acho que eu tava querendo gostar dele. Ele era legal e eu achei que pudesse dar certo, mas aí ele falou isso, mas eu tenho facilidade de me desapegar das coisas, das pessoas, dos relacionamentos então não foi nada de mais...sei lá, chorei uns 2 dias e depois acabou sabe, aí eu segui em frente.Mas como não era nada sério, não tinha tipo juras de amor tudo bem....é que foi no meu aniversário...aiii fiquei um pouco abalada,mas depois foi se ajeitando.

P: E porque você acha que você queria gostar dele?

E: Aaa...é porque assim, depois quando eu terminei....terminei...não tinha nada pra terminar, mas quando acabou o rolinho eu percebi que eu não gostava dele...eu acho que só por ele...ele era legal assim, mas sabe quando com você não tem conversa...ele era muito legal e tal, mas acho que a gente não tinha os mesmos gostos então não deu certo, nesse sentido assim...

P: Mas você queria ter um relacionamento então você queria gostar dele ou você se sentia pressionada a ter um relacionamento?

E:, Não, é porque assim, foi meio esquisito esse período assim, eu não sei quanto tempo foi...talvez um mês. A gente ficava, mas acho que era muito mais físico do que de gostar mesmo, mas aí a gente

ficava algumas vezes e a gente voltava, até que teve o Carlos, mas o Carlos eu não conheço até hoje.

P: Como assim você não conhece?

E: Porque é, foi pela internet....aí eu desencanei do João.

P: E como surgiu o Carlos?

E: Eu jogava um jogo, um bem bobinho, tipo imagem em ação aí você conversava com as pessoas, e sempre tinha umas pessoas que você dava risada, tipo pessoas idiotas. Aí eu conversava com algumas pessoas e passava MSN...aí tinha esse Carlos, do Rio. Aí a gente ficou 1 ano assim conversando, e a gente realmente tinha algum vínculo mas a gente nunca se conheceu. Ele falou que eu ajudei ele um pouco. Ele disse que se sentia mal porque ele era gordo...a imagem dele era muito ruim, dele mesmo, e aí sei lá, eu ficava falando assiiim. Acho que foi a única pessoa que eu ajudei nesse sentido. Eu sempre fui péssima pra dar conselhos, eu sempre pioro as coisas, por isso eu nem falo, só fico ouvindo as pessoas. Mas aí eu ajudei ele nesse sentido, e ele também foi muito importante pra mim porque eu acho que foi ele que começou a me iniciar sexualmente, no sentido que ele falava “vai descobrir mais o seu corpo”, e eu ficava “aaa não”, tipo porque eu acho que eu demorei muito pra amadurecer sexualmente mesmo. E aí, a gente trocava vídeo e tal...foi muito legal esse período.

P: Que tipo de vídeo?

E: Aaa alguns vídeos...não necessariamente pornográficos, mas a gente trocava música, sabe tipo, era como se a gente fosse namorado mas sem se ver e sem ser namorados mesmo sabe? A gente não estabeleceu nada porque depois ia ser muito difícil...a gente sabia que eu não ia pro Rio nem ele pra SP então não ia dar certo mesmo.

P: Então vocês traçavam música vídeo..

E: Conversava sobre a vida...

P: Mas eram vídeos eróticos?

E: Também, mas não no sentido de se excitar, mais no sentido de “olha como faz isso”, porque ele não se conformava que eu não conhecia meu corpo, não me descobria e ele falava “não...olha isso daqui, não sei o que não sei que lá” e aí eu relutei muito nisso...eu só fui começar a me preocupar com isso com meu namorado agora....é pra continuar falando?

P: Pode ir falando, qualquer coisa eu te pergunto...vamos no ritmo da conversa.

E: Você quer continuar com o roteiro ou pode falar?

P: Pode (risos).

E: Bom então, quando eu acabei com o Fernando, como eu nunca tinha...eu sempre fui a menina certinha, aí eu bebi pela primeira vez com as minhas amigas e aí eu comecei a literalmente pegar todo mundo....eu beijei sei lá...no período de um mês mais de vinte pessoas. Eu comecei a pegar minhas amigas, meus amigos, comecei a experimentar tudo, mas eu não cheguei a transar com ninguém. Eu só transei mesmo com meu atual agora...mas eu tive experiências tipo, aaa pegar no peito, mas nada de mais...

P: E isso foi mais ou menos na mesma fase que você tava conversando com o Carlos?

E: Não, quando eu tava com o Carlos eu não fiquei com ninguém.

P: Então você considerava um relacionamento amoroso?

E: Não considerava um namoro, mas eu tava muito envolvida, tipo, me mantive naquilo por muito tempo.

P: E o Carlos foi antes dessa fase de pegar todo mundo?

E: Foi, foi antes...o Carlos veio depois do João e antes do Fernando namorado. Tanto que eu até conversava com o Carlos quando eu tava com o Fernando, sabe, eu não perdi isso, como a gente não criou um vínculo certo, tipo próximo, a gente conseguiu...tipo, ele arrumou uma namorada e a gente continuava conversando como amigo....era muito legal, mas hoje em dia em não falo mais com ele.

P: Mas era uma relação....você me falou que era como se vocês fossem namorados, mas não por causa da distância. Então você diria que pra você era uma relação mais de amizade ou mais romântica?

E: Assim, tinha seu romantismo, mas acho que como a distância não permitia muito a gente criou mais uma amizade.

P: Entendi....e quando ele começou a te dizer pra conhecer mais seu corpo, te mostrar vídeos meio “educativos” (ambas riem)

E: É

P: Você começou a fazer uma exploração nesse sentido, masturbação?

E: Não, não...isso só veio depois...é que a história interessante vai chegar...(risos)

P: Já está interessante! Pode continuar. Aí você tava dizendo que começou a ficar com todo mundo

E: Isso, aí eu comecei a ficar com todo mundo e era muito assim....acho que nessa época eu não fiquei apegada a ninguém...não queria criar laços afetivos com ninguém, nem namorar nem nada, então eu fui experimentando tudo que vinha pela frente. Tanto que minhas amigas, elas ficavam meio “assim”...porque eu chegava na festa e pegava todo mundo e elas ficavam tipo “sério???”....(risos), mas sabe...foi um período legal...mas só durou um mês....eee, aí que eu conheci...tipo, eu já conhecia o Marcelo. Deixa eu contar do Marcelo...assim, minha mãe descia muito na padaria da nossa rua pra se divertir um pouco com uns amigos e as vezes eu ia junto, pegar um sorvete e ficava um pouquinho lá...tinha uns vizinhos, umas senhoras, senhores e a gente ficava lá. Aí, a gente gosta muito de animal e a gente conhecia todos os cachorros do bairro, e o Marcelo tem uma cachorra, aí foi através dela que minha mãe começou a chamar ele pra sentar com a gente. Eu não tenho idéia de quanto tempo foi, mas ele fez parte do grupo de conhecidos amigáveis da minha mãe. Ele sentava lá e eu brincava com a cachorra dele eeee, ele ficou meu confidente, mas era meio difícil de falar porque minha mãe ia ao banheiro e eu falava em código, tipo “aaa beijei o Fernando”..”fiz não sei o que”....

P: Então vocês conversavam sobre sua vida pessoal?

E:É, eu ficava contando...mas como minha mãe tava do lado e ela não sabe muito da minha vida....aí eu contava rapidinho quando ela ia ao banheiro. E aí quando eu entrei nessa fase de loucura, ele começou a ficar preocupado, e tipo....eu ia mesmo entrar numa roubada, tava pra entrar numa roubada a qualquer momento...

P: Que tipo de roubada?

E: Tipo, transar com um cara na praça.....tipo tinha um cara que era malabarista, e eu meio que me apaixonei por ele e ele falou assim “vamos lá no parque transar”, mas eu nunca tinha transado e eu não queria que fosse com ele...muito menos bêbada e na situação que eu tava, aí eu falei não. Mas tipo eu sempre fui muito consciente mesmo bêbada...eu sei o que eu posso ou não fazer. Por exemplo, beijar todo mundo não vai me fazer menos ou mais assim...mas eu não queria perder minha virgindade com um cara que eu nunca vi.....

P: Como assim ser menos ou mais?

E: Menos ou mais o que?

P: Você falou assim “beijar todo mundo não vai me fazer ser menos ou mais”...

E: Aaaa tipo...eu acho que é mais pra mim assim, tipo, sabe, aaa não sei....deixa eu ver...tipo, pra mim assim, beijo não é algo que vai fazer.....é que eu estaria sendo tipo....eu taria insultando as feministas e eu não gosto de fazer isso, mas tipo sei lá....ser uma puta! Não uma puta, mas sabe...eu tava na fase louca mas eu tinha meus limites que eu não queria ultrapassar...e eu não ultrapassei. Nesse sentido que eu digo...meu limite próprio....eu não via problema em beijar todo mundo, eu continuava sendo eu e não ficava me julgando, mas aí a transar com um cara, bêbada, no matinho eu não queria. Não ia me sentir bem. Aí, tá...nisso eu contava essas coisas pro Marcelo e teve um dia que ele falou assim “passa na minha casa”, porque ele queria falar umas coisas, tipo, que eu tava meio que indo muito rápido, porque no período de um mês eu fiz um monte de coisa. Quer dizer, na um monte de coisa, mas, por exemplo a coisa mais assim, que eu fiz foi fazer sexo oral num cara, mas não até o fim. Foi no meio de uma festa bêbada sabe....uma coisa bem.....é que eu fico bêbada muito fácil...mas eu lembro de tudo, de cada detalhe...tem gente que esquece, eu lembro. Aí foi isso....ele ficou...porque minha mãe nunca falou sobre sexo comigo, nem meu pai e aí ele ficou tipo “alguém tem que falar com essa menina” sabe? Tipo “daqui a pouco ela vai tá grávida ou fumando crack”...ele ficou preocupado. Mas de uma certa forma eu acho que também tinha algum lance de gostar ou não...sabe, eu acho que ninguém vai te chamar pra casa só por preocupação....

P: Na época você..

E: Eu tava na fase louca e fui (risos)

P: Mas você identificou essa intenção dele na época?

E: Então...eu acho que eu já tava criando um interesse por ele, mas eu nunca achei que ia acontecer, porque ele era mais velho e minha mãe nunca ia gostar disso. Era impensável pra mim e pra minha família, tipo sabe...então eu nem ficava pensando sobre isso. Eu tinha alguma atração por ele mas também não ficava tipo “aaaiii”, tava na minha e tava ótimo. Eu não via como possibilidade. E nessa época eu tava fazendo basquete, o que me favoreceu bastante....eu podia dizer que estava no basquete ou estudando e não tava fazendo nada disso. Minha mãe não sabia. Aí eu fui lá na casa dele e a gente ficou conversando. Aí ele me ofereceu whisky, porque eu tava na fase de experimentar várias coisas, e bebidas também, mas tipo, ele botava um pinguinho e diluía com água com gás sabe (risos). Aí a gente ficou conversando por umas 2h30mins, até que já tava na hora de eu ir embora pra casa, aí na hora de ir embora foi engraçado.....eu falei “Aaa, vê se eu to com bafo”, por causa da minha mãe né? Aí ele foi ver e eu beijei ele, aí nesse dia, foi aquilo coisa sabe..tipo, enfim...é claro que ele imaginava alguma possibilidade mas ele não ia tomar a atitude...acho que porque ele conhecia minha mãe então ele sabia que se fosse ele a começar alguma coisa ia ser bem idiota...aí

enfim, eu beijei ele e eu já tava meio bêbada, porque eu fico bêbada fácil e tava desinibida e tal...aí eu tirei parte da minha roupa aí ele ficou tipo “você tem certeza?” e sempre muito calmo e tranquilo e aí nisso ele falou “AA, então vamos fazer isso direito” e me levou pra cama. Aí eu fiquei tipo “fudeu, fudeu” na minha cabeça, tipo “não quero perder a virgindade nessa situação...fudeu fudeu fudeu”...e tipo eu nunca tinha tido um orgasmo...nunca tinha me masturbado nem nada e eu fiquei tipo “ai que bosta”....mas aí não foi nada. Ele tentou me masturbar só, ficou de roupa, ele tentou mas não deu certo....tipo eu bêbada nunca ia dar certo mesmo e eu nunca tendo tocado meu corpo ia ser meio impossível eu ter alguma coisa...aí ficou por isso mesmo..eu fui embora. Aí a gente começou a se ver com frequência, porque sempre eu tava bêbada e aí sempre ligava pra ele eeee aí, a gente começou a se encontrar, mas ele ficou um bom período sem tirar a roupa...era sempre eu que tirava a roupa...mas isso não era um problema pra mim. Ele só tentava fazer com que eu tivesse o orgasmo, mas era difícil pra mim porque eu não conseguia me concentrar...tipo eu ficava falando com ele então tipo...(risos)

P: Ok, deixa eu só voltar um pouquinho, você disse que vocês estavam conversando e que era tipo “estou preocupado com você” ee..

E: É foi mais do tipo aaa...ele falou que transar bêbado não era legal, porque depois isso vira uma rotina e você se acostuma e depois você não consegue mais transar sem tar bêbada...e ele disse que precisava usar proteção..

P: Então foi com ele que você começou a falar mais de sexo.

J – É, foi, foi...tipo o Carlos foi mais do tipo de conhecimento, tipo “masturbação é assim”...uma coisa mais didática porque não tinha prática. E com o Marcelo, como ele já tinha 36 anos foi bom, quer dizer, podia ter sido a maior roubada do mundo...poderia ser um cara que ia transar e foda-se. Mas aí ele tentava me masturbar e não fazia nada.

P: Ta...e você falou que quando você foi com ele pro quarto pela primeira vez você pensou “nossa, eu nunca tive um orgasmo, nunca me toquei” e “fudeu”...como foi essa sensação?

E: Foi um medo....tanto que a primeira vez que eu fiz, como fala, sexo vaginal?

P: Penetração?

E: É, penetração, isso! (risos) Tipo eu não tava sabe, tipo sei lá...eu não sei você...

P: Não tava o que...

E: Eu não tava....não que eu não tava, tipo eu tava preparada mas você sempre tem um medo de tipo, que vá acontecer porque falam que dói assim, então você sempre fica com receio, igual sei lá, o parto sabe? Deve doer muito, e as vezes tem gente que não sente nada, mas ele esperou bastante, tanto que a gente só foi ter a penetração acho que depois de uns 4 meses, e ele esperou eu ter o orgasmo antes. Eu tive orgasmo com ele, com ele fazendo...ele teve muita paciência comigo..

P: Vocês faziam preliminares, tipo, mão, oral? Tinha alguma penetração de dedo, ou era tudo por fora?

E: Isso! Mas era tudo superficial...sem penetração....e ele só que fazia em mim porque no começo eu não quis fazer sabe...alguma coisa errada, até porque ele sabia que eu não tinha experiência nenhuma e acho que ele também tinha um pouco de medo da minha mãe e acho que eu não tava preparada...eu não queria. Tipo, demorou um tempo...aí depois de um tempo ele tirou a roupa, mas tipo, não teve nada....aí eu fazia sexo oral nele, porque era simples, mas a gente ficou sem transar mesmo porque a gente estabeleceu que a gente só transaria quando eu tivesse um orgasmo....enfim. Eeee, ele tentava, tentava, mas eu acho que eu sempre fui muito, com a cabeça cheia de coisa sabe? Eu não tinha muita paciência também de me concentrar...porque eu acho que é meio como uma meditação, você tem que se concentrar, ficar calma....mas aí demorou um tempo. Aí só depois que a gente foi conversar sobre a penetração.

P: Você acha que seu mental atrapalhava?

E: Atrapalhava muito, era o que atrapalhava! Eu ficava conversando com ele....tipo, ele lá trabalhando e eu ficava conversando com ele. Não tava concentrada, ficava falando da vida.

P: Porque você acha que isso acontecia?

E: Não sei.....medo talvez.

P: Do que?

E: Talvez de ter que transar...sei lá. Talvez fosse isso....eu acho muito bom q tenha sido assim, porque normalmente é direto e só depois que a pessoa vai descobrir e não sei o que e comigo eu fui aprendendo...foi um curso assim, não foi nada rápido, foi estágio por estágio.

P: E a sua mãe ainda não sabia?

E: Não, não....a gente só tava ficando assim. Eu mudei de prédio, mas continuei no bairro, e tinha o cemitério q era o único lugar seguro pra gente se encontrar, fora o apartamento dele...mas sabe, quando eu voltava da escola podia passar um pouco lá. No bairro a gente conhecia todo mundo, então não dava pra ficar enquanto a minha mãe não soubesse....e até então não tinha namoro. Aí

teve a viagem em outubro da escola....eu comecei a ficar com ele em setembro. Mas essa viagem não foi de formatura, foi uma viagem tipo “estudo do meio”....eu fui com meus 3 amigos....e esses eu já tinha pegado, e bebido e quando eu tava com o Marcelo, desde o começo eu podia pegar alguém, porque a gente só tava ficando. Eu contava pra ele se eu pegava alguém sei lá, e era tranquilo....e aí também foi o Fernando, porque a gente tinha bolado essa viagem desde o início do ano quando a gente namorava...e foi muito chato....ele tava meio que a parte da situação...eu e minhas amigas bebíamos e ele não, e o Felipe ficou nosso amigo nessa época. E nessa viagem eu fiquei com o Felipe, e o Fernando não gostou, porque ele achou que o Felipe tava se aproveitando de mim porque eu tava bêbada, mas na verdade, quem tava se aproveitando dele era eu. Mas o Felipe não quis nada sabe...hoje em dia eu acho até bom...tipo, eu queria fazer alguma coisa com ele, mas não tinha transado, então não queria transar...mas aí eu falei tipo “você não quer fazer nada? Passa a mão no meu peito” mas ele não reagia e eu fiquei tipo “Ok”. Depois eu achei bom...acho que se tivesse tido alguma coisa eu teria me apegado mais a ele...e nisso nosso grupo se dividiu lá....Ficou o Fernando e a Elisa...porque acho que ela já tava de saco cheia de mim....

P: Como assim?

E: Acho que a gente sempre teve tipo uma rivalidade assim.....uma coisa que não dá pra explicar...tipo eu gosto muito dela e tal, mas na viagem acho que ela já tava de saco cheio dessa coisa de eu pegar todo mundo na festa, sempre loucona e chamando a atenção...e ela não gostava e aí ela ficou do lado do Fernando, e eu com o Felipe.....Porque que eu falei disso?

P: Você tava falando que você ficava com o Marcelo..

E: Isso! E que não era nada sério....aí depois da viagem, quando eu voltei da viagem eu contei pra ele e foi tipo “você pegou todo mundo?”...e eu fiquei meio em dúvida mesmo lá na viagem, porque tipo, eu fiquei muito próxima do Felipe porque a Elisa me abandonou e o Fernando ficou muito chato...tipo, eu tenho medo de altura, então eu fazia as coisas com calma...sei lá, eu não fico com medo quase nunca, mas lá eu tava e ele ficava me apressando...essas coisas assim. Aí no que eu voltei eu contei pro Marcelo, aí na semana seguinte ele falou assim “a gente tá namorando”...e eu falei “nossa, você tá me pedindo?” e ele falou “não, a gente já tá namorando!”....porque a gente já tava namorando e eu não tinha percebido, porque tipo, a gente se via todo dia, e eu dava satisfações...não porque ele pedisse...eu queria. Também eu sabia da vida dele...e aí foi que a gente começou a namorar certo..em outubro de 2012. Mas a minha mãe não sabia, porque eu não ia contar sem ser namoro. Aí depois de um tempo a gente perguntou “AA, é aberto ou não é?” porque até então eu não tinha ficado com ninguém, mas eu queria saber...porque é bom saber né? Aí eu falei que por mim eu não ficava com mais ninguém e ele “por mim também não”...aí a gente começou um namoro normal...mas aí o problema era minha mãe....porque se eu quisesse ver ele eu precisava inventar uma desculpa....então não era legal nesse sentido, é muito chato ter que ficar mentindo. E aí, veio o vestibular...e eu fui muito mal....tipo, no segundo ano eu tinha feito como treineira e tirei 51 de 90 e passei pra segunda fase, e no terceiro eu tirei 38. Eu falei pra minha mãe que tinha sido 40, mas mesmo assim foi um queda drástica....aí eu conversei com o Marcelo antes, sobre meu resultado e ele falou “Aproveita pra contar tudo de uma vez!”....tipo, minha mãe já ia ficar louca por eu não ter passado pra segunda fase e eu aproveitei e contei tudo de uma vez....mas eu escrevi uma carta, porque eu não ia conseguir falar tudo, e ela não ia deixar eu terminar sabe? E não dava pra falar simplesmente “tô namorando o Marcelo”...ela ia achar que era tipo, pedofilia sabe...sei lá. Mas aí eu meio que expliquei tudo tipo “aaa, passei por um período que eu bebia, peguei todo mundo e não sei o que”, também falei do vestibular e entreguei pra ela....pensei que seria melhor a carta, por que se não ia dar gritaria e merda...aí tá...eu entreguei e foi uma fase muito difícil esse período. A minha família é muito conservadora, no sentido assim de namorar, casar e como você deve agir, que profissão fazer...até porque minha mãe é do interior e ela tem uma coisa muito fechada...mas mesmo assim ela, sei lá..namorou até os 40 anos, namorou vários, mas como ela já trabalhava e se sustentava, então, o argumento dela não tem como contrapor sabe...

P: E seus pais já foram casados?

E: Eles nunca casaram na igreja, mas eles estão juntos até hoje...é que meu pai trabalha com cavalos no interior...então ele só vem de final de semana...

P: Mas como ela namorou até os 40 anos?

E: Então, ela me teve com 42 anos. E aí ela namorou bastante ...deve ter tido uns 10 namorados, então ela aproveitou bastante a vida, diferente de mim, que quero continuar assim...tá bom com o Marcelo...eu me vejo casando com ele e tendo uma vida com ele. É ruim em um sentido porque você tem que abrir mão de coisas, mas ao mesmo tempo é bom....eu gosto dessa segurança de um namoro e tal...não acho ruim...eu vejo mais pontos positivos, até porque eu tive a fase de loucura e não foi tão legal....umas horas dava medo e era assustador....Mas eu tava falando do que mesmo?(pausa) aaa que eu entreguei a carta pra ela....aí passei por uns 3 meses muito, muito mal

porque, pra minha mãe a idéia de eu namorar alguém com o dobro da minha idade era um horror...e fora que eu contei tudo na carta então tipo...foi um baque. E ela não sabia como minha vida tava sendo...porque não tinha como eu falar com ela...ela nunca deu liberdade sabe....nunca falou nada pra mim...tudo eu tive que descobrir sozinha. Aí teve a carta, e foi um período muito difícil pra mim, porque ela era muito dura...e lá em casa sempre quem deu a última palavra foi a minha mãe, então foi mais fácil pro meu pai aceitar. Mas até hoje o Marcelo nunca foi na minha casa....tipo, e eu conheço metade da família dele sabe...

P: Então você acha que seu relacionamento ainda não foi aceito?

E: Tipo, minha mãe sabe que eu namoro...tipo, eu fui no aniversário da mãe dele e comprei presente com a minha mãe...mas não se fala muito nisso. Poucas pessoas da minha família sabem...tipo, meus primos sabem. Teve uma tia minha que perguntou e eu falei, porque agora eu falo....uma hora ele vai ter que conhecer a família. Mas eu acho que é mais difícil pra minha mãe no sentido de manter a imagem da família....ela é muito assim...tipo, pode tá uma bosta mas a imagem tá ótima então é isso que importa sabe. É difícil namorar uma pessoa mais velha...e eu comecei a namorar com ele com 17....tipo 17, 18.. tanto faz. Mas eu pensei na preocupação dela no começo, porque realmente, poderia ser roubada...mas sabe, agora eu já tô namorando com ele a 1 ano e meio...tipo, não é roubada (risos)

P: Roubada em que sentido?

E: No sentido de ele tá querendo se aproveitar de mim...tipo, transar e jogar fora.

P: E você tinha medo que isso acontecesse?

E: Não, porque eu tava na fase meio louca então não me preocupava muito com essas coisas....

P: Quando vocês começaram a ficar, e você teve todas essas experiências, de ele tentar fazer você atingir o orgasmo, e vocês estavam ficando, então você podia ficar com outras pessoas...você acha que você tava envolvida mais no sentido sexual ou no emocional?

E: Então, no começo foi mais sexual...tipo, começou com o sexual...acho que o emocional foi construindo, mas acho que conforme os dias passavam, mais eu dependia dele, no sentido de querer estar com ele, contar as coisas pra ele...ele virou meu confidente....quer dizer, eu já contava as coisas pra ele...e isso foi aumentando. Tipo, quem olhasse de fora ia falar "são namorados", mas a gente ainda não tinha estabelecido nada, então, meio que ficava por isso mesmo....mas aí depois, ficou muito mais no sentido de amar ele mesmo...tanto que ele esperou. Se fosse só sexual eu teria transado com ele logo, mas pra mim isso foi sempre muito importante, a virgindade sabe? Aí eu dei sorte, no sentido de que eu encontrei alguém com paciência....acho que pra um homem mais velho é mais fácil.

P: E você disse que a virgindade sempre foi uma coisa importante..o que significava a virgindade pra você?

E: Acho que é mais uma questão do que as pessoas falam do que o que eu achava, porque, as pessoas sempre falam "aaa, é importante", e também no sentido de falarem "ai, que dó", então eu não queria que fosse uma coisa rápida, e com uma pessoa que eu não tivesse proximidade afetiva.

P: Como assim "que dó"?

E: Que dói!

P: Aaa, eu entendi "que dó"

E: Não...que dói....aí fica aquela coisa "aai, a virgindade"...colocam num pedestal e na verdade não é nada de mais...tipo, pra mim ter o orgasmo foi muito mais importante que a virgindade.

P: Então você disse que a virgindade era muito importante pra você...mas num sentido social?

E: É...

P: E pessoalmente, tinha algum significado?

E: Não, acho que não tinha....depois que eu descobri o orgasmo...que eu tive as duas experiências (orgasmo e penetração), eu vi que o orgasmo é muito mais importante pra uma mulher do que a virgindade. Aí, deixa eu ver...eu contei pra minha mãe, e teve um período muito ruim....eu ficava muito fora, porque ela me ofendia de várias formas....sei lá, eu sempre tive um lance com a mãe...não sei se tod mundo tem, mas eu nunca me dei....eu me dou muito bem com ela, mas ao mesmo tempo eu odeio ela....então nessa fase ela falava um monte de coisa que eu não gostava, e a gente brigava..

P: Tipo o que?

E: Tipo, eu lembro de uma vez que eu tava voltando de um evento do basquete e ela falou que se eu não tomasse cuidado eu ia pegar AIDS...e eu percebi que quanto mais ela ofendia o Marcelo mais eu ficava furiosa....tipo, quando era pra mim, eu já tava meio acostumada, porque minha mãe nunca foi a mãe dos sonhos. Ela foi muito boa no sentido de me criar muito bem, me dar uma base boa, mas ela nunca foi de enaltecer meus lados positivos...sempre os negativos. Ela é muito crítica, tipo "AA, você tá gorda, você não estuda", e eu sempre tentei ser a filha dos sonhos, mas só que como ela também

nunca foi aberta, por exemplo, com 15 anos, que você começa a falar de sexo, a gente nunca teve essa proximidade que tem mãe que tem...e eu não tive com ela, então a gente tem uma relação distante e próxima ao mesmo tempo. O meu pai...ele tá trabalhando e agora que ele tá vindo todo final de semana, , mas antes ele trabalha no Rio e vinha a cada 2 meses...então sempre fui eu e ela, e ela sempre cuidou de mim...trabalhava e eu ficava na escola o dia inteiro....não que ela seja uma pessoa má...mas ela sempre foi muito crítica. Eeee, eu me acostumei com isso, não ligava mais...mas aí quando aconteceu isso ela tinha outras coisas pra criticar,e foi um período muito ruim até ela aceitar...mas antes ela ficava apontando o dedo e eu não me controlava e a gente brigava. Aí depois passou essa fase e eu comecei a fazer cursinho, aí as coisas se acalmaram mais, e conforme foi passando o tempo ela foi vendo que não era uma fase...porque não sei...talvez ela ainda esteja na esperança de que seja uma fase meu namoro com o Marcelo. Mas não é uma fase....não foi uma fase...foi um período que eu acho que cresci bastante e amadureci e tal, e também, ééééé (pausa) Pêra aí que eu perdi o raciocínio.....éééé, eu não sei se ela aceita...acho que ela já aceita hoje em dia mas ela não consegue mostrar isso....ela nunca fala pra ninguém que eu namoro. O problema mesmo é a idade,

P: E pra você isso é uma questão?

E: Não, não..eu acho super normal....não normal, mas sabe, no começo era esquisito namorar alguém com o dobro da minha idade, tipo, ele trabalha, tem a vida dele e tanto que a gente teve que abrir mão de algumas coisas....sei lá, eu deixei de fazer algumas coisa, ir em algumas baladas. Não que ele diga que eu não posso ir. Eu saio com as minhas amigas, bebo normal, mas eu me comporto.

P: E seus amigos convivem com o Marcelo, eles sabe dele?

E: Sabem! Sempre que dá eu levo ele pra sair e eles se dão bem. Eles sempre souberam...eu conto tudo então quando eu via eles eu contava que tava indo na casa do Marcelo..nunca foi um problema.

P: E como você se sente por sua mãe não contar pra ninguém?

E: Aaa...tipo (pausa), eu acho muito ruim, porque no começo, quando a gente tava namorando, foi difícil pra mim falar pras pessoas que eu tava namorando um cara com o dobro da minha idade, mas com o tempo você vai se acostumando...mas a minha mãe não fala. Eu acho ruim, porque eu queria que ela falasse e tal, mas eu acho que isso vai ser uma iniciativa minha e não dela....uma irmã dela me perguntou se eu tava namorando e eu falei tava...na época que eu já tava querendo que as pessoas soubessem...aí eu contei pra ela...acho que ela até achou bom porque ela acha que tem que namorar nessa fase, porque se não depois não namora, não casa com ninguém.

P: Tem alguém na sua família que você tenha esse diálogo?

E: Tem meus primos...eles tem mais ou menos a minha idade e viraram meio amigos assim.Ai eu conversei bastante com eles.

P: E seu pai?

E: Com o meu pai é bem pior, porque como ele não teve presente sempre, então com ele, ele sempre tapou os buracos com presentes, mas não funcionou muito bem sabe? Não é a mesma coisa.

P: E você sente falta dele estar mais presente?

E: Não, porque agora ano passado que ele começou a poder vir todo o final de semana e agora não adiante mais....na infância que era o principal...na adolescência ele não vai mais ter como recuperar todo o resto.

P: E quando você era menor você sentia essa falta?

E: Sim, sentia. Mas como foi assim desde que eu nasci eu achava que era normal...mas eu sentia, gostava de estar com ele. Hoje em dia faz muito menos diferença...quem me criou foi a minha mãe, então é ela quem importa...o que ela pensa que importa pra mim...mas o que meu pai pensa não importa muito. Acho que por isso ele teve mais facilidade de aceitar o namoro...não ficar falando. Sabe, essa coisa de brigar...ele sabe, ele confia em mim, disse que se eu escolhi ele eu sei o que eu tô fazendo, e minha mãe, ela sempre me protegeu muito....eu tive que sair empurrando....tipo “da licença”...acho que ela ser muito protetora me atrapalhou um pouco até no meu desenvolvimento, tipo, acho que por isso eu era mais tímida...minha mãe fazia tudo por mim..eu não tinha que falar nada. Eu tive que lutar pra sair das asas dela...ela não abriu as asas...pra conseguir um pouco de independência...não que eu seja muito independente...ela me sustenta e vai me sustentar por mais 5 anos..e tá bom. Mas nesse sentido, meu pai aceitou mais fácil, como ele não teve muito presente...acho que ele de alguma forma ele quer me conquistar. Também ele não me criou, vai falar “não pode”? Não tem como ele falar não pode...o namorado é meu, eu escolho.

P: Não tem esse espaço pra eles então?

E: Não...tanto que minha mãe chegou a falar com o Marcelo sozinha tipo “larga ela”, mas sabe, umas coisas que não fazem sentido, até porque eu não era mais criança. Agora já tá mais ok...não tem mais tanto problema, ela não fala, não cometa...eu tento todo dia estar comentando alguma coisa...tipo “ele fez tal coisa, a mãe dele disse isso”...e o pai dele tem uma pousada, aí a gente foi em

julho do ano passado, e eu falei pra mim mãe “ou você me dá dinheiro, ou não, mas eu vou de qualquer forma”...com a minha mãe tem que ser mais assim...mas acho que ela já acostumou...mas ainda não fala. Acho que o tempo dela ainda está acontecendo. Ela não me atrapalhando, não falando nada pra mim já tá bom. (pausa)

P: E voltando pra sua relação com o Marcelo..

E: Então, aí, eu tive o orgasmo, mas também não foi “teve orgasmo e pronto”...foi antes da penetração...aí teve mais um período, tipo, umas 2 ou 3 semanas que a gente ficou melhorando isso e aí eu comecei a fazer em mim, a treinar e aí é melhor, porque aí você sabe o que você gosta, não gosta.

P: E como era pra você?

E: Fazer sozinha?

P: É, o que você sentia em relação à masturbação? Porque antes você não fazia né;

E: É, mas acho que antes eu não fazia porque eu ficava “a não, não vou fazer”, tipo, acho que eu desconhecia o que era masturbação feminina. Nunca ninguém falou comigo...como que eu ia adivinhar?

P: E você não tinha curiosidade?

E: Não...acho que eu não tinha isso....só depois que eu tive o primeiro orgasmo que eu fui começar a me conhecer mais.

P: E antes da relação com o Marcelo, como era pensar em masturbação?

E: Então, o primeiro que falou foi o Carlos, mas eu não fazia...não tinha vontade...pra mim tava bom do jeito que tava. Eu nem pensava nisso...nunca tentei.

P: Então você começou a se masturbar depois do orgasmo com o Marcelo...como foi?

E: Foi meio complicado, porque eu não sabia direito o que eu gostava, mas com o tempo fui aperfeiçoando, e fica muito mais simples...sei lá, foi mais uma coisa de aprender...porque eu já tinha feito com ele muito tempo, mesmo eu não fazendo nada eu já tinha uma idéia, e aí eu só fui aperfeiçoando.

P: E você usava algum recurso, ou era só mão, imaginação?

E: (risos) Era só isso mesmo....

P: E aí, como foi sua primeira vez?

E: Então, aí eu falei pra minha mãe que eu queria ir no ginecologista porque eu ainda não tinha ido, pra sei lá...porque ele falou “é bom ir no ginecologista antes, ver negócio de tomar anticoncepcional”, mas eu não tomo anticoncepcional..porque o médico falou que não precisa, porque eu transo com camisinha e o Marcelo sempre tira antes, então a gente toma o maior cuidado...e minha menstruação é regular, então nem tem porque ficar tomando, a não ser quando eu casar...mais no futuro.

P: Quando você quiser tirar a camisinha.

E: É, mas nem tem porque...ela também não faz questão então tipo, pronto.Fico mais confortável com camisinha. Aí foi um dia que eu falei, eu ainda não tinha ido, e aí eu falei “Aa, será que a gente pode tenta”, eu tava voltando da casa dele e eu falei com ele se a gente podia tentar alguma coisa e ele falou “Aaa tá bom, mas seria bom você ir antes no médico”, mas tipo, a primeira vez, éééé, eu queria que ele fosse em cima...

P: Ficasse em cima?

E: É, porque acho que eu não ia conseguir sabe, tipo, eu ter que tomar a atitude? Sabe, não...tome você, eu não sei o que é pra fazer, mas só que aí ele falou que era melhor eu em cima porque ia ser complicado, aí eu fui em cima...

P: Como assim complicado?

E: No sentido de tipo, (pausa), eu não lembro porque que ia ser complicado agora (risos), mas acho que era mais no sentido de eu não sabe muito o que fazer e de em cima eu ia saber mais onde...eu não sei, eu não lembro o porque disso...mas eu fui por cima, eee, aí eu mesmo coloquei, quer dizer, ele colocou, mas aí eu fui pondo devagar, e aí eu senti...tipo não doeeeu assim, mas era uma pressão sabe? E aí eu só senti um pouco como era e a gente parou...não foi até o final. Até porque tava tento aquela pressão e era só pra eu ver como era...

P: Pressão vaginal?

E: É, hoje em dia eu não tenho mais...mas acho que a dor foi a pressão, um incomodo. Mas não era nenhuma dor assim....Aí eu só senti um pouco, eee, isso foi antes dos 18, porque eu queria ter a penetração antes dos 18, não sei porque, mas eu queria ter antes...

P: Tenta explicar porque...mesmo não sabendo. (ambas riem) Porque você acha que você queria antes dos 18?

E: Aaa porque sei lá, eu sempre achei que eu ia ser aquela pessoa que com 20 e poucos, 30 anos nunca ia ter transado e sei lá, acho que talvez a virgindade fosse importante no sentido de eu me

achar mais adulta, mais mulher...não no sentido de “aaa, eu me proteger e blábláblá”....É, acho que foi isso.

P: Ok, deixa eu ver se entendi...a virgindade significava pra você uma mudança de status de menina pra mulher?

E: É, isso, é que aquela hora eu não consegui explicar, mas agora fez sentido...

P: Entendi...e como você se sentia por ser virgem?

E: Aaa, me sentia.....é que das minhas amigas eu fui a primeira, mas nunca achei que ia ser....porque minhas amigas nunca foram de sair muito, ir pra balada, então a gente sempre foi no nosso ritmo sabe...pegando um aqui, outro lá, mas nada de mais. Eu acho que nessa época que eu fiquei pegando todo mundo, eu tinha vontade de ter isso, mas ao mesmo tempo eu queria que fosse com a pessoa certa. Maaas, eu queria que fosse antes dos 18 (pausa), não sei, talvez pra me sentir mais legal, tipo, acho que era mais isso....não tinha um porqueee.....mas como eu já tava com ele e já tinha tido o orgasmo tudo propiciou para que pudesse ser entendido?

P: Entendi, e você se sentia bem, mal, como com o status de virgem?

E: Aaaa...não era bem maaal, mas me sentia atrasada talvez? Criança...eu, eu não sei...mas talvez isso...não no sentido de me sentir mal comigo mesma, acho que não era muito isso...acho que era tipo “Aaa que legal, antes dos 18”...era isso...

P: Você fala que você sentia atrasada, mas ao mesmo tempo você foi a primeira das suas amigas! Como isso funcionava?

E: (risos) Não, acho que é mais atrasada em relação a todo mundo...tipo pessoas da minha idade..não só minhas amigas...acho que não só elas eram a referência mas, sei lá, as pessoas num geral. E também porque, agora, na minha geração tudo ficou muito mais rápido, tipo, por exemplo no basquete tinha um menino de 14 anos que já transava desde os 13...e eu ficava tipo “sério?”, umas coisas assim. Tipo, umas coisas assim, de ter ouvido experiências de pessoas e ficar..”nossa, eu ainda não transei”...não só das minhas amigas....e eu achava que eu ia ser diferente quando eu perdesse a virgindade...mas no final eu era a mesma coisa.

P: Diferente como?

E: A eu não sei...eu queria descobrir...eu ia ser mais mulher...não sei...

P: Você tinha uma expectativa

E: É, eu tinha uma expectativa de mudança....eu não sabia qual seria a mudança, mas eu achava que alguma coisa ia mudar na minha vida...mas não mudou...

P: Não mudou nada?

E: Não.....(risos)

P: Nenhuma diferença na sua relação com seu corpo, consigo mesma?

E: Então, porque eu ainda não tive orgasmo com a penetração, então pra mim, as preliminares são muito boas...não que eu não gosto do sexo, eu acho muito bom, mas eu ainda não tive o orgasmo...tipo, acho que eu sempre fui muito lenta em relação à sexualidade....tipo, eu demorei pra beijar, demorei pra querer alguma coisa, aí demoreei pra ter o orgasmo, aí acho que to mais nesse passo, mas pra mim não incomoda, porque ele me satisfaz antes e depois é só tipo um bônus.

P: Porque você acha que você foi lenta?

E: Eu acho que foi por causa dele...eu acho que eu sempre quis que fosse lento, mas é complicado quando você namora alguém da sua idade, que também tá louco pra transar logo. Foi meu tempo, acho que eu tive sorte de ter encontrado alguém, que tivesse paciência. Tipo, eu não ia ter o orgasmo na primeira vez nunca, se demorou tanto tempo....e foi legal, dar esse tempo pra mim mesma, pra eu me conhecer e tal, e não ser uma coisa tão tipo “pá”...

P: E como você se sentiu durante a primeira vez?

E: Foi novo...eu senti aquela pressão, mas foi bem pouco sabe...foi um pouco e daí ele já tirou e falou “você quer para? Tá incomodando?” e eu falei que sim. Aí a gente foi introduzindo a penetração aos poucos sabe? Não era toda a vez que a gente fazia isso, e conforme eu fui me acostumando, só depois virou uma coisa mais comum...sabe, não é logo que você se acostuma...demora um pouco..

P: Quanto tempo mais ou menos demorou pra você se acostumar?

E: Não sei direito, mas sabe a viagem que a gente fez em julho? A gente ficou 3 ou 4 noites e lá a gente teve mais tempo pra treinar e tal, a aí eu senti que eu comecei a gostar mais da penetração do que eu gostava antes.

P: E quando foi que aconteceu a penetração?

E: Foi nas férias, ou janeiro, ou fevereiro, provavelmente de 2013. E em julho eu comecei a gostar mais da penetração...apesar de ainda não ter tido orgasmo eu gosto. Aí a gente começou a introduzir mais, porque antes era...as vezes fazia, as vezes não...porque ele nunca me obrigou a fazer nada...sempre eu que falava, “vamo fazer isso agora”.

P: E quando vocês transaram a primeira vez o que você sentia por ele?

E: Já tava apaixonada, tipo, quando a gente começou a namorar, aí foi cada dia aumentando mais....hoje em dia eu falo pra ele que a gente parece um casal casado a anos....mesmo antes da gente namorar já tava começando a ter um sentimento....mas ninguém falava porque não era nada sério. Mas era importante pra mim que fosse com alguém que eu realmente gostasse pra perder a virgindade.

P: É mesmo, você falou “com o cara certo”. Eu sei que o cara cara pra você foi o Marcelo, mas antes dele, você tinha alguma idealização do que era o cara certo? O que te atraía num homem?

E: Acho que eu nunca fui pela aparência física....acho que eu fui mais pela conversa e por se dar bem...por que pra mim o que importa é “eu consigo conversar 10 horas com ele?” Consigo, então ele é o cara certo....nesse sentido...porque, eu falo bastante né, você deve ter percebido (risos) e eu preciso de alguém que possa me ouvir....e o cara certo pra mim, no sentido da virgindade, é um cara que eu ame...o Fernando, poderia ter sido esse cara....ele foi muito importante...mas não deu. A gente quase não iniciou a sexualidade, e talvez isso tenha sido um problema pra continuidade do namoro. Mas acho que o cara certo é o cara que eu amasse e o cara que se desse bem comigo, conversando...nesse sentido não tanto do físico...eu nunca liguei muito pro físico.

P: Físico você diz aparência? Ou atração?

E: Aparência.....atração sim....mas aí você descobre depois (risos)

P: E você tinha expectativas pra sua primeira vez e pra depois dela?

E: Então, eu achei que eu ia ter a mudança....não sabia o que seria...mas quando aconteceu eu vi que o orgasmo foi muito mais importante pra mim do que a penetração. Foi uma forma de eu poder me descobrir...a penetração foi só o que veio depois...

P: Você considera sua iniciação sexual antes ou depois da transa?

E: Acho que antes....porque como não teve significado nenhum...porque não fez diferença no modo como eu pensava e agia....não teve mudança que eu achei que ia ter.

P: Você tinha alguma expectativa em relação a ele? Medo, fantasia?

E: Não, assim, só dessa primeira vez que eu fui na casa dele que eu fiquei com medo que fosse ser direto, mas aí não foi...e como ele sempre foi muito devagar, sempre esperou meu tempo eu não tinha medo...tava muito a vontade com ele...sempre fiquei muito a vontade como ele.

P: Ele sabia que você era virgem?

E: Sim, sim!! Eu conto tudo pra ele...acho que ele sabe mais da minha vida do que assim (risos). Eu nunca escondi nada...pra mim foi muito de boa.

P: E, como você se sentiu depois da primeira vez?

E: Primeiro foi “eee não dou mais virgem” e depois “Aaa, e daí?”...foi mais uma etapa ultrapassada. Mas não senti nada de especial, não foi nada de mais. Teve mais significado o orgasmo...porque demorou bastante e quando aconteceu foi muito legal, porque aí não era só ele que tinha prazer...eu também e foi bem legal.

P: E o que o sexo significava pra você e o que significa hoje?

E: Sei lá, eu não tinha muito foco nas preliminares, eu não sabia que era importante e não entendia o que era essa importância, eu achava que era só penetração e pronto...eu não tinha muita idéia do que era....pra mim era algo importante porque eu nunca tinha feito e você sempre fica com uma coisa tipo “como será que é? O que será que acontece?”. Mas depois eu vi que era importante, que era algo muito comum e até natural....quer dizer, pra mim não foi muito natural...mas depois que você começa não tem muita dificuldade.

P: Como assim pra você não foi natural?

E: É....no sentido de que eu demorei pra ter o orgasmo....eu não sei se isso é natural ou não mais....é isso.

P: E como você vive sua sexualidade hoje em dia?

E: Agora eu e ele já sabemos o que o outro gosta, então é mais fácil, e meio que tipo, não é que tenha virado uma rotina, mas ei lá...1 ano e meio não é tipo “aai meu deus, um monte de tempo”, então a gente ainda gosta e tal...e meio que a gente não faz nada de muito diferente.

P: Ainda gosta do sexo?

E: Aham.

P: E você acha que uma relação mais longa é difícil manter essa..

E: Acho que provavelmente você tem que começar a estimular...tipo buscar novas coisas pra dar um ânimo a mais, mas eu não sei....(risos) Mas aí é isso tipo...sabe...O único cara que eu transei foi ele, continua sendo ele e eu tenho planos de que seja ele por bastante, muito tempo.(pausa) (risos)

P: (risos) De repente você ficou mais calada.

E: É, é que tem perguntas que são muito difíceis de responder, tipo “fale sobre você”, é difícil falar sobre mim, sobre quem eu sou...eu acho muito difícil....eu consigo falar sobre a minha vida, as pessoas, mas da gente é mais complicado.

P: Porque?

E: Aaa...eu não sei exatamente quem eu sou. (risos) Aaa...você deve saber....você já ta a 5 anos na psicologia.

P: Eu devo saber quem eu sou?

E: Não...você deve saber que é difícil falar quem você é.

P: Acho que depende muito. (pausa) Quer que eu pergunte? (faz que sim) Tá...o que você acha que precisa ter pra ter uma boa relação?

E: Você tem que se dar bem com a pessoa, é importante a conversa. Eu falo mais....acho que era isso que faltava na relação com o Fernando...ele falava muito também. Acho que isso atrapalhou, por ele falar dos problemas dele. E agora como eu sou a adolescente da relação eu falo mais...eu tenho mais probleeeemas e tal, e também o sexo é importante, se você na tem atração pela pessoa, vira amizade só, eeee, acho que é só isso.

P: Você acha que no sexo existem papéis diferentes?

E: Assiiiiim, eu acho que nas preliminares o papel dele é muito mais importante do que o meu, porque ele tem que me estimular mais, pra ele, quer dizer pros homens é mais fácil por causa da biologia deles. Mas no sentido da transa eu acho que não...os dois papéis são iguais.

P: E você me falou que pra você um homem atraente é alguém que consiga conversar...e o que você acha que você tem de atraente pra ele?

E: Eu nunca fui uma pessoa com auto-estima baixa, sempre tive auto-estima alta...quer dizer, não sei sempre, mas talvez na infância teve um período que eu me achava feia, mas era coisa de criança. Então, acho que eu me achar bonita, me ver bonita me ajudou no começo, mas, eu não sei o que o Marcelo achava de mim antes, porque ele viu meu processo de amadurecimento...aquele período de beber, acho que me fez crescer um pouco. Acho que me achar bonita me abre as portas, mas não vai me definir, porque eu não quero um cara de que diga que ficou comigo porque eu sou gostosa. Não quero isso.....sei lá, acho que eu sou agradável, divertida...sei lá...difícil falar “eu sou assim”...acho que tenho minhas qualidades. Eu não tenho muito pudor sabe...eu fiquei pelada na primeira vez com ele e não fiquei mal....nunca foi um problema pra mim me mostrar, e acho que isso ajuda muito porque a pessoa sabe o que eu quero e quem eu sou...mesmo que eu não saiba. Então a pessoa consegue me ver facilmente e saber se vai ou não vai...então acho que as pessoas que quiseram ficar comigo sabiam quem eu era e o que eu queria, se eu queria, então pra eles fica mais fácil saber se eles querem também, porque tem gente que é mais fechada, mas eu não.

P: E, você acha que o Marcelo, ou os homens tem expectativas em relação a você como mulher?

E: Acho que essa pergunta eu não sei responder...posso perguntar pro Marcelo e te digo....não sei...não tem como você especificar a pergunta?

P: Ele como homem, tem alguma expectativa com você como mulher?

E: Aaaa ta, acho que por eu ser adolescente.....porque eu ainda me considero adolescente...eu não sou adulta. Acho que ele se adaptou a essa coisa de...porque adolescente é um porre eu sei....tipo “aaa os problemas são os maiores do mundo”, essas atitudes que eu ainda viu crescer como pessoa...eu ainda to me construindo, e acho que ele sabe que pode ser que eu mude bastante ou mude um pouco, acho que nesse sentido ele, sabe que eu to amadurecendo e ele me deixa bastante livre pra eu fazer as coisas....ele nunca impôs nada...tipo “o que você quer comer?”....não sei se eu ser adolescente faz diferença porque tipo, eu to estudando e quero trabalhar mas eu não tenho certeza do que vai ser minha vida e ele já sabe que ele vai continuar sendo o que é, tendo a vida dele...não sei se eu soube responder sua pergunta.

P: Que tipo de mulher você diria que você é?

E: Eu acho que eu tenho bastante atitude assim....foi isso que fez com que eu pegasse todo mundo e chegasse no Marcelo...nunca teria chegado no Marcelo se eu não tivesse atitude em relação aos homens. Eu nunca fui de esperar...eu sempre fui atrás.

P: e se você pudesse ser seu ideal de feminino, de mulher, como você seria?

E: Aaaaa....que mulher eu quero ser?? Não é uma coisa que a gente pensa todo dia.....talvez não no sentido muito de mulher...talvez no sentido de fazer algumas coisa que são meio infantis ainda, que eu poderia ter feito diferente, mas no sentido geral de pessoa...mas isso também porque eu ainda sou muito nova...eu posso fazer isso. Acho que nesse sentido de fazer alguma coisa que depois eu olhe e veja que foi idiota, ou infantil...seria um pouco mais madura talvez.

P: Você seria mais madura então?

E: Não sei.

P: Não precisa saber, você pode imaginar, qualquer coisa que queira ser..

E: Aaa, agora pensei numa coisa! Eu tenho muito a minha mãe...ela sempre foi a mulher de casa e foi sempre em quem eu me foquei, e ela sempre foi de trabalhar e sustentar...a mãe com duas jornadas de trabalho que cuida da criança e não sei o que, e nesse sentido eu acho que ela batalhou bastante

pra ter o que a gente tem e eu acho isso importante...tipo a mãe do Marcelo viajou bastante, mas hoje em dia ela tem dividas....minha mãe não tem dividas, mas não viajou...ela tem estabilidade. Eu estou muito mais puxado pro lado dela, mas é porque eu fui filha dela e eu acho estabilidade muito importante. Eu sempre fui muito responsável...o que eu não tenho de maturidade eu tenho de responsabilidade.

P: Qual é a diferença entre os dois?

E: Responsabilidade é saber que você tem que fazer algo e fazer...fazer direito, tenho que levar a sério. E maturidade acho que vai mais de como você age em relação as pessoas...o modo como você age em diferentes situações... as vezes com a minha mãe eu vejo que se eu tivesse feito diferente eu poderia ter poupado uma briga...tipo isso.

P: Aaa, não te perguntei da sua primeira menstruação!

E: Aaa é....minha primeira menstruação foi na sexta série...acho que eu tinha 12 ou 13 anos...foi de manhã, e eu tinha aula, aí eu falei pra minha mãe, ela me deu um absorvente e tipo...a vida continua.(risos) Acho que foi basicamente isso....nunca tive muita cólica, comecei a ter de uns 2 anos pra cá só...então foi tranquilo. Tipo, drogas, menstruação minha mãe consegue falar tranquilo comigo, mas sexo jpa não tem abertura nenhuma.

P: O que você acha disse?

E: agora já não sinto tanta falta porque eu já achei o caminho, mas acho que fez bastante falta, no sentido de eu ser mais próximo dela e no sentido de eu não ter que passar por aquilo de, um cara no Rio que eu nunca vi na minha vida me falando que eu tinha que me masturbar e eu tipo "ok"...sabe? Nesse sentido. De ter alguém com mais intimidade...eu tinha vergonha de falar com as amigas até de menstruação com 12 anos.

P: Você sentiu alguma coisa, não física, tipo, emocional quando aconteceu?

E: Não porque eu já tava esperando, eu li em alguma revista os sinais, e a minha mãe sempre falava disso comigo.

P: Ok...acho que a gente terminou. Obrigada por contar a sua história pra mim!

ANEXO VI

Entrevista Isadora

P: pesquisadora

E: entrevistada

P: Bom Isadora, você me contou no carro, quantos anos você tem?

E: 19

P: E o que você faz de profissão, você estuda?

E: Estudo jornalismo, estou no terceiro ano. E eu trabalho dentro da faculdade, sou editora de uma revista.

P: Que legal, é tipo uma PUC Junior?

E: Isso

P: E você mora com quem?

E: Moro com minha mãe e minha empregada fica bastante tempo lá.

P: Tem irmãos?

E: Tenho um irmão que mora no exterior, e meu pai faleceu quando eu ainda era pequena, tinha 8 anos.

P: Seu irmão é mais velho?

E: Tem 25.

P: As vezes você vai visitar ele no exterior?

E: Vou

P: Fala um pouco do seu dia a dia, da sua vida.

E: Agora que eu estou trabalhando, comecei no começo do ano, eu vou pra faculdade, trabalho, jogo futebol e faço academia.

P: Sai com os amigos?

E: Saio, com os amigos, namorado, com minha mãe.

P: Que tipo de coisa você faz no final de semana, que coisa você gosta de fazer quando não está trabalhando?

E: Eu gosto de tomar sol, gosto de ler revistas ou livros, eu vou bastante no cinema com minha mãe, de domingo a gente sai pra almoçar, fico em casa vendo filme ou vou pra balada

P: Me conta um pouco de você. Você falou do que você gosta, me conta do que você não gosta, e que você tem de qualidades, defeitos, quem é você no geral. O que você me quiser contar da sua personalidade, o seu jeito, ...

E: Gosto de bastante coisas, sou bem tranquila, bem aberta e não gosto de falsidades.

P: Você disse que não consegue encontrar aquela coisa, esta falando de profissão?

E: Eu tenho certeza do que quer fazer, estou falando de especialização, eu não sei o que quero fazer. Sei o que e não quero. É, eu tenho uma ideia.

P: Fala um pouco mais, ainda não sei quem é você. Não que eu vá sair daqui sabendo. Quero ter uma idéia melhor.

E: Sou uma pessoa de fases. Tem fases que eu acordo triste e nem sei porque estou triste, tem fases que acordo feliz e tudo parece ótimo. Eu não era assim, quando eu era menor eu sempre estava feliz, acho que eu não me conhecia tanto....eu era bem mais tranquila, qualquer coisa eu topava. Ai fui crescendo, mudando, comecei a namorar, mudei mais um pouco. Entrei na faculdade, primeiro ano, você da uma mudada boa, tive umas crises existenciais assim, tipo quem sou eu? Porque estou sentido essas coisas?

P: Quando você acha que você percebeu que você não era mais criança, que você era adolescente?

E: Não teve um dia, foi meio que um processo, mas, acho que sou uma pessoa relativamente madura pra minha idade, sempre convivi com pessoas mais velhas, sou um pouco mais nova que meus amigos. Nunca tive muitos problema por ser menor. Quando eu percebi? Acho que quando eu entrei na faculdade, não que era adolescente, mas que eu não era mais criança. Adolescente é antes da faculdade né? Mais foi aí que eu percebi que cresci.

P: Você entrou na faculdade com 17?

E: Sim

P: Você acha que você ainda é adolescente?

E: Não me sinto adolescente. Sou jovem.

P: Porque entrar na faculdade fez você perceber que você tinha crescido?

E: Eu estudava numa escola pequena, era um mundinho fechado, todo mundo com mais ou menos o mesmo estilo de vida, mesmo pensamento. Quando entrei na faculdade vi que não era bem assim, conheci muitas pessoas com realidades diferentes da minha, de outras idades, pessoas que antes eu consideraria estranhas. Isso me fez abrir mais a cabeça.

P: Você falando parece que você era criança e de repente virou adulto. Como foi a sua adolescência então já que é difícil por um ponto de quando virou adolescente, me conta um pouco dela.

E: Quando eu era adolescente, pensava muito em estudar e sair. Adorava minha escola, estudei la desde o primeira série, era meio que uma família pra mim. Minhas amigas de la ainda são muito minhas amigas. Pensava muito mais nessas coisas do que no futuro, o que vou fazer, minha escola nunca foi muito voltada pro vestibular, era mais me construir como pessoa. Não acho que virei adulta de repente, foi um processo mesmo, não sei explicar. A minha essência esta aqui, sempre vou ser quem eu sou, só que mudou, não é a mesma. Sempre vou mudar e estar em evolução.

P: Você falou em sair. Que tipo de coisa você fazia?

E: Saia, ir pra balada, barzinho, mas minha mão nunca sabia. Ela é mais conservadora, antes eu nunca contava nada pra ela, quando beije, agora já converso com ela sobre outras coisas.

P: Tinha vergonha?

E: Tinha. Como meu pai morreu cedo, não sei, porque eu era pequena, mas na minha cabeça ele era a parte mais liberal, mais tranqüila, e ela a conservadora, quem punha mais dinheiro em casa, meio que o homem da família. Não que ela colocasse restrição Ela é super aberta, mais eu não sentia liberdade de falar. Ela não era como outras mães que eu poderia falar "fui na balada, bebi todas"...ela nem bebe. Meu pai foi o único cara da vida dela Tem coisas que eu não me sentia confortável pra falar.

P: Sua mãe casou cedo?

E: Só namorou com ele e casou com ele, com 20 e poucos anos, 28, ou 25 sei la.

P: Você falou que não podia contar pra sua mãe, tipo que bebi todas, fumava,

E: Fumar o que?

P: Tipo qualquer coisa, cigarro, maconha

E: Maconha fumei com 16/17 anos. Nessa época eu já estava mais tranqüila comigo mesma, sabia que não precisava contar, mas no começo, de beber e tal ficava meio mal de ficar mentindo. Eu mentia muito pra minha mãe. A primeira vez que bebi foi com 13 anos. Olhando hoje eu acho horrível, muito cedo. A primeira vez foi cerveja, na praia..tinha uns amigos mais velhos e ai influenciava né. Mas a primeira vez que bebi mais foi numa festa do meu colégio, do grêmio, festa do colégio. Eu bebia bastante... Dei uns PTs mas depois eu aprendi

P: O que é bastante?

E: Não sei. Mas hoje em dia eu bebo muito menos. Antes eu bebia mais e não fazia muito efeito. Mas eu ficava bêbada sim (risos)

P: Nesse período deve ter acontecido sua primeira menstruação né? Como foi?

E: Sim, foi horrível, todo mundo deve falar isso. Eu tinha 13/14 anos, na mesma época que minha amiga, então a gente dividiu as dores. Tava em casa, vi que tinha machado, contei pra minha mão morrendo de vergonha mas ela ficou super feliz. Eu não queria, sempre fui muito moleca, piscina, praia, era desconfortável. Depois a gente acostuma.

P: Quando você viu já percebeu que era menstruação?

E: Sim. Ninguém nunca me falou, mas a gente meio que sabe né.

P: Você falou que foi horrível.

E: Foi muito ruim. Você perde a liberdade, me senti outra pessoa. Eu sempre fui a última a ter as coisas, algumas amigas já tinham ficado, eu pensava “ainda bem que nunca fiquei” que eu estava me livrando. Ai quando foi comigo, fiquei meio triste. Nada tipo, “vou morrer”, mas tive que aprender a lidar com aquilo.

P: Se sentiu diferente?

E: De antes. Não que tivesse sentido “sou mulher”, era mais uma diferença prática, como vou me limpar, ir na piscina. Calcular meu ciclo.

P: Como era sua relação com os garotos? Amizades e romanticamente.

E: Tinha muitos amigos homens na escola, mas nunca fiquei com nenhum na escola. A primeira vez que fiquei tinha 13 ou 14. A gente sempre foi meio solta, eu e minhas amigas, foi meio um negócio natural, que foi acontecendo. A gente era mais liberal, sei lá.

P: Lembra a primeira paixão?

E: De criança ou de verdade? Não sei...tinha um amigo meio do colégio que eu gostava, mas eu não sabia direito o que era gostar. Era aquele cara que você fala, nossa é bonitinho. Foi na quarta série.

P: E de verdade?

E: Agora que eu namoro, eu sei que é de verdade. Não sei se antes era de verdade...era uma coisa que eu sentia, mas não sei se era tão forte. A primeira vez foi um menino que eu conheci na praia e fiquei com ele no ano novo. Eu tava no primeiro colegial. Ai a gente ficou junto essa semana lá, ai a gente voltou pra São Paulo, foi se falando mas meio que morreu. Fiquei gostando dele um bom tempo mas não ficava mau. Até eu namorar eu não tinha ficado mau.

P: Quando você se interessava por um cara, você era mais tímida, atirada, como era?

E: Nem tímida nem atirada, normal. Procurava ver como amigos....Dava em cima mas não era muito descarada.

P: Agora é a primeira vez que você namorou?

E: É, nunca tinha namorado. Eu gostava muito de ir na balada, e pegava vários caras na balada, mas começou a perder a graça. O primeiro menino que eu tive alguma coisa, saímos algumas vezes. Era um ano mais novo que eu. Ficamos umas três semanas e eu meio que desencanei. Sempre achava um defeito, dava um bode muito forte depois de um tempo, era muito difícil pra mim gostar de alguém...não sei porque.

P: Alguma característica ou alguma coisa que acontecia que fazia você ficar desencanada?

E: Talvez quando eu percebia que eles queriam demais, que estavam muito interessados, me dava uma vontade de me afastar. Acho que era isso, cada um tinha uma coisinha.

P: Você se sentia insegura, segura?

E: Não, eu era mais segura que hoje. Nunca gostei dos mais bonitos, maravilhosos, gostosos, tem uma ideia de serem metidos, não gosto de gente metida. Nunca procurava os mais difíceis.

P: Quais as características que te atraíam num cara e hoje também?

E: No começo, quando eu comecei a ficar com pessoas, era mais beleza, agora é mais simpatia, conteúdo. Odeio cara sem conteúdo, conversa desinteressante. Uma coisa que me atrai muito, um cara que sabe conversar, que não fica dando em cima de um jeito escroto. Te atrai pelo olhar, papo, charme.

P: O que você acha que você tem de atraente pros homens?

E: Não sei...(risos) Gosto muito de conversar, sou muito curiosa, qualquer pessoa que sentar perto de mim eu vou querer conversar, vou querer saber sobre a realidade dela, os caras que gostaram de mim foi isso, poder conversar, uma conexão.

P: Então sua aproximação em relação aos homens era mais intelectual, mais na conversa?

E: Isso, mas tem uma parte que te atrai fisicamente. Mas, um cara que não é tão bonito mas é interessante me atrai mais que um que não é interessante.

P: Mas sua abordagem era mais na conversa?

E: Aaa...mais ou menos sabe, você dá aquele olhar assim, dá a entender....porque se o cara não souber que você quer também, não acontece (risos)

P: Quando você era virgem, a virgindade tinha algum significado pra você?

E: Nunca tive essa idéia que muitas pessoas tem de pureza, pecado. Teve uma época que eu era muito pequena, tinha aula de educação sexual, eu ficava com muito nojo, com medo, eu pensava que não queria isso. Tava na sétima série. Não sei quanto tempo durou...pode ter sido quatro dias, mas pra mim pareceu uma eternidade...fiquei na maior crise, achei que nunca ia gostar disso, não tinha a menor vontade. Mas era a idade mesmo. Ai teve uma época que....Eu tenho duas amigas que sempre foram mais atiradas, foram as primeiras que perderam a virgindade, elas contavam tudo pra gente. A maioria das minhas amigas nunca tinha transado, eu ficava de boa e pensava que quando chegasse minha hora, beleza. Quando eu entrei na faculdade eu senti meio que uma pressão, comecei a andar com o pessoal do meu time que já estavam no terceiro ano. Uma vez fomos viajar para um sitio, de uma amiga do futebol. E eles só falavam de sexo, e teve o "eu nunca", e eu nunca tinha feito nada....e ainda tava um cara que eu tava ficando lá...e ai fiquei meio mal na viagem. Me senti muito excluída...muito mal.

P: Você respondeu as perguntas do "eu nunca" ou deu uma disfarçada?

E: Não. Como eles nunca perguntaram se você nunca fez sexo, perguntavam coisas nada a ver...eu não tinha que responder né...(risos)

P: Você se sentiu excluída nessa viagem né...

E: Não é só por isso, o jeito deles não era o meu, não me senti muito parte do grupo, e o cara que eu tava ficando não tinha nada a ver comigo depois eu percebi. Quando voltei da viagem foi passando. Não fiz, mas fod-se,mas uma hora vou fazer, tem vontade mais não era uma necessidade.

P: Sua vontade era física, era uma curiosidade?

E: Eu pensava...e hoje em dia eu vejo como era idiota isso, mas eu tinha 17 anos, eu pensava que não queria perder minha virgindade muito tarde, eu queria experimentar, mas só faria com alguém que eu gostasse, meu namorado. Não faria com alguém que estivesse ficando, ou que eu não sentisse que pudesse confiar plenamente. Não era uma necessidade tão física, tipo eu preciso, mas foi muito natural, depois que comecei a namorar as coisas foram acontecendo.

P: Pra você, ter essa iniciação, essa primeira vez era necessário esta confiança, um namorado....O que você imaginava para a sua primeira vez?

E: O que me influenciou mais foi uma vez que fui a um acampamento, eu tinha 11 anos. Tinha uma monitora que falava bastante com a gente. Ela falou que o primeiro beijo não foi nada de mais, mas que a primeira "vez foi linda, foi com um cara que gostava muito e ele gostava muito de mim, ele me tratou super bem". Eu fiquei com esta idéia na cabeça, nem sei quem foi o primeiro cara que beijei. Mas a minha primeira vez tinha que ser super legal, eu tinha na cabeça que ia doer muito, eu tinha muito medo de doer. Ela não foi ruim, foi ótimo, foi meio como eu esperava, fiquei muito feliz.

P: Você falou do seu primeiro beijo, eu nem te perguntei. Você falou que foi com 13/14 anos, você lembra de mais alguma coisa, como foi, com quem foi?

E: Foi horrível, com um cara nada a ver, não lembro com quem foi. Foi na festa do colégio.

P: Que você ficou bêbada a primeira vez?

E: É mas eu nem tava bêbada quando eu beijei ele. Foi meio que eu queria ver como era, meio medo de fazer errado. O cara chegou em mim, ele era bonitinho, ai pensei vou beijar. Beijei. Não foi muito bom, foi bem ruim na verdade.

P: Porque que foi ruim?

E: Eu fiquei feliz porque eu beijei. Mas foi ruim porque eu não sabia o que fazer, uma língua dentro da minha boca, "que é isso?"

P: Você achou esquisito?

E: Achei.

P: E você ficou nervosa porque você não sabia direito?

E: Eu não lembro direito se eu fiquei nervosa, acho que um pouco, era meio coisa de criança. Sei lá, é que eu não conhecia o cara, não estava tão nervosa se ele ia gostar ou não. Daí neste mesmo dia eu beijei outro cara pra ver se era ruim mesmo, e depois foi bom, daí eu fiquei com uma idéia boa na cabeça. Eu lembro até o nome dele.

P: Como que ele chamava?

E: Carlos

P: Antes de você transar pela primeira vez, como era sua relação com sua sexualidade?

E: Então, quando eu voltei dessa viagem que eu falei que tinha sido ruim, eu fui viajar pro exterior e fui pro nordeste com a minha família. Quando fui pra nordeste eu voltei a falar com o cara que tinha ficado na praia. Eu já tinha gostado muito dele, mas então ele começou a namorar e tal aí, mas ai depois ele terminou... Não sei, mas me deu saudades... quando eu voltei de viagem a gente começou a ficar e tal, já tínhamos ficado uma vez, aí a primeira vez que a gente se viu a gente foi num aniversário de uma amiga da irmã da minha melhor amiga, era num prédio, foi a primeira vez que eu

bati pra alguém foi pra ele, foi muito ruim pra mim, foi estranho como se fosse o primeiro beijo sabe? Uma coisa que eu não sabia fazer, eu não sabia o que estava fazendo.

P: E ele sabia que você não sabia?

E: Ele sabia que eu era virgem, eu conversava com ele mas eu nunca tinha citado isso sabe, que eu nunca tinha batido sabe? Mas acho que ele gostou pelo jeito (risos)... Mas pra mim foi ruim, ele bateu pra mim também, mas eu não gostei, não estava sentindo nada, foi horrível. Mas aí eu conversei com minha melhor amiga e tal, ela falou que foi ruim a primeira vez dela também, ela sempre foi meu parâmetro pra sexualidade, ela fez tudo antes, perdeu a virgindade antes com 14 anos, então tudo que eu fazia eu contava pra ela e vice-versa, ela foi meio que me ensinando.

P: E foi a primeira vez que alguém te masturbou?

E: Ahan.

P: E você se masturbava sozinha antes disso?

E: Eu não lembro. Eu acho que não. Não tenho certeza.

P: E depois disso você começou?

E: É que não foi por causa disso, eu não lembro direito se foi antes ou depois na verdade, foi meio que natural assim, não foi uma coisa "agora vou ver como é que é". Foi tipo isso. Sei lá, fui me tocando assim e conhecendo e percebendo o meu corpo.

P: Você sabe mais ou menos com quantos anos você começou?

E: A foi no meu primeiro ano de faculdade, eu tinha uns 17 para 18 anos.

P: Entendi. E como que foi essa relação com a masturbação? Você sentia que aquilo era ok? Ou que era meio estranho?

E: No começo eu achava um pouco estranho assim, mas não achava uma coisa errada, achava que era uma coisa normal. Só que era estranho porque eu meio que não me conhecia direito, mas aí depois foi ficando natural e tipo vi que era muito mais normal que qualquer coisa e daí tranquilo.

P: Antes quando você era mais novinha você pensava a respeito disso?

E: Não, quando eu era mais nova eu nunca pensava sobre essas coisas assim.

P: Você não tinha curiosidade?

E: Não, eu nem sabia como era sabe? O que tinha que fazer, nem pensava, foi uma coisa que assim, um dia assim deu vontade daí eu tentei.

P: Você acha que essa vontade se deu em relação à você ter começado a ficar mais com caras?

E: Acho que não, talvez o clima assim da faculdade, de eu perceber que tudo aquilo era normal, de eu perceber que todo mundo fazia, que não era nada demais, não sei... acho que foi o clima de sexualidade assim, não sei...

P: E você falou que a primeira vez que você bateu e bateram pra você foi horrível, que você não sabia o que estava fazendo e que ele fazendo em você também foi ruim, você sabe explicar melhor essa sensação?

E: Tudo que acontecia na minha sexualidade eu ficava mais aliviada de ter feito, tipo a primeira vez nunca foi muito boa, mas eu ficava aliviada de ter feito, de ter tentado... Mas foi ruim porque eu não senti nada, e tipo doeu um pouco e depois ficou doendo.

P: Você fez com penetração?

E: Sim.

P: E você nunca tinha feito com penetração?

E: Não, e aí tipo foi ruim na prática assim, mas na hora eu não fiquei triste assim nem mal nem nada, foi meio que um alívio assim e por ter sido com um cara que gostava de mim, depois ele quis namorar comigo e tal, eu confiava nele, não achava que ele era cuzão nem nada assim, então pra mim foi tranquilo. Tipo, doeu, foi ruim, mas eu sabia que ia melhorar depois. Principalmente depois que eu conversei com a minha amiga né.

P: Depois que você começou a se masturbar você fazia penetração? Ou era mais externo?

E: Não, foi mais externo. No clitóris.

P: Bom, você falou que quando você estava na escola você disse que todas as suas amigas eram virgens e pra você isso era ok, então você entrou na faculdade e tinham várias pessoas que não eram virgens, como você se sentia com esse status de virgem?

E: Eu sentia que eu não queria estar naquele status, mas ao mesmo tempo eu não tinha vergonha de falar pra ninguém, no meu ano tinha muita gente que ainda era, mas no meu primeiro ano a maioria das minhas melhores amigas não eram virgens, mas pra elas super ok, eu falava e não era problema. Pros meus amigos homens eu nunca queria falar, mas também nunca falei que fiz sabe? A gente conversava, mas não chegava a esse ponto, não que eu tinha vergonha assim, eu lidava bem com isso.

P: Mas você disse que não queria ser virgem, por que você acha que não queria?

E: Eu não sei, era meio que um status pra mim, não pros outros, mas pra mim mesma sabe? Eu sentia que faltava aquilo e eu queria muito fazer. Mas eu não tinha pressa porque não tinha ninguém com quem eu quisesse fazer. Eu queria dizer que eu não era virgem.

P: Então podemos dizer que você queria ter conhecido o cara certo antes?

E: É, mas eu não estava com pressa de conhecer ninguém. Não sei. É eu queria na verdade né, na época eu queria conhecer alguém, mas não tinha conhecido.

P: Você me falou que faltava “aquilo” pra você, eu sei que é meio subjetivo, mas você poderia me explicar melhor, faltava isso pra você em que sentido?

E: Não é um desejo de que aconteça tipo hoje sabe? Mas era uma sensação de que se você não fizer aquilo você não vai estar completa sabe? Era uma sensação que eu tinha que fazer aquilo pra eu ficar tranquila, tipo “já fiz”. Eu não queria fazer a primeira vez, eu queria pular pra quinta já sabe? Tipo “a primeira vez vai doer e ser ruim” e eu queria me livrar logo daquilo. Eu pensava nisso e não queria mais pensar e aí faltava...

P: Você pensava em ser virgem e perder a virgindade?

E: É, era uma coisa que ocupava os meus pensamentos.

P: Você diria que as expectativas que você tinha em relação à primeira vez é que não ia ser muito legal, que ia doer?

E: Sim. Porque muitas pessoas me falaram isso. Eu perguntava pras pessoas de como foi a primeira vez delas e pra cada uma foi diferente, mas a maioria falava que doía então eu fiquei com medo. Sempre perguntava pras minhas amigas.

P: Foi com o seu namorado né?

E: Foi, o Diogo.

P: Antes de você conhece-lo, você me contou de um cara que você bateu pra ele e ele pra você, você fazia preliminares antes dele?

E: Não, antes dele não, foi a primeira vez.

P: E você continuou ficando com ele?

E: Não, a gente ficou por mais um tempo, mas aí me deu bode.

P: Vocês experimentaram outras coisas?

E: Não, foi a única vez que a gente fez alguma coisa na verdade.

P: Entre esse cara e o Diogo, tiveram quantos outros?

E: Só um. Alias era esse que eu ficava que eu falei que eu fui viajar, eu fiquei com ele em uma festa da faculdade um tempo depois, aí combinamos de ir pra casa de uma amiga minha, já era de manhã a gente dormiu na sala, só estávamos nós dois, eu tava meio bêbada e ele bateu pra mim e eu pra ele e foi isso. Foram esses dois.

P: As outras coisas tipo oral só com o Diogo? Antes de transar?

E: Sim.

P: Me conta mais sobre essa sua relação com o Diogo, como é que era antes de vocês transarem.

E: A gente era amigo da faculdade e ele da minha sala, tipo nunca fomos muito amigos, a gente era colega num grupo de amigos. Ele era uma pessoa que eu olhava e falava “nossa, nunca, jamais”. Aí teve uma vez que a gente saiu eu, ele e mais dois amigos. Aí saímos de novo só nós quatro e acabamos ficando mais amigos, foi aí que começou a rolar mais um clima, e ele sabe dançar, aí dançamos juntos e ele me dava carona. Foi isso, a carona, que a gente conversava no carro, aí numa outra vez a gente saiu de novo e ele me deu carona e a gente acabou ficando no carro. Aí depois disso eu lembro que teve um feriado em novembro e eu ia viajar. Isso sempre foi uma coisa que mexeu muito com a minha cabeça. Uma coisa que me mudou muito foi uma viagem pra um acampamento por três semanas, que eu fui antes de eu entrar na faculdade, me mudou, foi a primeira vez que eu viajei sozinha por tanto tempo, então eu me conheci bastante. Mudei muito depois dessa viagem. Conheci muita gente nova. Mas enfim, as viagens mexiam muito com a minha cabeça e eu fiquei com medo de ir e voltar diferente com ele, aí eu contei isso pra ele, falei tudo. Eu nunca deixei ele contar pra alguém que a gente tinha ficado e tal. Mas enfim, aí eu voltei e eu percebi que nada tinha mudado o que eu sentia por ele, e eu gostava dele. Aí dessa vez a gente saiu de novo assim que eu voltei de viagem.

P: Como você percebeu que você gostava dele?

E: Porque eu fiquei com saudades. Aí nesse dia a gente saiu, a gente jantou e fomos para um bar de carro, quando a gente chegou a gente começou a se beijar antes de sair do carro, no fim a gente ficou tipo três horas dentro do carro. Acho que foi nessa vez que eu senti que começou minha iniciação sexual de verdade, porque das outras vezes foi meio de praxe sabe? Queria ver como era e não foram boas. Dessa vez não, acho que eu tive atitude minha, eu que tirei a blusa etal. Nesse dia que tinha sido a primeira vez que a gente saiu só nós dois e ele bateu pra mim, foi muito bom, a

primeira vez já tinha sido bom sabe? Meio que a gente criou uma conexão, a gente ficou muito tempo conversando esse dia, a gente ficou muito tempo junto.

P: Das outras vezes que você se refere eram de beijo ou preliminares?

E: Preliminares. Esse dia foi muito bom, a gente sempre fala desse dia, foi muito bom pros dois. Depois desse dia todas as vezes que a gente saía, a gente se pegava no carro. No começo só ele batia pra mim, não sei porque eu não queria bater pra ele (risos). Ele sempre foi um cara que eu confiava muito desde a primeira vez sabe? Ele nunca forçou nada, fui sempre eu que tomava a iniciativa, acho que isso era uma prova de que eu podia confiar muito.

P: No sentido de esperar seu tempo? De não contar pra ninguém.

E: É, de eu me aceitar, essas coisas. Aí depois de um tempo eu comecei a bater pra ele, não sei depois de quanto tempo. Aí depois ele me chupou primeiro, acho que foi no carro, eu nunca tinha chupado ainda. Na verdade eu não sei muito a ordem dos fatos, tudo se mistura, só lembro de uns flashes, mas enfim, teve uma vez que em dezembro, a gente ficou a primeira vez em novembro, aí em dezembro a gente foi viajar pra praia com uma galera, minha mãe não foi, foi a primeira vez que eu viajei sozinha. Eles já sabiam que a gente tinha ficado, aí eu e ele dormimos no mesmo quarto, ele nem sabia que a gente ia dormir no mesmo quarto, quando eu contei ele ficou mó feliz. Aí nessa primeira noite que a gente dormiu junto foi a primeira vez que eu chupei ele, foi um negócio estranho, tipo eu engasgava, não sabia direito, mas como essa minha amiga gostava muito, pra mim não foi tão assustador.

P: Você tinha uma expectativa positiva?

E: Eu não tinha muita expectativa, eu queria fazer, pra agradar ele e pra experimentar também, tipo eu também tenho amigas que detestam e não fazem, eu gosto, foi meio que uma experimentação né. Aí nesse dia ele me chupo e eu chupei ele. Aí teve uma hora que eu estava em cima dele e ele perguntou se eu era virgem, eu falei que era, ele me disse que não queria forçar nada e tal que só faria se eu quisesse. Aí eu decidi que queria tentar, mas aí ele colocou um pouquinho e já começou a doer muito, aí eu falei que não ia dar e não rolou. No dia seguinte eu não tentei. Aí a gente só foi transar mesmo em Março.

P: Como você se sentiu quando ele perguntou se você era virgem?

E: Já tinham me perguntado, esses dois caras que eu fiquei antes também perguntaram. Sei lá, eu não tinha vergonha de falar. Já achava que ele podia ter essa dúvida. Eu não tinha vergonha, só não saía contando pra todo mundo (risos).

P: E o que você acha que fez com que você decidisse tentar aquela vez na praia?

E: Acho que muito pelo ambiente, só estávamos nós dois, estava romântico, a gente estava gostando, mas depois eu percebi que eu ainda não estava preparada, tipo não ia ser legal se fosse daquela vez, eu não estava nem um pouco relaxada. Querendo ou não a gente tinha ficado só por um mês.

P: O que você sentia por ele naquela época?

E: Eu sentia que eu gostava muito dele. Pra eu dizer que eu amava ele demorou seis meses. Demorou bastante...eu sempre fui muito confusa, teve várias vezes que eu pensei em terminar...ai eu conversava com as minhas amigas e teve uma amiga minha que me disse "tenta ficar com ele sem ficar pensando nisso", porque eu pensava demais...descobri depois que isso era meu problema, eu ficava com os caras e ficava pensando, não me deixava levar sabe?! E aí, eu resolvi me soltar e falar "foda-se", não vou pensar em nada, vou curtir e pronto. E continuando a história da viagem pra praia, puts, nessa viagem, foi uma das vezes que eu fiquei com um bode dele, porque eu fui com uns amigos da escola, e fazia tempo que eu não saía com eles....sabe quando volta um sentimento? Eu meio que fiquei dividida entre uma vida e a outra, entre estar com meus amigos da faculdade e com ele, ou ficar com meus amigos da escola e voltar pra minha vida de antes..nessa viagem eu meio que tive uma crisezinha....mas aí no dia que ele foi embora eu fiquei morrendo de saudades (risos). Aí transar dessa vez não rolou, e eu nem tentei também...porque eu não tava preparada....mas depois eu relaxei e fiquei mais de boa de ficar com ele no quarto e não acontecer nada. Aí uma vez a gente tava no quarto e os pais dele tinham ido viajar...tava a gente e o irmão dele em casa só. E aí nesse dia eu fui dormir na casa dele, e aí nessa época eu ainda não tinha contado pra mim mãe.

P: Mas ela sabia que vocês estavam ficando?

E: Ela soube um tempo antes...que eu falei que estava ficando com um menino e eu falei "mãe, to quase namorando"...mas pra ela deixar eu dormir na casa dele demorou bastante. A primeira vez que eu tentei perguntar ela não deixou, e aí eu fiquei brava e pensei "ta vendo, é por isso que eu não conto"...mas depois ficou mais de boa..ai os pais dele tinham ido viajar, e nesse dia eu pensei "se rolar rolou, se não rolar não rolou", tava muito tranquila. E a gente dormiu no quarto dos pais dele....eu falei, "não, vamos dormir no seu", e ele falou que não tinha problema e aí a gente foi. Aí sei lá, foi acontecendo, acontecendo e aí eu falei "vamos tentar", e aí foi....e foi bem engraçado, porque

tipo, eu não sabia (rindo) e aí eu ficava tipo “já foi?”, “já foi?”, e aii, foi muito engraçado...teve uma hora que eu falei “foi?”...e ele falou “meu, eu tô dentro de você” (risos)...e aí nem doeu tanto, foi até um pouco bom....foi bom...fiquei tão feliz que tinha sido que foi muito bom...a gente tomou banho junto depois e ficou o maior love e tal..

P: E como você se sentiu durante e depois?

E: Foi meio rápido assim...ele não chegou a gozar nem nada...não sabia o que era gozar....o que ia acontecer, aí a gente ficou um tempinho e eu falei “ta bom”, porque eu não sabia qual era o final sabe? Quando que acaba? (risos)...juro...era muito perdida....mas depois não lembro. A primeira vez eu lembro bem da cena...mas foi bem bom

P: E você nunca tinha perguntado pras suas amigas como acabava? O que era gozar?

E: Então, já, eu sabia que ele tinha que gozar, mas não sabia que saía um jato..(risos)

P: E teve algum planejamento tipo pílula, camisinha?

E:Então, a primeira vez foi com camisinha, e no começo também...e eu já tinha vacina de HPV. Mas eu era muito noitada...alias, preciso comprar pílula...esqueci. Depois que fui na ginecologista (arranjei uma desculpa pra minha mãe, dizendo que também era pra controlar espinhas e tal), eu comecei a tomar....mas mesmo tomando pílula eu usava camisinha...demorou bastante pra tirar.

P: E porque você tomou essa decisão?

E: Foi ele que insistiu...eu não queria muito, mas aí teve um dia que foi sem e foi muito bom, aí eu não queria voltar a usar (risos)...eu era noitada no sentido de gravidez e doenças...cheguei até a pedir pra ele fazer exame, mas ele nunca fez (risos)...mas já tô a tanto tempo com ele e nunca aconteceu nada...

P: E você disse que durante se sentiu meio perdida...depois você teve alguma sensação, quando você parou pra pensar no que tinha acontecido?

E: Foi aquela sensação de alívio, tipo “nossa, transei”, e alívio também no sentido de ter sido bom, não ruim...eu contei pra todas as minhas amigas, fiquei muito feliz, minha melhor amiga eu mandei uma mensagem pra ela de manhã....me senti feliz.

P: Você sentiu que mudou alguma coisa em relação ou seu corpo, sua auto-imagem?

E: Sim bastante. Você começa a se ver de outro jeito...antes de você transar, você não se vê na cama...e querendo ou não as vezes você cria um personagem na cama. Você não é só você, as vezes você é o que a outra pessoa também imagina....mudou bastante...mas eu nunca tive muitas restrições assim...eu pretendo experimentar muitas coisa antes de morrer (risos)

P: E você com você mesma?

E: Acho que fiquei mais auto-confiante e mais tranqüila pra falar sobre isso, porque aí eu sabia o que eu tava falando. E na relação com ele mudou bastante...eu senti um carinho por ele muito maior....é uma ligação com ele muito mais forte, porque ele foi o cara que tirou minha virgindade...eu vou lembrar disso pra sempre, criou essa ligação...eu já gostava dele, mas ficou mais forte. Eu sabia que eu sentia uma coisa muito forte antes, mas não sabia rotular...amor, paixão...mas lembro que no dia que aconteceu eu me senti muito apaixonada...tipo “aaa, que vontade de estar com ele”. Foi muito melhor do que eu esperava e foi meio do nada....não estava planejando tipo, “hoje vou transar”.

P: E a sua relação com sua sexualidade de lá pra cá? Masturbação?

E: Acho que tá bem mais tranqüilo, primeiro porque eu comecei a me conhecer bastante, porque eu comecei a ter muita infecção urinária e tinha que ir muito na ginecologista...e eu me conheço bastante, bem mais do que antes.

P: E o que você acha que precisa ter numa boa relação?

E: Sinceridade, que as vezes eu sou pior do que ele nisso, companheirismo....o ideal pra mim seria a gente sempre tá na mesma vibe, na mesma sintonia...tipo eu tô triste e ele feliz ou vice versa. Acho que é bom olhar pro outro e saber que vocês estão sentindo a mesma coisa...e ruim quando um gosta mais que o outro.

P: Você acha que tem papéis diferentes no relacionamento, entre o homem e a mulher?

E: Acho que tem, mas não pelo gênero....mais pelo nosso jeito. A gente tem uma relação saudável acho...é muito difícil a gente brigar..a gente mais conversa, e cada um tem um papel nessa conversa...mas muda...as vezes troca...um se faz de vítima e depois o outro.

P: Você espera coisas dele enquanto homem?

E: Não, nem um pouco....por que tipo...as vezes ele até briga comigo, porque, por exemplo, ele só pagou a conta no nosso aniversário de namora...e na faculdade tem frente feminista e as vezes ele acha que é demais...tipo, ele abre a porta do carro pra mim e eu não gostava, por orgulho, tipo, posso fazer sozinha...e ele falava..só tô querendo te agradar! O que eu espero em relação a ele é que eu quero que ele me ame. Antes era muito mais ele que corria atrás de mim e hoje em dia eu sinto que sou muito mais eu que corro atrás dele. É meio de fase...mas depois passa.

P: Você acha que os homens esperam algo de você enquanto mulher?

E: Sensualidade.....eu acho que antes eu era mais moleca...agora tenho mais esse lado....mas agora namorando acho que desaprendi a coisa da conquista...eu era melhor nisso.

P: Que tipo de mulher você acha que você é?

E: É difícil fugir dos clichês sabe...mas eu me vejo como uma mulher forte, tipo, nunca fui de ficar correndo atrás de alguém e ficar chorando por alguém que não me queria...mas ao mesmo tempo sou um pouco insegura...de achar que o Di não gosta de mim, que eu não sou bonita....mas acho que toda a mulher sente isso as vezes. É que eu sou muito confusa....nao me decido...cada hora eu sou uma coisa.

P: E se você pudesse ser seu modelo ideal de mulher?

E: Uma mulher que não se deixa levar pelos outros e que ao mesmo tempo as vezes abre mão do orgulho pelos outros...um meio termo..uma mulher não tão forte e não tão quieta ou fraca.